

FUNDAÇÃO ARMANDO ALVARES PENTEADO

FACULDADE DE ECONOMIA

**UMA ANÁLISE DA ECONOMIA RUSSA NA ERA PUTIN
(1999 – 2008)**

DANIELA ALVARENGA CUNHA

Monografia de Conclusão do Curso
apresentada à Faculdade de Economia para
obtenção do título de graduação em
Ciências Econômicas, sob a orientação da
Prof^a. Marina Gusmão de Mendonça.

São Paulo, 2008

CUNHA, Daniela Alvarenga. UMA ANÁLISE DA ECONOMIA RUSSA NA ERA PUTIN (1999 – 2008), São Paulo, FAAP, 2008, 77p. (Monografia Apresentada as Curso de Graduação em Ciências Econômicas da Faculdade de Economia da Fundação Armando Álvares Penteado).

Palavras-chave: economia russa, governo Putin, globalização, declínio da União Soviética, Guerra Fria.

Aos meus pais, por sempre me incentivarem. Aos meus irmãos, por me ensinarem as virtudes da paciência. A Deus, por estar comigo em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

À Profª Dra. Orientadora, Marina Gusmão de Mendonça, pelo empenho, paciência e dedicação do início ao fim dessa empreitada. Uma daquelas pessoas admiráveis nas quais nos espelhamos e com as quais procuramos aprender.

Ao Prof. Dr. Áquilas Nogueira Mendes, pelas aulas estimulantes e pelas diversas sugestões que contribuíram para expandir nossa visão sobre o tema.

À Profª Dra. Lucy Sousa, pela ajuda na elucidação de diversos questionamentos.

Ao Prof. Luiz Alberto de Souza Aranha Machado, pelas conversas e por confirmar que o estudo do passado é essencial para a compreensão do presente.

A todos os professores do Curso de Ciências Econômicas da FAAP, por terem enriquecido minha formação.

A todos que, de uma forma ou de outra, me incentivaram e contribuíram para a realização e conclusão deste trabalho.

SUMÁRIO

Lista de Siglas e de Abreviaturas

Lista de Gráficos

Lista de Tabelas

Resumo

INTRODUÇÃO.....	1
1 A DECADÊNCIA DA URSS.....	10
1.1 O Fim da Segunda Guerra Mundial e a Corrida Armamentista.....	10
1.2 O Atraso Tecnológico.....	20
2 O PERÍODO DE ABERTURA E O FIM DA URSS.....	27
2.1 A Crise da Década de 1970.....	27
2.2 A Questão da Globalização.....	31
2.3 A Era Gorbachev (1985 – 1991).....	35
2.3.1 A perestroika.....	36
2.3.2 A glasnost.....	37
2.3.3 O caos político.....	39
2.4 A Era Yeltsin (1991 – 1998).....	42
2.4.1 O programa de privatização.....	44
2.4.2 Conjuntura econômica e política (1992-1999).....	45
3 A ERA PUTIN.....	50
3.1 O Primeiro Governo Putin (2000 – 2004).....	50
3.2 O Segundo Governo Putin (2004 – 2008).....	61
3.3 Balanço e Perspectivas.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	73

LISTA DE SIGLAS E DE ABREVIATURAS

CE -	Comunidade Européia
CEI -	Comunidade dos Estados Independentes
CIA -	Central Intelligence Agency
CBR -	Central Bank of Russia
EUA -	Estados Unidos da América
FMI -	Fundo Monetário Internacional
FSSS -	Federal State Statistics Service
GKO -	Gosudarstvennoye Kratkosrochnoye Obyazatyelstvo
KGB -	Komitet Gosudarstvenno Bezopasnosti
ODIHR -	Office for Democratic Institutions and Human Rights
OECD -	Organisation for Economic Co-operation and Development
ONU -	Organização das Nações Unidas
OSCE -	Organization for Security and Co-operation in Europe
OTAN -	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PCUS -	Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética
P&D -	Pesquisa & Desenvolvimento
PIB -	Produto Interno Bruto
PNB -	Produto Nacional Bruto
QT -	Qualidade Total
RCT -	Revolução Científico-Técnica
URSS -	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	PIB russo (1998 – 2003).....	58
Gráfico 2 –	Rússia: Taxa de juros e CDI (1998 - 2003).....	59
Gráfico 3 –	Rússia: Taxa de câmbio e inflação (1998 - 2003).....	60
Gráfico 4 –	Rússia: Fluxos de capital privado (saldo líquido: 1994 – 2007).....	65

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Taxas médias de crescimento anual do Produto Material Líquido da URSS, segundo estatísticas oficiais soviéticas.....	22
Tabela 2 –	Exportações dos países ocidentais para a URSS.....	28
Tabela 3 –	Crescimento soviético e alocações de recursos, 1960-1985.....	30
Tabela 4 –	Desempenho Macroeconômico Soviético, 1985-1991.....	39
Tabela 5 –	Número de assentos na Duma, por Bloco Partidário.....	51
Tabela 6 –	Rússia - Indicadores Econômicos Básicos, 1998-2003.....	57
Tabela 7 –	Resultado das eleições presidenciais russas – 2004.....	61
Tabela 8 –	Rússia - Indicadores Econômicos Básicos, 2003-2007.....	62
Tabela 9 –	Rússia - Exportações de Petróleo, 2000-07.....	64
Tabela 10 –	Rússia - Fluxos de Capital Privado, 1994-2007 (US\$ bilhões).....	64

RESUMO

Esta Monografia analisa a trajetória da economia russa, desde o final da Segunda Guerra Mundial até os dias atuais. Destaque será dado ao desenvolvimento do capitalismo na era Putin em meio à nova fase da globalização. No caso da Rússia, pode-se dizer que a transição para uma economia de mercado não resultou das contradições do modo de produção soviético. A transição para o capitalismo na Rússia significou uma transformação no modo de apropriação dos excedentes, antes pelo Estado e, a partir de então, principalmente pelos “oligarcas”. O trabalho analisará como se deu tal transformação e suas conseqüências. O estudo da Rússia é hoje de fundamental importância para qualquer pessoa que se disponha a discutir a economia mundial. Além disso, o estudo da História Econômica permite que olhemos para o passado e tenhamos uma nova visão sobre os acontecimentos, propiciando que conexões, antes perdidas, sejam retomadas.

Palavras-chave: economia russa, governo Putin, globalização, declínio da União Soviética, Guerra Fria.

INTRODUÇÃO

Esta monografia compreende um estudo da economia russa na era Putin e sua inserção no capitalismo internacional.

A estruturação e o desenvolvimento deste trabalho monográfico estão alicerçados nas obras de autores que, de uma forma ou de outra, contribuíram para o desenvolvimento do tema. Ênfase será dada àqueles cuja metodologia não dissociou “*a análise econômica dos fatores históricos globais e, principalmente, da análise social*”.¹ O estudo buscará, mediante levantamentos e estudos de dados, uma maior compreensão da economia russa a partir da eleição de Vladimir Putin em 1999.

Uma das peculiaridades do estudo da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e da Rússia está na questão da confiabilidade das informações, visto que os dados econômicos são de acesso restrito e/ou de origem duvidosa. Para contornar esse problema, optamos, nesse trabalho, por utilizar autores que apresentam diferentes séries para um mesmo índice. Assim, caso tenha havido alguma super ou subestimação de valores, pode-se supor que a trajetória verdadeira se situe entre os extremos. É importante notar, porém, que as séries “*(...) podem esconder as transformações estruturais essenciais sob o aspecto contínuo de curvas ininterruptas*”.²

Do mesmo modo,

a mutação histórica decisiva pode não estar inscrita nas séries endógenas de um sistema dado, mas resultar ou de uma inovação da qual nenhuma contabilidade anterior deixou qualquer sinal, ou de um fator exógeno que venha a transformar, em profundidade, o equilíbrio multissecular do sistema.³

Portanto, a utilização de dados quantitativos não visará, por si só, proporcionar ao leitor o entendimento total dos fatos. Junto deles estão interpretações e explicações, visando a complementação entre os dados de caráter econômico e de caráter histórico. As séries de dados obtidas foram tabuladas e, quando necessário foram elaborados gráficos para demonstrar e/ou comprovar o ponto discutido.

¹ CARDOSO, C. F. & BRIGNOLI, H. P. A evolução recente da ciência histórica. In: *Os Métodos da História*. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1975. p. 53.

² Ibid, p. 47.

³ FURET apud CARDOSO & BRIGNOLI, 1975, op. cit., pp. 47-48.

A escolha do tema se deu em virtude de uma curiosidade em obter respostas mais detalhadas acerca do estado da economia russa após os anos de Guerra Fria, e como se chegou a tal estado.

Assim, foram buscadas fontes que pudessem, de alguma forma, saciar tal curiosidade. A primeira fonte que deve ser mencionada é, sem dúvida, o livro de Eric Hobsbawm⁴ sobre o século XX. Nele, o autor faz um apanhado do período, analisando os mais relevantes acontecimentos e suas conseqüências, subdividindo-o em três seções: A Era da Catástrofe (1914-50), A Era de Ouro (1950-75), e o Desmoronamento (1975-91 e além). Dos pontos relevantes para o tema, Hobsbawm mostra que, durante as primeiras décadas de Guerra Fria, o capitalismo e o socialismo estavam em situação de “empate técnico”, e a competição fez que ambos tivessem que mostrar a que vieram economicamente. Hobsbawm afirma que, mesmo que o socialismo tenha falhado, o capitalismo tampouco saiu imune, perdendo seu norte.

Ele acredita que o capitalismo seja uma força desregrada, inerentemente caótica, que só conseguiu dominar grande parte das economias graças à falha do socialismo em se manter e em se desenvolver como um modelo possível. O socialismo, sob todas as suas formas, ajudou a identificar um papel para o Estado na questão da administração das relações humanas. Sem sua condução, as forças de mercado continuarão a causar danos ecológicos e sociais, e não estarão submetidas à direção humana.

A experiência do século XX diminuiu a confiança no Estado e isso reforçou o liberalismo, a que Hobsbawm se opõe. A tentativa mais substancial de demonstrar o que poderia ser atingido por uma elite política no comando do aparato estatal veio quando os bolcheviques estabeleceram o governo na Rússia, depois da revolução de 1917. O que se seguiu é, ainda hoje, alvo de controvérsias, pois ainda é difícil explicar a necessidade do uso da opressão como forma de satisfazer as necessidades do povo; da mesma maneira, também é difícil explicar o porquê de as necessidades do povo não terem sido satisfeitas, e como a URSS entrou em uma espiral de estagnação que levou ao seu colapso.

Outro autor que merece menção é Robério Paulino Rodrigues⁵, num trabalho em que descreve os motivos do colapso da URSS. Tendo em vista essa questão, o autor inicia sua análise comentando o período que vai do golpe que derrubou Kruschev, em outubro de 1964,

⁴ Veja-se: HOBBSAWM, E. *A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª ed., 1995.

⁵ RODRIGUES, R.P. *O colapso da URSS: um estudo das causas*. Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo – USP. p.228, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-11072007-112541/>. Acesso em: 18 fev.2008.

até março de 1985, com o início da *perestroika*, época considerada como de paralisia da economia soviética, em contraponto ao aumento da influência da URSS nos campos nuclear, espacial e naval.

O autor mostra como o país e seus satélites já não mais cresciam em ritmo acelerado na década de 1970, como ele foi afetado pela crise mundial que atingiu o sistema capitalista. Também foi nos anos de 1970 que, finalmente, ficaria evidente a defasagem econômica e tecnológica da URSS face às potências capitalistas. Além disso, o modelo econômico também dava sinais de desgaste, devido a dificuldades em manter o ritmo de utilização de mão-de-obra e de recursos naturais. Ainda segundo o autor, o grande motivo por trás do atraso tecnológico seria o sistema ditatorial, que atravancava qualquer sinal de dinamismo.

Quanto à análise da *perestroika* e da *glasnost*, Rodrigues, mais uma vez, nos oferece um panorama da sociedade soviética e de suas carências. Para ele, as reformas eram necessárias como uma resposta a mudanças internas e externas que ocorriam no mundo da época, e não como uma resposta a apelos populares.

Segundo Rodrigues, a grande falha da *perestroika* eram sua falta de consistência e a impossibilidade de se saber onde as reformas econômicas terminariam. Já a *glasnost* surgiu como pré-condição para a primeira, constituindo-se de um conjunto de reformas políticas que, uma vez implementadas, marcariam um caminho sem volta para a democratização da URSS e do Leste Europeu.

O autor discute ainda as dificuldades encontradas na implementação das duas reformas, e como elas foram cruciais para a perda de apoio de Gorbachev e, inversamente, para o aumento da popularidade de Boris Yeltsin, eleito presidente da República Russa, em 1991.

Outro autor que estudou profundamente a URSS e a Rússia é Ângelo Segrillo⁶, cuja obra abrange desde os motivos que fizeram que a URSS entrasse em colapso até a era Putin.

Em *O Declínio da URSS*, Segrillo demonstra como os efeitos nefastos do stalinismo foram sentidos na URSS até seu desmantelamento, frisando o papel essencial que a burocracia e o engessamento estatal tiveram para que isso ocorresse.

A primeira parte do livro trata das principais causas que levaram à implementação da *perestroika*, as quais, para Segrillo, decorrem da conjuntura econômica e tecnológica da

⁶ Vejam-se: SEGRILLO, A. *O Declínio da URSS: um estudo das causas*. Rio de Janeiro: Record, 2000. *O Fim da URSS e a Nova Rússia: de Gorbachev ao pós-Yeltsin*. Petrópolis: Vozes, 2000a.

Excluído: .

Excluído: ¶

URSS naquele momento. Ele mostra as dificuldades enfrentadas pelo sistema soviético em manter os níveis de crescimento de produção altíssimos a partir da década de 1960. Segrillo, diferentemente dos críticos liberais, não concorda que o socialismo tenha uma ineficiência inerente, já que a economia soviética cresceu entre os anos 1930 e 1960, além de estar na vanguarda da tecnologia aeroespacial e militar. Porém, essa eficiência não foi transferida para outros setores produtivos. Para ele, além da defasagem tecnológica que “*foi se tornando cada vez maior, chegando a um ponto crítico em meados dos anos 70 e se tornando um fosso catastrófico na década de 1980*”⁷, havia também a questão de o desenvolvimento tecnológico não se refletir no nível de vida da população.

O autor explica que o motivo da defasagem foi a ocorrência da Terceira Revolução Industrial (entre as décadas de 1950 e 1970), cujas principais características são: a introdução da energia nuclear no dia-a-dia e a utilização de computadores para a produção. A URSS apresentou dificuldades para se adaptar a essas mudanças, uma vez que a dinâmica da competição econômica havia mudado, não se baseando no *fordismo*, mas, sim, em algo mais flexível e inovador, o *toyotismo*. Para analisar e situar essa transformação, Segrillo se vale da teoria dos ciclos econômicos de Kondratiev, supondo que a economia soviética operava como um empreendimento seguidor do *fordismo*.

Segrillo se pergunta por que a URSS não foi capaz de se adaptar aos novos paradigmas de produção, acrescentando, acerca do modelo de produção soviético, se “*poder-se-ia qualificá-lo de socialista?*”. O autor argumenta que apenas as relações sociais de produção eram modificadas mediante a socialização dos meios de produção e que, para uma sociedade socialista de fato, seria necessário que as forças produtivas também se desenvolvessem, a fim de superar o capitalismo. Ele termina por concordar que a URSS poderia ser encarada como uma “*sociedade ‘de transição’ entre capitalismo e socialismo (Trotsky)*”⁸.

Já em *O Fim da URSS e a Nova Rússia*, o autor analisa a evolução da Rússia, desde quando ainda era URSS, passando pela *perestroika* até chegar à era Putin, objetivo deste trabalho. O autor é pioneiro no Brasil no que tange à análise deste último período, especialmente devido à abrangência com que ele aborda a economia e a política russa.

Segrillo inicia o livro analisando as origens da *perestroika* e o porquê de sua introdução. Para o autor, tal processo não aconteceu da noite para o dia; na verdade ele vinha

⁷ SEGRILLO, 2000, op. cit., pp. 26-27.

⁸ Ibid., p. 108.

como resultado da estagnação em que se encontrava a URSS após a Revolução Científica e Tecnológica. Mostra também que a *perestroika*, em sua concepção original, não significava uma abertura gradual para o capitalismo, mas, sim, uma tentativa de adequação a novas demandas, principalmente externas. O fato de a *perestroika* ter preconizado a desestabilização do sistema soviético resultou da combinação de desequilíbrios e pressões internas com fatores externos, os quais o Estado não conseguiu controlar.

O autor identifica quatro fases nesse processo: 1. A Descentralização Socialista (1985-1987); 2. Transição (1988); 3. A Economia de Mercado (1989 e início de 1990); 4. Desintegração e Restauração Capitalista (fim de 1990-1991).

Outro ponto interessante levantado pelo autor é o papel dos conflitos étnico-nacionais na URSS e sua influência como força política e econômica. Também são analisados os papéis representados por Mikhail Gorbachev e Boris Yeltsin como agentes das mudanças que ocorreram na URSS e, posteriormente, na Rússia.

Segrillo mostra a evolução política e econômica da Rússia, os conflitos entre Yeltsin e o Parlamento, a crise de 1998, e as volumosas denúncias de corrupção contra Yeltsin, culminando com sua renúncia em 1999 e a posterior eleição de Vladimir Putin para o cargo de Presidente.

O autor também se debruça sobre o processo de privatizações e reformas russo que tanto beneficiou os oligarcas, ao permitir que setores-chave da economia fossem divididos entre poucos. Segrillo delinea os perfis dos oligarcas, membros remanescentes da elite, entre os quais, destaca: Berezovsky, Khodorkovsky, Potanin e Vinogradov.

Ao final, Segrillo aponta possíveis caminhos para a Rússia do século XXI, destacando os papéis cruciais a serem desempenhados pelo capital intelectual e pela coesão social do país.

Conforme já dito, o objetivo deste trabalho é analisar como o capitalismo russo se desenvolveu durante o governo Putin e como a economia russa se insere no mundo globalizado do século XXI. Inicialmente, ênfase será dada na dinâmica interna da transição para uma economia de mercado, deixando claro como se deu essa transição. Será mostrado que a transição foi dirigida por forças internas liberadas pela integração do sistema soviético ao capitalismo global, produzindo combustíveis baratos e matérias-primas, ao mesmo tempo em que importava bens de consumo e manufaturados, enquanto a produção doméstica se esvaía, incapaz de competir, tendo em vista a tecnologia arcaica e uma organização social de produção inadequada às condições de mercado.

Quanto à questão do sistema soviético, cabe aqui um parêntese: alguns autores argumentam que o modo de produção vigente na União Soviética não se configurava como socialismo, mas, sim, como capitalismo monopolista de Estado. É preciso salientar que o conceito de capitalismo monopolista de Estado originou-se no início da década de 1950, na União Soviética e na Europa Oriental. Apesar de existirem várias tendências diferentes, sua tese central é a de que:

O desenvolvimento das forças produtivas e a centralização e concentração do capital produzem um Estado que intervém na economia em favor dos monopólios, em parte por causa da contradição entre as relações de produção e as forças produtivas cada vez mais socializadas, em parte devido à importância dos monopólios para o consumo da economia, e, em parte, finalmente, por força da necessidade que têm os monopólios da administração do ciclo econômico pelo Estado.⁹

Ressalte-se que não é intuito deste trabalho aprofundar-se na análise de tal questão, mas é importante mencionar sua existência. Dentre os autores que defendem a tese de que o modo de produção soviético configurou-se como capitalismo de Estado, destacam-se Paul Boccara¹⁰, Bob Jessop¹¹ e Paul Sweezy e Paul Baran¹².

Por outra parte, é preciso analisar os efeitos e a eficácia da *perestroika* como pontapé inicial para a abertura econômica russa e a tentativa de permitir que o país acompanhasse o mundo ocidental e a Terceira Revolução Industrial. Também serão analisados os fatores que permitiram que a Rússia se recuperasse economicamente após a forte crise do final dos anos de 1990, bem como a forma pela qual o governo Putin conseguiu reverter o fiasco econômico da era Yeltsin e levou a Rússia a crescer novamente.

Assim, tentar-se-á determinar como a crise financeira de 1998 e a alta dos preços internacionais de petróleo e de gás abriram espaço para que a economia voltasse a adquirir dinamismo, apesar de o país se manter basicamente como exportador de matérias-primas. Buscar-se-á, portanto, mostrar o papel das riquezas minerais e de seus subprodutos para a economia russa, bem como verificar se um modelo baseado na produção e exportação dessas riquezas é sustentável.

Justifica-se tal estudo pelo fato de a Rússia ocupar uma posição singular na história da humanidade. A importância econômica, política, social, cultural e geográfica do país, que

⁹ BOTTOMORE, T. (Org.) *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. pp. 55-56.

¹⁰ Veja-se: BOCCARA, P. (Org.) *Le Capitalisme Monopoliste d'État. Économie et société*. Paris: Sociales, 1974.

¹¹ Veja-se: JESSOP, B. *The Capitalist State*. New York: New York University Press, 1982.

¹² Veja-se: BARAN, P. & SWEEZY, P. *Capitalismo monopolista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

acabou por influenciar o modo de vida e moldar os sonhos e expectativas de muitas gerações, fazem da Rússia a candidata ideal para a busca de um conhecimento mais aprofundado.

Os defensores do livre mercado acreditam que o capitalismo é o que as pessoas fazem quando são deixadas sozinhas (elas compram, vendem, barganham e competem) e, assim, um sistema de mercado surgiria espontaneamente quando as amarras socialistas fossem removidas. No desenvolvimento do trabalho, constata-se que, na Europa do Leste e nas repúblicas que se seguiram à União Soviética, muito do capitalismo surgiu sozinho, incluindo o que é hoje conhecido como capitalismo *nomenklatura*, ou seja, a apropriação informal de empresas pertencentes ao Estado, ou partes delas, por antigos oficiais comunistas. De qualquer maneira, a privatização e a entrada na economia de mercado das grandes firmas estatais, que totalizam o grosso da produção industrial e uma parte significativa da produção total e do emprego, não avançaram muito.

A responsabilidade pela desintegração da economia russa foi colocada no que os meios de comunicação ocidentais chamam de “cleptocracia”. O termo tem uma intenção clara de esconder a falha da implantação do capitalismo na Rússia e da resultante devastação da economia do país, responsabilizando, assim, um regime tão corrupto, que um novo termo teve de ser inventado. Afinal, essa imensa onda criminoso começou verdadeiramente apenas quando o governo abertamente capitalista de Boris Yeltsin – auxiliado e financiado por representantes oficiais do imperialismo norte-americano e europeu – iniciou sua tentativa de transformar a Rússia, de um degradado Estado de operários, em um Estado capitalista. Nenhuma pessoa com o mínimo de conhecimento acerca dos eventos mundiais poderia acreditar que tudo teria ocorrido sem o conhecimento e a responsabilidade dos representantes políticos e financeiros do mundo capitalista.

A partir de 1985, Mikhail Gorbachev tentou reformar um sistema econômico que havia progressivamente perdido seu dinamismo durante os anos de estagnação. Seu programa, a *perestroika*, procurou introduzir elementos de mercado no comando administrativo soviético de gerenciamento econômico e, eventualmente, voltado para um programa de desenvolvimento de uma economia de mercado. A transição para a economia de mercado terminou sob o comando de Boris Yeltsin, que abandonou o sistema de comando administrativo e liberou a maioria dos salários e preços do controle governamental, ao final de 1991.

Esperava-se que tais reformas levassem a Rússia a uma rápida transformação, com investidores aproveitando-se de trabalhadores qualificados e tecnologia avançada que haviam

construído a máquina militar socialista. Mas, na verdade, o que aconteceu foi um desastre: uma longuíssima e profunda recessão, incluindo um declínio na produção industrial duas vezes maior do que aquele provocado pela invasão de Hitler na União Soviética, durante a Segunda Guerra Mundial. O colapso da produção foi acompanhado por um colapso dos investimentos, resultando no envelhecimento do parque industrial russo.

De acordo com Gaddy e Ickes,

em 1997, o nível geral de investimentos de capital nos setores produtivos da economia (indústria, agricultura, transporte e comunicação) representou 17% do que foi em 1990 (antes da dissolução da União Soviética). Nos setores metalúrgicos e de engenharia, o volume de gastos com fábricas e equipamentos não foi mais do que 5,3% do nível de 1990.¹³

Após a crise de agosto de 1998, os principais indicadores econômicos começaram a se recuperar, o que é atribuído à desvalorização do rublo e ao aumento dos preços mundiais de petróleo e de gás, que totalizam metade das exportações russas e $\frac{3}{4}$ das receitas do Estado. Porém, os padrões de qualidade de vida seguem bem abaixo dos níveis pré-crise, com salários e nível de emprego baixos.¹⁴

Uma grande parcela do Produto Interno Bruto (PIB) russo é controlada por um punhado de industriais poderosos que, muitas vezes, violam a lei, e cuja extensão do patrimônio é difícil de ser calculada. Mas, sob Putin, a atividade política foi transformada em *lobby* agressivo; governança corporativa tornou-se um tópico de discussão e ações vêm sendo tomadas; e a idéia de investir os lucros localmente tornou-se muito atraente. Isto é o que vem sendo chamado de nova face do capital oligopolista russo.

A Rússia passou os primeiros anos após a queda do regime soviético no fundo do poço. Sua economia estava completamente em frangalhos, a tecnologia era obsoleta e o país simplesmente não conseguia mais ter um papel de destaque no cenário internacional. Atualmente, porém, o clima caótico da década de 1990 foi substituído por certo dinamismo econômico. Quais os fatores que fizeram que a economia russa começasse a se recuperar? É um modelo sustentável? A Rússia será muito afetada pela crise econômica iniciada em 2007?

¹³ GADDY & ICKES apud WEINSTEIN, N. Why Capitalism Founders in Russia. *Socialist Action* (out-1999). (Tradução nossa - D.A.C.) Disponível em: <<http://www.socialistaction.org/news/199910/russia.html>>. Acesso em: 12 dez. 2007.

¹⁴ Ibid, 1999.

O conjunto de reformas econômicas e políticas implementadas por Gorbachev, no final da década de 1980, foi realmente um passo necessário a ser dado? Afinal, como bem nota Rodrigues,

Após três anos do início da *Perestroika*, a distância entre as promessas da reforma econômica e os resultados de uma economia cada vez mais emperrada e agora desarticulada aumentava dia a dia, gerando dúvidas quanto à eficácia das mudanças no sentido de gerar melhorias e reduzindo-lhe o apoio.¹⁵

O início da ruína da URSS se deu primordialmente devido a essas reformas? Ou as causas são mais antigas? É a estas perguntas que procuramos responder neste trabalho.

Esta monografia está dividida em três capítulos.

O primeiro propõe discutir alguns dos fatores que engendraram a necessidade de reformas políticas e econômicas na União Soviética ao final dos anos de 1980. Analisa, assim, o período que se estende desde o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, até 1985, quando se iniciou o processo de abertura política e econômica, marcado por diversos acontecimentos que hoje são fundamentais para o entendimento da Rússia atual.

O Capítulo II propõe analisar mais profundamente os fatores que pressionaram o sistema soviético, precipitando sua abertura econômica e política. Os papéis desempenhados por Mikhail Gorbachev e Boris Yeltsin na condução desse processo são também examinados, incluindo o jogo das forças políticas na União Soviética.

Por fim, o Capítulo III propõe discutir os fatores que permitiram que a Rússia se recuperasse economicamente após a forte crise do final dos anos de 1990, bem como a forma pela qual o governo Putin conseguiu reverter o fiasco econômico da era Yeltsin, e levou a Rússia a crescer novamente. Propõe também discutir o papel econômico e político da Rússia no século XXI. Finalmente, trata da crise capitalista que assola o mundo e de seus efeitos na Rússia.

¹⁵ RODRIGUES, 2006, op. cit., p. 228.

CAPÍTULO I

A DECADÊNCIA DA URSS

A análise do processo que levou à decadência da União Soviética será iniciada com uma discussão acerca de alguns dos fatores que engendraram a necessidade de reformas políticas e econômicas no país, ao final da década de 1980. O período que se estendeu desde o final da Segunda Guerra Mundial, até 1985, quando se iniciou o processo de abertura política e econômica soviética, foi marcado por diversos acontecimentos que hoje são fundamentais para o entendimento do mundo atual. Este capítulo tentará elucidar esses fatos, iniciando com um panorama do mundo ao final da Segunda Guerra Mundial e sua divisão em duas zonas de influência. Posteriormente, será dada ênfase ao atraso tecnológico que marcou a economia soviética, especialmente a partir da década de 1970, e que se configurou em uma das causas da ruptura do sistema duas décadas mais tarde.

1.1 O Fim da Segunda Guerra Mundial e a Corrida Armamentista

Após a derrota alemã na Segunda Guerra Mundial, os líderes dos países vencedores se encontraram em uma série de conferências, cujo intuito era redefinir o mundo pós-guerra. O encontro mais relevante foi o de Potsdam, em julho de 1945, no qual os países Aliados dividiram a Alemanha em quatro zonas, que seriam controladas por França, Grã-Bretanha, Estados Unidos (EUA) e URSS. Berlim, que se encontrava na zona sob controle soviético, também foi dividida em quatro áreas.

Mesmo antes da guerra, já existia um alto nível de desconfiança entre soviéticos e americanos, o que fomentava a espionagem mútua. Foi por meio dessas operações que o líder soviético, Josef Stalin, descobriu que os americanos desenvolviam o Projeto Manhattan, com o objetivo de fabricar a bomba atômica.

Assim, o chefe soviético não se mostrou muito surpreso quando Truman lhe deu a notícia na Conferência de Potsdam – ele sabia da bomba havia muito mais tempo que o novo presidente americano. Mas reagiu fortemente quando os Estados Unidos foram em frente e usaram a bomba contra os japoneses três semanas depois. Um teste no deserto era uma coisa, usar realmente a arma era outra. ‘A guerra é uma barbárie, mas usar a bomba atômica é superbarbárie,’ reclamou Stalin ao saber da destruição de Hiroshima.¹⁶

¹⁶ GADDIS, J. *História da Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. p. 24.

Desse modo, com o final da Segunda Guerra Mundial, emergiram duas superpotências: de um lado, os EUA e, de outro, a URSS. O papel do primeiro seria o de representante do capitalismo e dos valores ocidentais. Já à URSS caberia defender o ideal socialista e tudo o que ele representava. A emergência de um mundo bipolar deu início a uma nova configuração geopolítica mundial, antes pautada pelo jogo multipolar e pela grande força britânica.

O período que se estende de 1945 até aproximadamente 1990 é chamado “Guerra Fria”¹⁷ e pode ser subdividido em duas fases, tendo o início da década de 1970 como divisor de águas.

Apesar de os EUA e a URSS travarem uma guerra velada, gerações foram influenciadas pelas idéias correntes naquele momento, de que um conflito militar e nuclear poderia eclodir a qualquer instante. Segundo Hobsbawm,

A peculiaridade da Guerra Fria era a de que, em termos objetivos, não existia perigo iminente de guerra mundial. Mais que isso, (...) os governos das duas superpotências aceitaram a distribuição global de forças no fim da Segunda Guerra Mundial (...).¹⁸

Com a definição de zonas de influência na Europa, durante a Conferência de Potsdam, Moscou rapidamente estabeleceu sua primazia sobre os Estados do leste do continente, com o objetivo de evitar a recorrência de invasões territoriais similares às efetuadas pela Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. Para consolidar seu poder, a URSS estabeleceu governos aliados na Bulgária, na Hungria e na Romênia. Winston Churchill chamou de “cortina de ferro”¹⁹ essa divisão entre Europa Ocidental e Oriental.

Quanto à divisão das zonas de influência no restante do mundo, reinava o caos, excetuando-se o Japão. Isso se deveu ao início da desagregação dos impérios coloniais europeus, cuja orientação futura ainda não era clara, e cuja área de maior disputa era a Ásia. De qualquer modo, a grande maioria dos países periféricos alinhou-se aos EUA, visto que não

¹⁷ O termo foi cunhado pelo comentarista político Walter Lippmann, em livro de 1947 que discutia a situação internacional e que descrevia o clima de confronto entre as duas superpotências que se formaram depois do fim da Segunda Guerra Mundial: Estados Unidos e União Soviética. Veja-se: BIAGI, O.L. O Imaginário da Guerra Fria. *Revista de História Regional* 6(1): 61-111, 2001, p. 62. Disponível em: <<http://www.uepg.br/rhr/v6n1/Biagi.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2008.

¹⁸ HOBBSAWM, 1995, op. cit., p. 224.

¹⁹ Termo usado por Winston Churchill em discurso em Fulton, Missouri, em 5 de março de 1946. "Desde Stettin, no mar Báltico, até Trieste, no mar Adriático, caiu sobre o continente europeu uma cortina de ferro. Atrás desta linha estão todas as capitais dos antigos Estados da Europa Central: Varsóvia; Berlim; Praga; Viena; Budapeste; Belgrado; Bucareste e Sófia. Essas famosas cidades e suas populações estão sob o que devo chamar de 'esfera soviética'" Apud HEIN, L. *Uma Nova Ordem Internacional*, s.d. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/nec/pggfria.htm>>. Acesso em: 14 abr. 2008.

tinham governos socialistas. As duas superpotências pareciam aceitar a divisão desigual do mundo.

De onde vinha o medo de que um conflito nuclear pudesse ocorrer a qualquer instante? A resposta mais óbvia naquele momento era a crença de que a era das grandes guerras jamais chegaria ao fim e, para que o futuro do capitalismo fosse assegurado, mais lutas certamente seriam travadas. Além disso, também imaginava-se que os EUA enfrentariam uma nova crise econômica após a Segunda Guerra Mundial, já que o conflito provocara aumento da demanda por produtos americanos, a qual permaneceria elevada mesmo depois de 1945, precipitando medidas econômicas por parte do governo dos EUA.

Assim, tal cenário foi suficiente para que o governo americano declarasse repetidamente que uma nova guerra era iminente e que o mundo capitalista estava sob ameaça de uma invasão comunista a qualquer momento. Hoje, sabe-se que a URSS não pretendia expandir seus domínios para além daqueles determinados nas Conferências de Yalta (fevereiro de 1945) e Potsdam. Como bem notou Isaac Deutscher:

Imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, quando os poderes ocidentais enveredaram para a anulação das alianças, em direção ao grande conflito com seu antigo aliado soviético, era comum falar-se sobre os dois colossos, o americano e o russo, que se defrontavam hostilmente através de um vazio do poder. Presumia-se que um dos colossos, o russo, desafiava o americano, o ocidental. O que as pessoas não compreendiam, e que os Governos não lhes comunicavam, era que, desses dois colossos, um - o americano - emergiu da Segunda Guerra Mundial com vigor e força total (...); enquanto o outro colosso - o russo - jazia quase aniquilado, sangrando profusamente por todas as feridas. E era esse colosso branco sangrante, quase aniquilado, que se supunha criar uma grande ameaça militar para a Europa.²⁰

Tendo saído da Segunda Guerra Mundial arrasada, a postura adotada pela URSS era, na verdade, defensiva. Seria necessário que o país primeiramente resolvesse os problemas da reconstrução e os conflitos internos antes de se lançar em qualquer tentativa de conquista dos países capitalistas. De fato, o que houve foi um confronto de ideologias. O Ocidente acreditava ser a URSS

uma sociedade atrasada e bárbara, governada por homens movidos por um 'tradicional e instintivo senso de insegurança russo', sempre se isolando do mundo externo, sempre dirigida por autocratas, sempre buscando 'segurança' apenas na luta paciente e mortal para a destruição total de uma potência rival (...).²¹

²⁰ DEUTSCHER, I. apud BIAGI, 2001, op.cit., p. 64.

²¹ HOBSBAWM, 1995, op. cit., p. 230.

As estratégias das duas potências eram diametralmente opostas: enquanto a URSS se preocupava com o poder e a supremacia que os EUA possuíam, estes se preocupavam com a eventual superioridade soviética no futuro. Como nota Segrillo:

Assim como o capitalismo é intrinsecamente expansionista, devido às características do processo de valorização-acumulação de capital, a lógica marxista do poder soviético tornava-o inerentemente expansionista também. Isso fica mais claro visto do ângulo de uma teoria como a da revolução permanente²², em que o florescimento do sistema econômico não seria possível sem o concomitante enfraquecimento (e posterior desaparecimento) do capitalismo em nível mundial. A coexistência de dois sistemas baseados em lógicas mutuamente exclusivas tornava o militarismo uma consequência quase natural.²³

Porém, enquanto os EUA eram uma democracia e seu governo necessitava preocupar-se com votos e índices de popularidade, a situação na URSS era mais confortável, visto que não havia eleições. Daí a conveniência da ameaça soviética para os EUA. Era mais fácil ganhar apoio popular face a uma guerra iminente e com uma política interna de caça às bruxas do que apresentando propostas de governo convincentes e realistas.

Esses são alguns dos fatores que levaram à corrida armamentista, cujo objetivo era a destruição mútua. Em 1946, Truman propôs um plano à futura Organização das Nações Unidas (ONU) para que esta determinasse à URSS o fim da construção de qualquer tipo de armamento atômico, como condição para que os EUA destruíssem seu arsenal. Os soviéticos rejeitaram o plano e ambas as potências apressaram-se em desenvolver armas de destruição em massa. Em 1949, a URSS detonou sua primeira bomba atômica. Os EUA, então, iniciaram o desenvolvimento da bomba de hidrogênio, testando-a com sucesso em 1952. A URSS fez o mesmo no ano seguinte.

Suas apreensões [de Stalin] o levaram a lançar um forte programa de fabricação de uma bomba soviética que impôs à abalada economia de seu

²² Termo que nasceu no período de agitação revolucionária de 1905-1906 e que precedeu a revolução de outubro de 1917. A teoria da revolução permanente foi a causa principal de discordância entre Leon Trotsky e os seguidores de Lenin: o caráter que a futura revolução russa assumiria. Para os marxistas ortodoxos, seria um caráter democrático burguês, com a abolição do czarismo, distribuição de terras aos camponeses e estabelecimento de uma república democrática. Já para Trotsky, a revolução deveria ter um caráter operário, com a possibilidade de ultrapassar a revolução democrática e transformá-la imediatamente em revolução socialista, com a expropriação dos grandes capitalistas russos. Assim, para Trotsky, uma revolução só seria permanente se fosse concebida por meio da ditadura do proletariado, que se colocaria à frente da nação revolucionária. “A contribuição decisiva de Trotsky era a idéia de que a revolução russa poderia ultrapassar os limites de uma profunda transformação democrática e começar a tomar medidas anti-capitalistas de conteúdo nitidamente socialista”. (LÖWY, M. Leon Trotsky, profeta da Revolução de Outubro. *Revista Outubro*. 3 ed. Out/2005, p. 4. Disponível em: <http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/03/out3_05.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2008.

²³ SEGRILLO, 2000, op. cit., p. 135.

país um ônus consideravelmente maior do que o Projeto Manhattan foi para os Estados Unidos – uso de trabalho forçado e total negligência quanto a riscos ambientais e para a saúde foram o padrão. Rejeitou o Plano Baruch²⁴ de Truman para ceder seu arsenal atômico à ONU, porque exigiria inspeções no território soviético. Preocupou-se com um possível ataque preventivo americano que destruísse as instalações soviéticas de fabricação da bomba antes que a pudessem produzir – preocupação desnecessária, como se constatou, pois em Washington havia pouca confiança de que os Estados Unidos saíssem vitoriosos na guerra que se seguiria, mesmo com o monopólio atômico.²⁵

A corrida armamentista também fez que, ao longo do tempo, o contingente de soldados aumentasse em escala assombrosa de ambos os lados. Moti Nissani nos dá uma idéia do tamanho dos gastos na década de 1980:

Em 1986, os gastos militares mundiais ultrapassaram US\$ 900 bilhões. De 1983 a 1988, os gastos americanos correspondiam a um terço desse total. Em 1987, de acordo com estatísticas oficiais, o aparato militar custava ao americano médio cerca de US\$ 3.500 por ano. Outros insistem que os gastos eram mais elevados e que, de fato, o grosso dos dólares pagos em impostos foram utilizados em atividades relacionadas à Guerra Fria. O peso da corrida armamentista foi muito maior para a URSS. Primeiramente, durante grande parte da Guerra Fria os custos da corrida armamentista foram minimizados pelo governo soviético. Além disso, devido à pobreza e ao atraso tecnológico da URSS, os cidadãos soviéticos pagaram um preço mais elevado do que os cidadãos americanos pela corrida armamentista.²⁶

Outro combustível que alimentou os ânimos belicosos das duas superpotências foi a criação, em 1947 e em 1954, respectivamente, da *Central Intelligence Agency (CIA)*, nos Estados Unidos, e do *Komitet Gosudarstvenno Bezopasnosti (KGB)*, na URSS. Entre os papéis da CIA destacavam-se o de coleta e análise de informações, o de apoio a operações militares e o de execução de operações secretas. A KGB, por sua vez, desempenhava, simultaneamente, o papel de principal agência de informação e segurança e de polícia secreta do governo.

Do ponto de vista econômico, julho de 1947 testemunhou o lançamento do Plano Marshall, um projeto capitaneado pelos EUA com o intuito de recuperar os países afetados pela Segunda Guerra Mundial, inclusive a União Soviética. Os soviéticos, por sua vez,

²⁴ O Plano Baruch foi proposto em 1947 pelos EUA, em reunião da Agência Internacional de Energia Nuclear. Os americanos propuseram que os países que possuísem reservas de minerais radioativos deveriam deixar seus suprimentos sob a responsabilidade de agências internacionais. De fato, se aprovado, o plano asseguraria aos EUA o monopólio da tecnologia nuclear e de suas matérias-primas.

²⁵ ZUBOK apud GADDIS, 2006, op. cit., pp. 53-54.

²⁶ THE INTERNATIONAL INSTITUTE FOR STRATEGIC STUDIES apud NISSANI, M. *Lives in the Balance: the Cold War and American Politics, 1945-1991*. (Online Version), 1992, p. 82. (Tradução nossa – D.A.C.). Disponível em: <<http://www.is.wayne.edu/mnissani/PAGEPUB/lives.htm>>. Acesso em: 4 abr. 2008.

recusaram o auxílio, pois consideraram que era uma maneira de os EUA exercerem domínio político e econômico sobre o país. Em relação à Europa, eram os EUA que ditavam suas ações internacionais e militares, especialmente no que tange ao relacionamento com a URSS. Em 1947, em conjunto com o Plano Marshall, os EUA também lançaram a Doutrina Truman, destinada a prover assistência a populações ao redor do mundo, as quais sentissem vítimas de tentativas de subjugação por parte de minorias armadas ou por pressões externas, levando os norte-americanos a exercerem sua influência política mais ativamente.

Conforme passavam os anos, aumentava a preeminência política americana no mundo, enquanto sua influência econômica diminuía, tendo em vista a recuperação do Japão e das economias européias, já superados os efeitos da guerra. Como bem nota Hobsbawm:

Os dólares, tão escassos em 1947, haviam fluído para fora dos EUA numa torrente crescente, acelerada pela tendência americana a financiar o déficit gerado pelos enormes custos de suas atividades militares globais, notadamente a Guerra do Vietnã, e pelo mais ambicioso programa de bem-estar social da história americana. O dólar, moeda-chave da economia mundial do pós-guerra planejada e garantida pelos EUA, enfraqueceu.²⁷

Em 1948, EUA, França e Grã-Bretanha anunciaram esforços para unir suas três zonas de ocupação na Alemanha. Em oposição à proposta, Stalin estabeleceu o Bloqueio de Berlim, em junho de 1948, cortando todo o acesso por trem e por rodovia desde o oeste. Truman ordenou então que uma operação aérea enviasse mantimentos e outros produtos a Berlim. Essa operação durou até maio de 1949, quando a URSS levantou o bloqueio. As forças ocidentais imediatamente deixaram a região e aprovaram a criação da República Federal da Alemanha (Alemanha Ocidental). A resposta da URSS foi a criação da República Democrática de Alemanha (Alemanha Oriental).

Os temores de uma guerra suscitados pelo bloqueio de Berlim motivaram dez países da Europa Ocidental, além dos EUA e do Canadá, a estabelecerem uma aliança militar para a segurança. Assim, em abril de 1949 foi criada a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), com a declaração de que um ataque a qualquer membro da aliança seria visto com um ataque contra toda a aliança. Em 1955, veio a contrapartida soviética à OTAN, o Pacto de Varsóvia.

Como já dito anteriormente, o governo americano tentava conter a expansão do socialismo tanto na Europa quanto no resto do mundo. Os EUA ocuparam oficialmente o

²⁷ HOBBSAWM, 1995, op.cit., p. 239.

Japão até 1952, quando restaram apenas bases militares. Na China, os americanos se engajaram no suporte às forças nacionalistas, lideradas por Chiang Kai-Shek, contra os comunistas, liderados por Mao-tsé-Tung. Em 1949, os comunistas finalmente venceram e estabeleceram a República Popular da China.

Na Coreia, o conflito Norte-Sul irrompeu em guerra em junho de 1950, quando forças norte-coreanas, apoiadas pela URSS, invadiram a Coreia do Sul. Os EUA comprometeram suas tropas como parte de uma ação da ONU, que apoiava os sul-coreanos. Vitórias foram obtidas por ambos os lados até que, em junho de 1953, um armistício restaurou a fronteira anterior à guerra entre Coreia do Norte e Coreia do Sul, pondo fim ao conflito. *“O único resultado decisivo da guerra foi o precedente que criou: o de que poderia haver um conflito sangrento e prolongado entre nações que possuíam armas nucleares – e que elas poderiam preferir não usá-las”*²⁸.

Com a eleição do republicano Dwight Eisenhower para a Presidência dos EUA, em 1952, a CIA ganharia papel de maior relevância, principalmente em relação a conflitos externos, dando assistência a quaisquer forças que combatessem os soviéticos, ajudando na promoção de golpes de Estado, em propaganda e mesmo apoiando regimes despóticos que fossem pró-EUA. Em 1953, por exemplo, a CIA ajudou a trazer de volta ao poder o governo deposto do Xá do Irã, o que garantiu aos EUA um aliado na fronteira soviética. Em 1959, a CIA falhou em não impedir que Cuba se transformasse num país socialista, liderado por Fidel Castro. Assim, Cuba tornou-se motivo de muita ansiedade para os americanos, já que era uma zona de influência soviética muito próxima, fisicamente, do território americano.

Concomitantemente, na Europa, os efeitos da Guerra Fria puderam ser mais sentidos na política externa do que internamente, especialmente com a criação da Comunidade Européia (CE), em 1957 – com núcleo na unidade franco-alemã -, e seu objetivo de integração política e econômica. A CE mantinha uma relação ambígua com os EUA, demonstrando o poder deste país, ao mesmo tempo em que evidenciava temores relativamente à URSS, especialmente quanto à perspectiva de um reavivamento do gigante alemão no pós-guerra.

No início da década de 1960, a Guerra Fria, abalada, de um lado, pela Guerra da Coreia (1950-53) e, de outro, pela morte de Stálin (1953), deu sinais de arrefecimento. O primeiro afrouxamento da tensão ocorreu com a chegada ao poder de Nikita Krushev (1958-64), o que deu início a uma fase caracterizada por ameaças e provocações mútuas, porém sem

²⁸ GADDIS, 2006, op. cit., p. 48.

chegar às vias de fato. O resultado disso foi a relativa estabilidade do sistema internacional, cuja última fronteira foi definida em 1961, com a construção do Muro de Berlim, que separava Berlim Ocidental de Berlim Oriental. O muro foi originalmente construído com o intuito de evitar a evasão de cérebros do Leste para o Oeste, mas acabou por simbolizar a divisão do mundo em duas esferas de influência muito bem delimitadas.

Também nessa fase, a corrida armamentista atingiria seu ápice em matéria de gastos de defesa, com as corridas atômica e espacial e a fabricação de mísseis de longo alcance. Em outubro de 1957, a URSS lançou o primeiro satélite espacial, o Sputnik; os americanos fizeram o mesmo em janeiro de 1958, quando lançaram o Explorer I.

Um acontecimento, porém, poria em risco a calma que havia se estabelecido: a crise dos mísseis cubanos, em 1962. O conflito iniciou-se quando os soviéticos, em retaliação à instalação de mísseis nucleares na Turquia, pelos americanos, em 1961, e à tentativa de invasão de Cuba – episódio da Baía dos Porcos –, também em 1961, instalaram mísseis neste país. Em 14 de outubro, o governo de John F. Kennedy divulgou fotos de silos secretos que supostamente abrigariam mísseis nucleares e que constituiriam ameaça aos EUA. Pela primeira vez, o perigo de guerra era real. Krushev afirmava que as armas se destinavam à defesa da ilha. Treze dias de suspense se seguiram, com ameaças americanas de uso de armas nucleares contra os soviéticos, até que Krushev decidiu retirar os mísseis de Cuba, desde que os americanos fizessem o mesmo na Turquia.

A crise dos mísseis de Cuba, por sua vez, pode ser considerada um marco importante na mudança de percepções sobre as noções de segurança estratégica internacional. Ao colocar pela primeira vez, desde a criação da OTAN, as duas superpotências em uma situação de confrontação direta e ao se chegar a considerar publicamente a possibilidade do emprego de armas atômicas, serviu para pôr em evidência a insensatez da corrida armamentista na era nuclear.²⁹

Após essa crise, em 1963, EUA, URSS e Grã-Bretanha assinaram o Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares, que proibia testes nucleares no ar ou no mar. Esse período de tentativa de diminuição da tensão durou até meados da década de 1980, e ficou conhecido como *détente*, ou coexistência pacífica. Era balizado pelo fato de as duas potências possuírem meios para destruição mútua. Assim, cada país se apoiava não em sua capacidade de defesa,

²⁹ SATO, E. A Agenda Internacional depois da Guerra Fria: Novos Temas e Novas Percepções. *Revista Brasileira de Política Internacional*, ano/ vol. 43, número 001, Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, 2000, p. 138-169, p. 9. (Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/358/35843107.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2008.

mas na de detenção. Foi também durante a *détente* que, pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial, os EUA e a URSS assinaram tratados de comércio bilateral.

Em 1973, o mundo entrou numa grande crise econômica, provocada pelo aumento dos preços do petróleo, cujo clímax se deu no início da década de 1980. Durante essa fase, as relações EUA-URSS sofreram leve deterioração, ficando conhecida como Segunda Guerra Fria (1979-1985). O equilíbrio das duas superpotências foi alterado por alguns acontecimentos importantes, como o fracasso americano na Guerra do Vietnã (1965-1975) e o conseqüente isolamento em relação à Europa. Esse isolamento seria reforçado na Guerra do Yom Kippur (1973), entre Israel (tendo os americanos a seu lado) e Egito e Síria (com armamentos fornecidos pelos soviéticos).

A URSS e seus satélites foram afetados negativamente pela crise do capitalismo na década de 1970. Inicialmente, a crise do petróleo de 1973 trouxe conseqüências positivas para a URSS - um dos principais produtores mundiais - quando o preço do produto aumentou muito, de US\$ 2,53 o barril, em 1973, para cerca de US\$ 40, no começo da década de 1980. Os EUA, por sua vez, sofreram com o embargo imposto pelos árabes à venda do petróleo, que durou de outubro de 1973 até março de 1974, devastando a economia americana.

As divisas obtidas com a venda do petróleo e de outras matérias-primas permitiram à URSS importar cereais e bens de consumo. *“Durante a década de 70, o comércio entre norteamericanos e soviéticos chegou a crescer oito vezes, com as importações soviéticas de cereais atingindo uma média anual de 40 milhões de toneladas no início dos anos 80”*³⁰

A Segunda Guerra Fria, contudo, seria agravada pela terceira onda da revolução mundial (com regimes na Ásia, África e Américas atraídos para o lado soviético), que levou os americanos a sérias derrotas. A competição entre as duas superpotências foi então transferida para o Terceiro Mundo.

(...) o próprio fato de a URSS não mais aceitar seu confinamento regional pareceu aos adeptos da Guerra Fria americanos uma prova clara de que a supremacia ocidental poderia acabar, se não fosse reafirmada por uma demonstração de força. A crescente confiança que levou Moscou a abandonar a cautela pós-Krushev nas questões internacionais confirmava essas opiniões.³¹

Um dos conflitos mais importantes desse período foi a Guerra do Afeganistão (1979-1986), entre guerrilhas afegãs muçulmanas anti-URSS (*mujahidin*) e as forças

³⁰ REIS FILHO apud RODRIGUES, 2006, op. cit., p. 156.

³¹ HOBSBAWM, 1995, op. cit., p. 243.

governamentais, apoiadas pelos soviéticos. A guerra teve origem no golpe de 1978, que depôs o presidente afegão, Sardar Khan, o qual, por sua vez, havia chegado ao poder após ter derrubado o rei em 1973. O presidente foi assassinado e um governo pró-comunista, sob o comando de Noor Mohammed Taraki, foi estabelecido. Em 1979, outro golpe levou Hafizullah Amin ao poder, provocando a invasão soviética em dezembro, e a posse de Babrak Karmal como presidente. Os *mujahidin*, por sua vez, tinham o apoio dos EUA, da China e da Arábia Saudita, por intermédio do Paquistão e do Irã. Apesar de a URSS possuir armamentos superiores, além de domínio aéreo, os rebeldes conseguiam enfrentá-los. Logo zonas de influência foram estabelecidas, com as forças soviéticas e governamentais controlando as áreas urbanas, enquanto a guerrilha tinha o poder nas zonas rurais e nas montanhas. Conforme a guerra se prolongava, os rebeldes refinaram sua organização e suas táticas e, com a ajuda de armamentos fornecidos pelos EUA, iniciaram a neutralização das vantagens soviéticas. Em 1986, Kamal renunciou, e Mohammad Najibullah tornou-se chefe da liderança coletiva que se estabeleceu. Em fevereiro de 1988, o presidente Mikhail Gorbachev anunciou a retirada das tropas soviéticas, concluída um ano depois.

Outro conflito importante iniciou-se em 1982, na Nicarágua, onde grupos paramilitares apoiados pelos EUA (os chamados “contras”) começaram uma guerra civil para lutar contra o regime sandinista que, em 1979, havia derrubado a dinastia Somoza e estabelecido um governo anti-imperialista, com ligações militares com a URSS e Cuba. O conflito armado durou até 1988 e, apesar dos altos investimentos feitos pelos EUA para derrubar o regime sandinista, este durou até 1990, quando foi derrotado em eleições.

Nesse ponto, é preciso assinalar que, apesar do grande poderio militar e da elevada escala em que produzia armamentos, a URSS era infinitamente inferior ao Ocidente em termos econômicos e tecnológicos. “(...) *de que adiantava à URSS o fato de que em meados da década de 1980 ela produzia 80% mais aço, duas vezes mais ferro-gusa e cinco vezes mais tratores que os EUA, quando não se adaptara a uma economia que dependia de silício e software?*”³²

O setor militar tinha prioridade na economia soviética, tanto no que se referia à qualidade de matérias-primas, quanto na qualidade da mão-de-obra que ali trabalhava, o que contribuiu para que os gastos se elevassem. Segundo Davis, “*uma corrente ocidental de análise inclusive via a economia da URSS como um modelo dual: um setor civil com grande*

³² HOWBSAWM, 1995, op. cit., p. 244.

*incidência de deficiências e um setor militar bastante eficiente em termos de qualidade relativa de produção”.*³³

Na verdade, as duas superpotências distorceram enormemente suas economias durante a corrida armamentista, endividando-se. Porém, enquanto a dívida americana era absorvida pelo restante do mundo capitalista, não havia ninguém para absorver a dívida soviética. Assim, foi a combinação dos problemas econômicos internos da URSS com o avanço da economia capitalista que solaparam o socialismo soviético. A base para essa destruição começou na década de 1960, com a interação da economia soviética com o resto do mundo, tornando-a vulnerável e fazendo que seus governantes postergassem indefinidamente a tão necessária reforma do sistema econômico. *“O paradoxo da Guerra Fria é que o que derrotou e acabou despedaçando a URSS não foi o confronto, mas a détente.”*³⁴

1.2 O Atraso Tecnológico

O *fordismo* foi o modelo de produção que vigorou na maior parte dos países centrais até o pós-guerra. Nos anos de 1950, porém, outro modelo começou a ser construído, revelando-se mais adequado ao sistema capitalista: o *toyotismo*. O *toyotismo* provou ser, naquele momento, um modelo mais eficiente, com taxas de produtividade altíssimas, especialmente quando comparadas às do modelo soviético, muito influenciado pelo *fordismo*.

O *fordismo* é uma concepção da produção desenvolvida na época da Segunda Revolução Industrial, ocorrida entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX, e suas principais características são: a especialização, a rigidez da produção, economias de escala e fluxos verticais de informação. Essas características dão uma excelente idéia de como era o modelo fabril soviético. Os trabalhadores eram claramente separados dos administradores, com estruturas extremamente verticalizadas e autoritárias. As fábricas eram imensas, as quantidades produzidas também, gerando, assim, economias de escala. A produção em larga escala tinha, porém, a desvantagem da padronização, não proporcionando grande variedade de produtos aos consumidores.

O *toyotismo*, por sua vez, caracteriza-se por flexibilidade na produção, grande variedade de artigos produzidos em pequenas séries, desespecialização, tempos partilhados,

³³ DAVIS, C. apud SEGRILLO, 2000, op. cit., p. 126.

³⁴ HOBSBAWM, 1995, op.cit., p. 244.

controle de qualidade simultâneo à produção e fluxos horizontais de informação e de interação. Como nos mostra Segrillo, as três principais características às quais o modelo soviético teve de se adaptar foram: flexibilidade, informação e qualidade.³⁵

Quando da Revolução de 1917, a URSS estava em um patamar de desenvolvimento inferior ao dos países capitalistas. Desse modo, ela teria que primeiro alcançá-los para depois superá-los. Assim, foram levados à URSS trabalhadores ocidentais já acostumados com o trabalho nos moldes *tayloristas*³⁶: com uma maior especialização, eliminação de movimentos supérfluos e elevado controle. “Assim, desde o início, o desenvolvimento fabril soviético estava marcado por uma tentativa de copiar para poder alcançar (e depois ultrapassar) um paradigma superior de produção”.³⁷ O desenvolvimento industrial foi muito enfatizado por Stálin nos anos de 1930.

A tentativa de copiar o modelo *fordista* (o mais eficiente da época) veio quando da implementação dos planos quinquenais³⁸, a partir de 1928. Além desses planos, outra característica básica do modelo soviético era a utilização completa dos recursos humanos e naturais disponíveis.

Naquele momento, as tecnologias ocidentais eram diretamente absorvidas por meio de contratos de assistência técnica, pelos quais trabalhadores soviéticos eram treinados pelo fornecedor da tecnologia para poderem exercer determinada função exatamente como se ela estivesse sendo exercida na matriz. Cumpre assinalar que essa ligação com o *fordismo* não aconteceu por acaso: “*provinha da necessidade (...) de alcançar os níveis de produtividade do paradigma superior dos países capitalistas avançados*”.³⁹

Quantitativamente, os soviéticos obtiveram bons resultados, com altas taxas de crescimento nas décadas de 1930, 1940 e 1950, o que se pode verificar na tabela a seguir:

³⁵ Veja-se: SEGRILLO, 2000, op. cit., pp. 91-99.

³⁶ *Taylorismo* ou Administração Científica é um modelo de administração criado pelo engenheiro americano Frederick Taylor no final do século XIX e baseado, em grande parte, na engenharia de produção. Taylor acreditava em regras rígidas e alto grau de controle para evitar problemas no ambiente de trabalho, como a falta de motivação. Ele propunha uma maior divisão do trabalho, com tarefas especializadas e repetitivas, além do controle sobre o tempo gasto na realização de cada tarefa e da racionalização, para minimizar o tempo gasto em cada passo. Os princípios do *fordismo* foram em larga escala baseados nas experiências de Taylor.

³⁷ SEGRILLO, 2000, op. cit., p. 87.

³⁸ Os planos quinquenais surgiram em consequência da idéia de Stalin em promover uma revolução de cima para baixo por meio de rápida industrialização e da coletivização da agricultura. O primeiro plano quinquenal foi lançado em 1928, e a ênfase era a industrialização, especialmente na indústria pesada. Todas as indústrias e serviços foram estatizados e os gerentes das fábricas tinham quotas de produção a cumprir. A agricultura também foi coletivizada, com as fazendas privadas tornando-se grandes fazendas coletivas estatais. Metas eram estabelecidas para cada indústria, região, mina e fábrica e, até mesmo, para cada trabalhador.

³⁹ SEGRILLO, 2000, op. cit., p. 88.

Tabela 1: Taxas médias de crescimento anual do Produto Material Líquido da URSS, segundo estatísticas oficiais soviéticas

1928-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1975	1976-1980	1980-1985
14,3%	6,3%	10,3%	7,2%	5,7%	4,3%	3,2%

Fonte: SEGRILLO (2000, p. 247)

Como se pode notar, as taxas de crescimento do Produto Material Líquido, (medida soviética similar à do Produto Nacional Bruto, da ONU, mas que exclui os serviços), a URSS obteve taxas atípicas de crescimento durante a Segunda Guerra Mundial, que se alternaram entre valores positivos e negativos. Essas taxas eram altas devido à constante incorporação de novos contingentes de trabalhadores e aos recursos investidos em novos meios de produção e insumos. Como se vê, a inovação técnica não era essencial para o modelo.

(...) por muito tempo a economia soviética vinha funcionando como um modelo de ampliação da produção com retornos praticamente constantes – ou apenas levemente crescentes – à escala, ou seja, na qual se aumentava o produto pelo incremento dos fatores de produção, mas com a mesma – ou apenas levemente modificada – função de produção.⁴⁰

Esses métodos criaram o que economistas do Leste Europeu denominaram *economia da escassez*⁴¹, que ocorre quando o crescimento é obtido não por meio de aumento da produtividade, ou mediante novas tecnologias ou, ainda, com melhor qualidade, mas pelo emprego mais intensivo de fatores de produção, aumentando, assim, os custos do produto e, conseqüentemente, seu preço. A utilização desses métodos acarretava também um desequilíbrio entre oferta e demanda, além de criar metas de produção cada vez mais altas a serem atingidas.

Nos anos de 1960, porém, o crescimento arrefeceu, com a maior expansão da Revolução Científico-Técnica (RCT)⁴² e a inabilidade do *fordismo* de se adequar às novas exigências que ela trazia consigo. Assim, um novo paradigma se impôs, ao qual a URSS não se adaptou e que está no cerne da necessidade da *perestroika* nos anos de 1980. Ernest Mandel foi um dos grandes estudiosos das revoluções tecnológicas. Segundo ele,

uma revolução tecnológica radical implica numa repentina aceleração da acumulação de capital, pois se materializam em gastos adicionais de capital

⁴⁰ RODRIGUES, 2006, op. cit., p. 165.

⁴¹ Veja-se: KORNAI apud RODRIGUES, 2006, op. cit., p. 166.

⁴² O termo Revolução Científico-Técnica (RCT) designa as mudanças nos processos produtivos ocorridas após o final da Segunda Guerra Mundial, caracterizados pela maior utilização da eletrônica e maior automação. Aqui, os termos RCT, Terceira Revolução Industrial e Terceira Revolução Tecnológica serão considerados sinônimos, apesar das pequenas nuances que os diferenciam.

fixo, na forma de novas plantas produtivas e novas máquina e ferramentas. (...) Se os fatores desencadeantes não forem detidos pelo aumento da massa de capital acumulado, então todo o capital subinvestido anteriormente será utilizado, acelerando o ritmo da acumulação. E será justo, neste contexto, que teremos uma revolução maciça e universal na produção de tecnologia e não apenas uma renovação particular e moderada.⁴³

Assim, para Mandel, as revoluções tecnológicas não ocorrem por acaso, estando ligadas aos movimentos do capital que, por sua vez, estão vinculados à situação histórica e à base produtiva da sociedade. Para ele, revoluções tecnológicas são *“mudanças radicais (qualitativas) na base técnica sobre a qual se assenta o sistema produtivo de uma dada sociedade, que ocorrem num período da história, e que afetem este sistema produtivo como um todo”*.⁴⁴

De acordo com Mandel, teriam, assim, ocorrido três revoluções tecnológicas após a revolução original, que data do século XVIII:

a produção mecânica de motores a vapor desde 1848; a produção mecânica de motores elétricos e a combustão desde os anos 90 do século XIX; a produção por meio de máquinas de aparelhagem eletrônica e a que utiliza energia atômica desde os anos 40 do século XX.⁴⁵

Essas revoluções somente foram possíveis graças à disponibilidade de capitais acumulados anteriormente, combinados a uma fase de menor produção, liberando capital ocioso. Esse capital ocioso seria, então, investido em empreendimentos inovadores. Com os lucros altíssimos inicialmente auferidos, mais investidores sentem-se compelidos a investir na nova tecnologia, reduzindo a taxa de valorização e, futuramente, a taxa média de lucro – que, para Mandel, é a sinalizadora da situação econômica no capitalismo. Isso dificultará a revolução tecnológica subsequente. Encontramo-nos, então, na fase descendente da onda longa, com baixos investimentos e aumento do nível de capital ocioso. Somente se a taxa média de lucro se mostrar atrativa novamente o capital ocioso será alocado em projetos inovadores. Essa análise das revoluções tecnológicas complementa a teoria de Mandel acerca dos ciclos econômicos, com as seguintes fases: 1) recuperação econômica, 2) prosperidade, 3) crise, e 4) depressão. Após a depressão, há novamente um aumento no nível de atividade econômica, a recuperação.

Assim, na última fase de *depressão* do ciclo anterior, parte do capital fica ocioso (subutilizado) e alguns produtores até entram em falência (devido à

⁴³ MANDEL, E. *O Capitalismo Tardio*. São Paulo: Nova Cultural, 1985. pp. 77-80.

⁴⁴ SEGRILLO, 2000, op. cit., p. 31.

⁴⁵ MANDEL, 1985, op.cit., p. 82.

falta de demanda). Até em virtude do aprofundamento deste processo (e de outros fatores), pouco a pouco, a oferta e a procura começam a entrar num melhor equilíbrio e a demanda volta a subir. Os preços e lucros acompanham esse movimento ascendente. Estamos, então, saindo da fase final de *depressão* do ciclo anterior e entrando na primeira fase (*recuperação econômica*) do próximo ciclo.⁴⁶

Segundo a análise de Mandel, o período compreendido entre 1940-1966 seria uma onda longa caracterizada pela expansão da Terceira Revolução Tecnológica. Como nos mostra Segrillo:

O fascismo e a Segunda Guerra Mundial criam as condições para um aumento das taxas de mais-valia e de lucro, o que favorece a acumulação de capital. Este é lançado inicialmente na produção de armamentos e depois nas inovações da Terceira Revolução Tecnológica. A base técnica do sistema industrial, de eletromecânica, passa a ser eletrônica. A utilização de computadores, inicialmente em tarefas científicas e depois na própria produção (com as máquinas-ferramentas de controle numérico, robôs industriais, etc) possibilita enormes ganhos de produtividade. A energia nuclear é introduzida como força motriz.⁴⁷

A defasagem econômica e tecnológica da URSS só ficou evidente a partir do período Brejnev (1965-1982), que ficou conhecido como “era da estagnação” (*zastoi*). A característica mais marcante do período foi a falta de um programa de ação por parte do governo central para tentar reverter o desaquecimento econômico, apesar de todas as taxas médias de crescimento estarem diminuindo.

No que diz respeito à flexibilidade, uma das razões pela qual o modelo soviético era tão rígido é o fato de ter tentado copiar estritamente o *fordismo*. Características como a rigidez, por exemplo, eram ainda mais pronunciadas devido ao planejamento central. A este cabia comandar e controlar a produção, criando, assim, uma distância entre quem tomava as decisões e quem as executava, o que tornava o processo mais lento e burocrático. O esquema soviético *fordista* funcionou graças à compensação que ocorria entre a rigidez na produção e a imensa quantidade de artigos que eram produzidos nas áreas prioritárias, como a indústria pesada. O funcionamento desse sistema era baseado em uma completa obediência ao que havia sido planejado, correndo-se o risco da criação de gargalos caso algo não fosse executado adequadamente. Assim, experimentações eram impossíveis, dado o receio de que se saísse do que havia sido recomendado. Isso era especialmente ruim para a área de Pesquisa & Desenvolvimento (P&D).

⁴⁶ SEGRILLO, 2000, op. cit., p. 33. (grifos do autor)

⁴⁷ Ibid, pp. 37-38.

Por outro lado, o autoritarismo da URSS também conflitava com outro pilar da RCT: a informação. Sistemas computadorizados acabaram por entrar em todos os aspectos da vida humana, causando grande impacto na produção e nas relações sociais. O sistema soviético era baseado na *edinonachalie* (comando e responsabilidade de uma única pessoa) e também na repressão do fluxo de informação na sociedade, assegurando o papel ideológico do Estado. A imprensa era controlada, assim como o uso de máquinas copiadoras, e tudo o mais que pudesse ser transmitido, reproduzido ou difundido. Essas atitudes entravam em conflito com a necessidade cada vez maior de transmissão de informação, bem como a velocidade dessa transmissão. Os computadores pessoais, por exemplo, eram proibidos na URSS, enquanto seu uso era cada vez mais disseminado no Ocidente.

Esse posicionamento ambíguo em relação à questão da informação, por um lado reconhecendo a importância de seus fluxos e, por outro, relutando em liberá-los do controle (direto ou indireto) do Estado, mostrava o dilema em que se encontrava a URSS.

Por fim, no que tange à qualidade, especialmente a chamada “qualidade total” (QT), também era difícil ser implantada. Isto porque havia uma enorme pressão para que as quantidades estabelecidas no plano fossem atingidas, o que impedia que maiores cuidados fossem dispensados à qualidade dos produtos. Como bem nota Segrillo, é interessante perceber que:

os aumentos de produtividade das novas tecnologias da RCT se revelam sob a forma de melhorias na *qualidade*, o que é difícil de se medir em termos estatísticos tradicionais. Esta é uma razão extra por que o modelo *toyotista*, com sua ênfase na *qualidade total*, tornou mais fácil a assimilação das potencialidades da RCT. A URSS, com sua ênfase no aumento *numérico* da produção, priorizava a *quantidade*, em detrimento da *qualidade*, o que colocou mais um obstáculo para seu desenvolvimento nesta fase de aumentos *qualitativamente* novos na produtividade das tecnologias da RCT.⁴⁸

É preciso ressaltar, porém, que o sistema soviético possuía aspectos positivos em relação à RCT, principalmente no que concerne ao planejamento econômico. Com a RCT, novas possibilidades de produtos surgiram, havendo uma aceleração do número de opções disponíveis no mercado. Ao mesmo tempo, os sistemas computadorizados aumentavam a

⁴⁸ SEGRILLO, 2000, op. cit., p. 99. (grifos do autor)

capacidade de controle de estoque e de planejamento de produção. Tudo isso seria, em tese, muito útil numa economia de planejamento centralizado, diminuindo suas tarefas.⁴⁹

Outro fator importante é que, com a RCT, os investimentos em P&D aumentaram exorbitantemente, fazendo que, muitas vezes, o Estado tivesse que bancá-los, mesmo nas economias capitalistas mais desenvolvidas.

Os soviéticos estavam cientes de suas limitações, porém mantinham-se presos ao sistema antigo, em uma cultura altamente resistente a mudanças. Assim, é importante notar que, em meados da década de 1970, na mesma época em que o Ocidente começava a se voltar seriamente para o estudo do modelo japonês, alguns especialistas soviéticos já estavam chamando a atenção para a necessidade de *flexibilidade* neste novo estágio da RCT. Assim,

(...) o governo Brejnev tentou adotar o que se chamou Revolução Científica e Técnica – RCT como peça chave de sua política de competição com o Ocidente, buscando reforçar a base tecnológica sobre a qual se apoiava a estabilidade do regime. A importância dada à RCT aparentemente expressava preocupações reais e não eram peças de propaganda. Tal prioridade era lastreada por volumosos investimentos em ciência, construção de institutos de pesquisa e desenvolvimento, assim como na qualificação de profissionais ligados ao setor. Um dos resultados dessa prioridade é que por volta de 1980, a URSS detinha a maior porcentagem de engenheiros e cientistas em relação ao conjunto da população do que qualquer outro país importante no mundo.⁵⁰

Como se vê, com a RCT, a velocidade, a quantidade e a maneira como se processa a informação começaram a mudar. O mundo interligou-se de uma maneira antes inimaginável. Faltava aos dirigentes soviéticos definir o papel que a URSS desempenharia nessa revolução.

⁴⁹ De certa maneira, o papel do planejamento e do controle pelo governo central também era extremamente importante no Japão. Rastogi fez essa comparação e notou que: “*tomando carona nas características de consenso e grupalidade da cultura japonesa, o governo central tinha um papel ativo no direcionamento da economia para as prioridades pré-fixadas por ele, numa maneira que demonstrava o quanto o governo japonês queria ter influência sobre o mercado e não ser meramente guiado por este. Isto tem semelhanças com a idéia do planejamento centralizado*”. (RASTOGI apud SEGRILLO, 2000, op. cit., p. 101). Não se pode negar a importância do governo japonês na realização da potencialidade do toyotismo. “*O desenvolvimento japonês foi alavancado por uma estratégia de estreita colaboração das grandes empresas e conglomerados com o MITI (Ministério da Indústria e Comércio Internacional)*”. (SEGRILLO, 2000, op. cit., p. 102). Assim, o planejamento central está ligado ao sucesso do modelo.

⁵⁰ FORTESCUE apud RODRIGUES, 2006, op. cit., p. 180.

CAPÍTULO II

O PERÍODO DE ABERTURA E O FIM DA URSS

Neste capítulo, serão analisados mais profundamente os fatores que acabaram por pressionar o sistema soviético, precipitando sua abertura econômica e política. Os papéis desempenhados por Mikhail Gorbachev e Boris Yeltsin na condução desse processo serão também examinados, incluindo o jogo das forças políticas internas na União Soviética.

2.1 A Crise da Década de 1970

Em 11 de junho de 1985, durante sessão plenária do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), Gorbachev denunciou

o que seriam as principais mazelas da economia soviética: atraso tecnológico; desperdício crescente de matérias-primas e energia; baixa qualidade de muitos produtos industriais, que acarretava sua baixa competitividade no mercado mundial; baixo rendimento dos investimentos, excessivos e em grande parte efetuados em obras inacabadas e uma planificação desequilibrada e crescentemente desarticulada.⁵¹

Entre 1974 e 1975, o sistema capitalista enfrentou uma grande crise de superprodução, resultante dos aumentos de produtividade proporcionados pela RCT e pela queda das taxas médias de lucro. Segundo Mandel, “*a recessão generalizada expressa, portanto, de modo sintético, o esgotamento da ‘onda longa expansiva’ (que começou nos Estados Unidos em 1940, na Europa Ocidental e no Japão em 1948, e durou até o final dos anos 60).*”⁵² A crise do capitalismo foi ainda afetada pelo primeiro choque do petróleo, em 1979, que contribuiu para acentuar as pressões inflacionárias. Inicialmente, a crise não atingiu a URSS, mas esta acabou por sofrer seus efeitos a médio prazo.

Como dito anteriormente, a URSS era grande exportadora de petróleo, produto cuja cotação elevou-se muito com a crise de 1973. Assim, o país foi inundado por divisas provenientes da exportação desse produto, e o fluxo comercial com o Ocidente cresceu, como demonstrado na Tabela 2.

⁵¹ MANDEL, E. *Além da Perestroika*. São Paulo: Busca Vida, 1989, vol. 1. p. 25.

⁵² _____. *A Crise do Capital: os fatos e sua interpretação marxista*. Campinas: Ensaio/ Editora Universidade de Campinas, 1990. p. 13.

Tabela 2: Exportações dos países ocidentais para a URSS

Países	Crescimento em %		Valor absoluto (em bilhões de dólares)
	1974/75	1975/76	
RFA	48	16	7,1
Japão	101	19	4,7
França	34	64	2,9
Estados Unidos	-17	48	2,9
Itália	65	32	2,4
Grã-Bretanha	23	24	1,5
Suécia	49	43	1,2
Canadá	6	42	1,1
Bélgica	70	4	0,9
Holanda	39	17	0,9
Suíça	43	25	0,9
Média	42	28	26,4

Fonte: MANDEL (1990, p. 122)

É interessante notar o aumento percentual da participação dos Estados Unidos no comércio com a URSS, passando de um crescimento negativo de 17%, em 1974/75, para 48%, em 1975/76. Se, por um lado, as exportações de *commodities* eram fonte de receita, por outro, o aumento da integração econômica acabou por deixar a URSS mais vulnerável a acontecimentos externos e a mercadorias mais baratas vindas de fora.

De fato, desde a década de 1970, o modelo soviético de produção encontrava dificuldades em manter o ritmo de utilização de mão-de-obra e de recursos naturais das décadas anteriores, contribuindo para a desaceleração econômica.

Ao longo dos VI, VII, VIII e IX planos quinquenais, a oferta de fatores de produção e demais recursos cresceu em proporções semelhantes. Mas já no período 1976-1980, houve uma desaceleração significativa. A força de trabalho ainda teve crescimento importante até o X Plano Quinquenal. (...) A partir de 1981, entretanto, o afluxo de novos trabalhadores, especialmente para os setores ligados à produção, cai acentuadamente.⁵³

Os motivos para a diminuição do número de trabalhadores estão ligados à redução da taxa de crescimento populacional decorrente da urbanização, dos avanços no saneamento básico e da educação, e ao fato de que os filhos dos nascidos durante a Guerra estavam atingindo idade para trabalhar. Como a natalidade havia diminuído durante a guerra, existia um contingente menor de pessoas para trabalhar. Também na década de 1980, o número de pessoas em idade de aposentar-se aumentou.

Como apontou Aganbeguian, um dos principais assessores de Gorbachev,

⁵³ RODRIGUES, 2006, op. cit., p. 167-168.

Todos esses fatores somados levaram a que em vez dos 10 ou 11 milhões de novos trabalhadores que afluíam à produção durante um quinquênio nos períodos anteriores, durante os anos 1981-1985 entraram apenas 3,5 milhões e os números foram ainda mais modestos para o período 1986-1990.⁵⁴

Agravado pelo atraso tecnológico e pela obsolescência dos equipamentos, “o ritmo de crescimento da produção de combustíveis e matérias-primas caiu de forma bastante acentuada, saindo de 25%, durante o IX quinquênio, para 10%, já para o X quinquênio, e para 8% no XI.”⁵⁵

A URSS tentou, então, explorar outras partes de seu território, ricas em recursos minerais, como a Sibéria e o Extremo Oriente. Isso, porém, causou grande aumento nos custos, já que havia a necessidade de transferir pessoas e equipamentos para essas regiões inóspitas, além dos custos dos projetos em si.

Apesar de produzir volumes imensos, a partir da década de 1970 a URSS passaria a acumular “um sério atraso tecnológico nos setores de ponta da economia mundial, como a microeletrônica, a robótica, a informática, as telecomunicações e inclusive em tecnologias com aplicações militares”.⁵⁶ O país havia se tornado altamente dependente de tecnologia importada, pondo também em xeque seus esforços no campo de P&D.

Outro fator preocupante foi a queda de produtividade que atingiu a economia soviética nos anos de 1970. Esse tema é controverso, dada a falta de confiabilidade dos dados oficiais soviéticos e às diferentes metodologias de cálculo. Winiecki estudou o declínio das taxas de produtividade nas economias socialistas, analisando a natureza do sistema econômico e de seus incentivos, que se adaptariam conforme mudanças externas ocorressem. Fischer assim resumiu os estudos de Winiecki:

As causas do menor crescimento da produtividade devem ser procuradas em uma combinação da natureza do sistema econômico e de seus incentivos, levando em conta mudanças no ambiente externo. Entre as causas do declínio listadas por ele [Winiecki], estão: o aumento no preço da energia, durante os anos 1970 e 1980, mais significativo para as economias intensivas em energia do que para outras; a crescente complexidade dos processos produtivos, com as economias com planejamento central menos aptas a lidar com essa complexidade; em particular, as economias do estilo soviético haviam alcançado um Produto Nacional Bruto (PNB) em que o setor de serviços se expandia, mas não possuíam a tecnologia para ampliar esses serviços; e o argumento de que as indústrias dos anos de 1970 e 1980 requeriam habilidades diferentes (como inovação, flexibilidade e apreço pelo

⁵⁴ AGANBEGUIAN apud RODRIGUES, 2006, op. cit., p. 168-169.

⁵⁵ Ibid, p. 169.

⁵⁶ CASTELLS apud RODRIGUES, 2006, op. cit., p. 171.

risco) daquelas da indústria pesada, que anteriormente havia sido o motor do crescimento.⁵⁷

Note-se também que, desde 1978, a URSS estava envolvida na Guerra do Afeganistão, o que pressionou ainda mais um sistema já prestes a ruir. A queda nas taxas de crescimento e no consumo aumentou a demanda por reformas, principalmente quando a RCT e as mudanças com ela trazidas já eram palatáveis nos países capitalistas ocidentais.

A Tabela 3, a seguir, mostra a evolução do crescimento soviético dos anos de 1960 até 1985, com detalhamento das alocações de recursos. Como ocorre com grande parte dos dados que tratam da era soviética, há questionamentos acerca de sua confiabilidade, tendo em vista que foram divulgados pelos órgãos oficiais. Na tabela abaixo, os dados foram obtidos pelos estudos de pesquisadores ocidentais e pelo russo Girsh Khanin.

Tabela 3: Crescimento soviético e alocações de recursos, 1960-1985				
Taxas de crescimento (% p.a.)	1960-1970	1970-1975	1975-1980	1980-1985
PNB	5,2	3,7	2,6	2,0
(Khanin)	(4,2)	(3,2)	(1,0)	(0,6)
Trabalho (Horas trabalhadas)	1,7	1,7	1,2	0,7
Emprego	2,1	1,5	1,2	0,7
População	1,3	0,9	0,8	0,9
Capital	8,0	7,9	6,8	6,3
Produção Total do Fator	1,5	0,0	-0,4	-0,5
Consumo	4,5	3,7	2,7	2,0
Parcela do PNB (%)	1960	1970	1980	
<i>A Preços Correntes</i>				
Investimento Fixo	27	29	28	
Mudança no nível de estoques	3	4	3	
Consumo	59	55	55	
Defesa	12	13	16	
<i>A Preços de 1970</i>				
Investimento Fixo	24	28	33	

Fonte: Fischer (1992, Tabela 5, p. 13)

* Inclui consumo coletivo, primeiramente saúde e educação.

Produção Total do Fator – é calculada assumindo-se uma função de produção de Cobb-Douglas com peso de 0,62 para horas trabalhadas, 0,33 para capital e 0,05 para terras aráveis.

Verifica-se que as taxas de crescimento do PNB começaram a recuar nos anos de 1970, coincidindo com a crise do capitalismo. Se os dados de Khanin estiverem corretos, a situação mostra-se ainda pior, com taxas negativas de crescimento já na década de 1960. Fica

⁵⁷ FISCHER, S. Russia and the Soviet Union Then and Now. *NBER (National Bureau of Economic Research) Working Paper, Cambridge-MA, No. 4077*, Maio/1992. p. 19. (Tradução nossa - D.A.C.) Disponível em: <<http://www.nber.org/papers/w4077>>. Acesso em: 20 fev. 2008.

evidente também o declínio de todos os indicadores durante o período. A população cresceu menos de 1%, limitando o número de pessoas que entravam no mercado de trabalho. Em relação à composição do PNB, a preços correntes, temos leve queda ou estabilização em todos os itens, excetuando-se os gastos com defesa, que passaram de 12% do PNB, no período 1960-1970, para 16%, entre 1975-1980.

Outra explicação para o recuo no crescimento soviético a partir dos anos de 1970 é que seu modelo produtivo simplesmente havia se esgotado. Enquanto as economias capitalistas centrais tentavam encontrar maneiras de produzir de uma forma mais enxuta, a URSS encontrava-se travancada por uma máquina burocrática que nada fazia para adequar-se às exigências internas ou externas. O trabalho e o capital tinham baixos rendimentos, não havia inovação e o desperdício era altíssimo, assim como os níveis de estoque.

A combinação desses fatores fez que os produtos industrializados soviéticos não mais apresentassem competitividade no mercado externo. Assim, não podendo exportar artigos industriais, a URSS viu-se obrigada a importar equipamentos e bens de consumo. E, na tentativa de reverter o jogo, começou a exportar cada vez mais “*commodities, como petróleo, gás natural, metais e outras matérias-primas, que, na década de 80, chegavam a representar 90% das exportações soviéticas para as nações capitalistas*”.⁵⁸

2.2 A Questão da Globalização

São muitas as definições de globalização. Alguns a vêem como um processo eminentemente liderado pelas grandes corporações – caso de Michael Porter⁵⁹ –, enquanto outros a conceituam como um processo financeiro, caso de François Chesnais. Outros ainda enxergam-na como resultado de um processo histórico que se iniciou com as Grandes Navegações no século XV, ou seja, concomitantemente ao início do desenvolvimento do capitalismo comercial.

Chesnais considera o termo globalização inadequado para explicar a estrutura e o valor do capital produtivo e financeiro em escala internacional. Para ele, a palavra globalização é um termo americano, que designa a liberação dos mercados, o que permitiu que conglomerados (especialmente os financeiros) expandissem sua influência global.

⁵⁸ RODRIGUES, 2006, op. cit., p. 173.

⁵⁹ Veja-se: PORTER, M. *A Vantagem Competitiva das Nações*. Rio Janeiro: Campus, 1989.

Segundo Chesnais, um termo mais adequado seria *mundialização*, que não conteria esse viés ideológico. A mais nova face da mundialização veio à tona ao final dos anos 1970, quando o capitalismo ingressou em uma fase na qual o capital financeiro passou a predominar sobre o produtivo.⁶⁰

Um dos fatores que fizeram que tal mudança pudesse ocorrer foi a eleição do republicano Ronald Reagan à Presidência dos EUA, e da conservadora Margareth Thatcher para o cargo de Primeira-Ministra britânica. Com a ascensão de ambos, o que se viu foi a emergência do neoliberalismo em substituição ao keynesianismo então em voga. Sendo assim, a quebra de barreiras virtuais e físicas foi estimulada, para que o capital pudesse fluir livremente entre os países. Um dos maiores estudiosos do tema, Immanuel Wallerstein, assim descreve o fenômeno:

A ideologia da globalização neoliberal tem feito uma trajetória triunfante desde o início dos anos 80. Não foi de facto uma idéia nova na história do moderno sistema-mundo, apesar de ter sido anunciada como tal. Era na verdade a velha idéia de que os governos do mundo deviam sair do caminho das grandes e eficientes empresas, nos seus esforços para dominar o mercado mundial. A primeira implicação política era que os governos, todos os governos, deviam permitir que essas corporações atravessassem livremente cada fronteira com os seus bens e o seu capital. A segunda implicação política era que os governos, todos os governos, deviam renunciar a qualquer papel como proprietários destas empresas produtivas, privatizando qualquer uma que fosse de sua propriedade. E a terceira implicação política era a de que os governos, todos os governos, deveriam minimizar, se não eliminar, todo e qualquer tipo de transferências de bem-estar social para as suas populações. Esta velha idéia sempre esteve ciclicamente na moda.⁶¹

Porém, a propagada queda de barreiras e liberalização dos mercados não significou o fim do Estado-nação nem o extermínio da identidade nacional, como muitos anunciavam. Na verdade, chegou até mesmo a fortalecê-los; o que mudou foi o grau de integração entre as nações e a maneira como interagiam.

A mudança do padrão de acumulação, passando do capital produtivo e das empresas transnacionais para o capital financeiro portador de juros acabou por modificar profundamente as relações trabalhistas. Grande parte dos direitos dos trabalhadores começou a ser suprimida, sendo substituída por outras regras muito menos vantajosas para os trabalhadores. Iniciou-se, então, a fase das terceirizações, do corte de postos para diminuição de custos, de consultorias e da supressão de benefícios. O Estado passou a ser o defensor do

⁶⁰ Veja-se: CHESNAIS, F. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996.

⁶¹ WALLERSTEIN, I. 2008: *a globalização neoliberal passou à história*. Disponível em: <<http://www.binghamton.edu/fbc/226pr.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

livre mercado, incentivando as privatizações, as fusões e aquisições, não cedendo às reivindicações das centrais de trabalhadores, que se viam cada vez mais desamparados.

A liberação das empresas transnacionais dos limites impostos pelos Estados-nação levou a um processo de completa internacionalização do capital, que constitui a base do fenômeno que se costuma definir como fábrica global e *shopping center* global. Na verdade, o que se verifica dentro da nova divisão internacional do trabalho é uma combinação de *fordismo*, *neo-fordismo*, *toyotismo*, flexibilização e terceirização. Sua difusão ampla foi possível mediante o desenvolvimento sem precedentes da eletrônica, que permitiu levar a uma generalização do capitalismo em termos geográficos e históricos.⁶²

Como se vê, a diferença entre esse pensamento e as idéias correntes na URSS era evidente, deixando claro que uma escolha deveria ser feita. Insistiria a URSS na manutenção dos princípios de planejamento e controle, isolando-se cada vez mais do restante do mundo? Ou adotaria ela princípios de livre mercado? Conforme as mudanças trazidas pelo último surto da globalização se propagavam mundo afora, a URSS se viu obrigada a rever seu padrão de acumulação que, no mundo ocidental, era então caracterizado pela predominância do capital financeiro, com ampla liberdade de movimento. A queda de barreiras, tanto físicas como virtuais, era incompatível com o modelo representado pela URSS. Daí a importância das tentativas de liberalização, cujo maior expoente foi, sem dúvida, Mikhail Gorbachev.

Além disso, nessa época, outra grande integração começaria a ocorrer: a da informação. O mundo iniciou então uma revolução tecnológica que levou, de uma maneira ou de outra, à sua interconexão.

A convergência não tem um centro fixo, fronteiras definidas ou resultados estabelecidos. (...) As diversas sociedades da terra estão sendo reorganizadas e reunidas de modos muito complicados pelo capitalismo global. (...) A essência dessa revolução industrial, como a de outras antes dela, é que o comércio e as finanças deram saltos muito inventivos para fora dos limites da ordem existente e da consciência que deles tinham os povos e as sociedades.⁶³

Assim, grande parte do mundo capitalista estava passando por mudanças, tais como:

privatizações de atividades produtivas e de serviços de utilidade pública; desregulamentações nas relações de trabalho; políticas de “austeridade” e

⁶² MENDONÇA, M.G. Impasses e desafios do processo contemporâneo de globalização. *Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo*. ANPUH/SP – UNESP/ Assis, 24-28 de julho de 2006, p. 14. Disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XVIII/pdf/ORDEM%20ALFAB%C9TICA/Marina%20Gusm%E3o%20de%20Mendon%E7a.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2008.

⁶³ GREIDER, W. *O mundo na corda bamba: como entender o crash global*. São Paulo: Geração Editorial, 1998, p. 16.

contenção de despesas públicas; instituição do Estado mínimo; programas de isenção fiscal em benefício de segmentos representativos do capital especulativo transnacional e financeiro.⁶⁴

A URSS se encontrava em situação oposta, tendo o Estado como centralizador político e econômico, enquanto a nova fase do capitalismo preconizava sua queda. Além do mais, como já discutido anteriormente, o controle estatal sobre a informação e a tecnologia impedia que o país e seus habitantes se inserissem nessa nova configuração mundial. De acordo com Giddens,

o comunismo soviético, com sua ênfase na empresa dirigida pelo Estado e na indústria pesada, não podia competir na economia eletrônica global. De maneira semelhante, o controle ideológico e cultural em que a autoridade política comunista se baseava não podia sobreviver numa era de mídia global.⁶⁵

Apesar do arrefecimento da repressão após a morte de Stálin, em 1953, o regime manteve sua natureza autoritária até o início da década de 1980, dificultando a inserção da população num mundo cada vez mais conectado. Como já foi dito, todo tipo de equipamento que permitisse a transmissão de informação era estritamente controlado, incluindo aí telefones, máquinas copiadoras e fotográficas e, claro, o então recente PC. A URSS encontrava-se irremediavelmente atrasada em relação às economias capitalistas centrais, no que tange à produção de microprocessadores e *chips*, apesar da alta qualificação dos cientistas soviéticos.

O sistema soviético não conseguiu acompanhar e incorporar de modo efetivo a revolução tecnológica que mudava o mundo, pois esta pressupunha um grau mínimo de flexibilidade, democracia e liberdade de informação, exatamente aquilo que o sistema negava aos cidadãos soviéticos. E neste aspecto, demonstrou-se menos flexível que as democracias capitalistas.⁶⁶

Enquanto o mundo desfrutava de todas as benesses trazidas pela nova tecnologia, na URSS o governo tentava proibir o acesso a elas, inclusive no meio científico.

Desta forma, pode-se dizer que o regime burocrático e ditatorial objetivamente funcionou como uma trava para a difusão das tecnologias da

⁶⁴ PIRES, H. F. “Ethos” e mitos do pensamento único globaltotalitário. *Terra Livre*. São Paulo, n. 16, p. 153-168, 1o semestre/2001. Disponível em: <<http://www.charlespennaforte.pro.br/Hindenburgo%20Pires.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2008. , p. 160.

⁶⁵ GIDDENS apud PIRES, 2001, op. cit., p. 165.

⁶⁶ RODRIGUES, 2006, op. cit., p.181.

informação na sociedade e na economia, restringindo seu desenvolvimento a áreas específicas necessárias ao Estado e ligadas à Defesa.⁶⁷

2.3 A Era Gorbachev (1985 – 1991)

Com a morte de Konstantin Chernenko, então Secretário Geral do PCUS, em 1985, abriu-se caminho para a eleição de Mikhail Gorbachev ao posto, em 11 de março daquele ano. O país herdado por Gorbachev se encontrava em condições difíceis, como analisado anteriormente. A comunidade internacional, por sua vez, só se deu conta da gravidade da situação quando, em outubro de 1985 foram lançados dois programas de reformas: 1) a *perestroika*, que contemplaria a economia; e 2) a *glasnost*, que se ocuparia da modernização política. Esses programas eram a materialização do que já havia sido constatado pela alta cúpula soviética: mudanças urgentes eram necessárias. Gorbachev foi o escolhido para torná-las realidade, claramente apoiado por setores da burocracia e pela maioria de dirigentes do PCUS.

O fato de a população soviética ser majoritariamente urbana e de elevado nível cultural também contribuiu para que as reformas fossem instituídas. Apesar de pouco expressar contrariedade em relação ao regime publicamente, a população encontrava outras formas de oposição, nos círculos sociais, familiares, etc. Isso desembocava em pressões por mudanças, que se infiltravam em todos os setores da sociedade soviética. É importante lembrar, porém, que a *perestroika* não surgiu exclusivamente em virtude de pressões populares internas.

Outro fator determinante para as reformas foram as mudanças que ocorriam no mundo exterior, não somente relativas à economia e à tecnologia, mas também à política, à sociedade e ao comportamento. Concomitantemente, verificavam-se também grandes manifestações em defesa de democracia nos países europeus do bloco socialista que, pouco a pouco, fizeram que o controle e a autoridade exercidos por Moscou desmantelassem. O símbolo mais conhecido desse processo de desagregação foi a queda do Muro de Berlim, em 1989. Todas essas mudanças pressionavam, de uma forma ou de outra, para que a URSS se transformasse.

⁶⁷ RODRIGUES, 2006, op. cit., p. 193.

2.3.1 *A perestroika*

Perestroika significa reconstrução, reestruturação, e é a isso que se propunha o programa de reformas econômicas. Porém, ele carecia de consistência. Não se sabia exatamente a intenção do governo ao lançá-lo, apenas que queria ultrapassar um modelo extensivo de produção e adotar um intensivo, com a introdução de técnicas mais modernas. O que também não estava claro era o destino final que teriam essas reformas nos últimos anos da década de 1980; uma volta à economia de mercado não era aventada inicialmente. Porém, ao analisar as medidas que foram adotadas, vê-se que a tentativa de dinamizar a economia seria feita com “o recuo na planificação centralizada, o afrouxamento nos controles sobre as empresas e a reintrodução gradual de mecanismos de mercado na economia soviética”.⁶⁸ De acordo com Rodrigues,

tal programa de reformas e a eleição de Gorbachev expressavam um consenso, formado entre todos os setores do alto escalão da burocracia soviética, sobre a gravidade da situação que exigia mudanças urgentes. (...) *A perestroika* foi assim uma resposta da burocracia soviética à grave crise econômica e social instalada na URSS, antes de acelerar ela mesma o ritmo de sua desagregação, (...). Gorbachev e a *perestroika* não são a causa primeira dos problemas vividos na URSS a partir de 1985; são antes o resultado lógico da reação da burocracia aos graves problemas que vinham se acumulando na sociedade soviética desde o final da década de 50.⁶⁹

Na primeira fase, entre 1985 e 1986, foi feita uma reforma burocrática, principalmente nos sistemas de gestão e controle, com o intuito de melhorar os problemas mais aparentes, como a baixa produtividade, o alcoolismo e a indisciplina. Porém, essa tentativa logo se revelou inócua para fazer funcionar as estruturas da *nomenklatura*⁷⁰, que resistia fortemente. Algo mais brusco deveria ser feito.

Assim, a partir da segunda metade de 1986, as reformas econômicas seriam acompanhadas por um conjunto de mudanças políticas, denominadas *glasnost*, pré-condição para a efetivação completa da *perestroika*.

⁶⁸ RODRIGUES, 2006, op. cit., p.219.

⁶⁹ Ibid, p.204.

⁷⁰ Em sua obra de 1980 “*A nomenklatura*”, M. Voslenskii, um emigrante da URSS, descreve como funcionavam os altos escalões soviéticos: “O termo *nomenklatura* na linguagem burocrática soviética, se referia ao fato de o PCUS manter listas internas, classificadas e hierarquizadas, com os nomes das pessoas que ocupam cargos dirigentes no país ou que são mantidas em reserva para estes postos. A aprovação para qualquer nível destas listas era cuidadosamente controlada pelas instâncias correspondentes do partido imediatamente superiores ao cargo em questão.” (VOSLENSKII apud SEGRILLO, 2000, op. cit., p. 185).

2.3.2 *A glasnost*

A palavra *glasnost* pode ser traduzida como transparência, visibilidade. Dessa maneira, o programa de mudanças políticas – apoiado pela ala reformista do governo –, reconhecia a necessidade de transparência, ao mesmo tempo em que se propunha a alterar o sistema como um todo, democratizando-o. Em linhas gerais, a *glasnost* deveria ser uma abertura política controlada, que atuaria “estimulando” os setores mais importantes da sociedade, buscando, assim, aumentar a produtividade dos fatores de produção e a inovação.

Essa necessidade de manter o controle, porém, acabou rechaçada pela população, que percebeu que seria possível transgredir os limites dados pelo governo. “Logo se veria que quanto mais avançasse a *glasnost*, mais difícil ficaria manter o controle. A liberalização política, em vez de reforçar a *perestroika*, terminou por atropelá-la”.⁷¹ Outro fator limitador do alcance das reformas era a manutenção do PCUS como partido único, fato que ia de encontro à tentativa de democratização.

As reformas pouco avançaram entre 1985 e 1986, explicitando as desavenças entre os reformadores radicais e os conservadores. Todavia, a explosão do reator da usina nuclear de Chernobyl, em abril de 1986, serviu para mostrar ao mundo o grau de atraso tecnológico e de descaso em que vivia a URSS.

A partir daí as reformas econômicas foram aceleradas. Em 1º de maio de 1987, entrou em vigor a resolução que regulamentava o trabalho individual privado nas áreas de serviço e agricultura. Essa resolução legalizou a situação de milhares de pessoas, entre artesãos, pedreiros, médicos privados e outros, acabando, também, por dinamizar a economia.

Obviamente, o mercado negro permaneceu intacto. Devido à grande disparidade entre a indústria pesada, de um lado, e a de bens de consumo, agrícolas e de serviços, de outro, surgiram verdadeiras máfias para preencher essas lacunas.

Na agricultura, também em maio de 1987, foi aprovado um novo estatuto das cooperativas, estimulando a produção privada nas cooperativas estatais (*kolkhozes*) assim como nas fazendas estatais (*sovkhozes*). Introduziu-se novamente o sistema de brigadas contratadas, pelo qual os trabalhadores utilizavam as terras do *kolkhoz* e ficavam com uma parcela do lucro obtido. Segundo Zhores Medvedev, em 1987, “as brigadas teriam produzido

⁷¹ RODRIGUES, 2006, op. cit., p.221.

*47,6% das colheitas, 18,5% do gado e 40% do restante da produção animal, o que aumentou sem dúvida a oferta de alimentos”.*⁷²

Em junho de 1987 foi aprovada uma nova lei sobre a autonomia das empresas estatais, que entrou em vigor em janeiro do ano seguinte. As empresas estatais passariam a ser avaliadas pelos lucros que conseguissem e pela qualidade dos produtos, e não mais pelo cumprimento de metas ou pelo valor global da produção. Assim, o Plano Quinquenal passaria a ter mero caráter indicativo e orientador em relação à produtividade e às suas perspectivas. Sob a nova legislação, as estatais poderiam também estabelecer o preço de seus produtos, a remuneração dos trabalhadores e escolher seus fornecedores. Estariam ainda sujeitas ao mercado, apesar de este não ter lei nem controle.

Enquanto a *glasnost* foi muito bem aceita e acatada, a *perestroika* não conseguiu produzir os resultados econômicos desejados, visto que sua execução provou-se extremamente difícil. *“A renda nacional cresceu levemente entre 1986 e 1988, entre 2% e 3%, o que era insuficiente para ser notada pela população. Isso, combinado com a queda do preço do petróleo e com uma safra ruim de cereais, piorou ainda mais a percepção pública.”*⁷³

Os dados da tabela abaixo corroboram a tese de que a *perestroika* fracassou, no que tange ao desempenho econômico soviético, apesar de ter contribuído para a abertura do sistema. Pela análise da tabela, vemos que os indicadores macroeconômicos deterioraram-se gradualmente, conforme as reformas iam se aprofundando. O crescimento do PNB, por exemplo, atingiu seu auge em 1986, com uma alta de 4,1%, caindo lentamente então, até tornar-se negativo em 13%, em 1991. Também vemos sinais de que a economia soviética entrou em uma espiral de preços-salários, uma vez que os sucessivos aumentos dos salários nominais não foram capazes de elevar o poder de compra da população, pois os salários reais eram corroídos pela inflação.

⁷² MEDVEDEV apud RODRIGUES, 2006, op. cit., p. 225.

⁷³ Ibid, p.227.

Tabela 4: Desempenho Macroeconômico Soviético, 1985-1991

	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991
Crescimento do PNB*	0,8	4,1	1,3	2,1	1,5	-4,0	-13,0
Crescimento dos Investimentos	3,0	8,4	5,6	6,2	4,7	-2,5	-6,0
Déficit Orçamentário/PIB (%)	2,4	6,2	8,8	11,0	9,5	8,3	20
Índice de Preços do Varejo	3,5	4,5	4,5	6	8	20	100
Crescimento de M2	-	8,5	14,7	14,1	14,8	20,2	75
Elevação dos salários nominais	2,9	2,9	3,7	8,3	9,4	12,3	70
Salários Reais	-0,5	-1,5	-0,5	2	1	-6	-15

Fonte: Fischer (1992, Tabela 7, p. 19)

Outro fato digno de menção, ocorrido em maio de 1988, foi o início da retirada das tropas soviéticas do Afeganistão, concluídas em fevereiro de 1989. Os custos decorrentes da guerra e a derrota iminente da URSS configuraram-se como grandes fatores de pressão para a retirada.

2.3.3 *O caos político*

Em 1989, estava claro que o aparelho produtivo havia se desagregado. Nem mesmo os reformistas radicais sabiam como se daria a transição de uma economia centralizada para um modelo com mecanismos de mercado ampliados. A oposição dos conservadores e de setores ligados a eles aumentava.

Essa situação ampliou ainda mais o espaço para que as máfias, a economia subterrânea, de seu papel secundário e parasitário dentro do sistema de economia de planejamento central deficiente, emergissem e passassem a controlar grandes fatias do comércio de bens e serviços, permitindo que tais gangues, associadas aos dirigentes mais corruptos do aparato viessem a exercer um papel fundamental no controle da economia privatizada depois de 1991.⁷⁴

Como as reformas não produziam os resultados esperados, a popularidade de Gorbachev caiu drasticamente e a população passou a manifestar cada vez mais sua insatisfação. Os trabalhadores faziam paralisações, que afetavam seriamente a produção e a produtividade. Já em maio de 1990, era irreversível o colapso econômico, que acabou por preparar a última crise política do sistema soviético.

⁷⁴ RODRIGUES, 2006, op. cit., p. 229.

A liberalização veio como uma tentativa de derrotar os conservadores. A censura diminuiu e os meios de comunicação de massa foram liberados, assim como os dissidentes. Denúncias sobre os horrores do regime começaram a surgir, e a repulsa à corrupção generalizada na *nomenklatura* foi um de seus maiores alvos.

Setores anti-stalinistas começaram, então, a questionar o regime, a própria Revolução de 1917, a URSS, seus dirigentes e sua necessidade. Em contrapartida, surgiu um PCUS reformado, com o objetivo de tentar resistir ao avanço das reformas. Do outro lado, estavam os trabalhadores, ainda imbuídos de uma mentalidade igualitária e associando a *perestroika* com ameaça de desemprego. Eram utilizados pelos conservadores para tentar paralisar as reformas que, acreditavam, destruiriam o socialismo – como, de fato, destruíram.

Um esqueleto do sistema constitucional, criado durante a *glasnost*, chegou a ser instalado. Durante as eleições de 1988-89, para o Congresso de Deputados do Povo ⁷⁵, Gorbachev conseguiu acumular poderes para governar por decreto. A insatisfação era geral e,

em pouco tempo mostrou-se que a alternativa para a queda da autoridade do partido comunista não foi a estabilidade política criada pelo novo sistema constitucional eleito e com autoridade, mas sim autoridade nenhuma. A velha URSS se precipitava no abismo. ⁷⁶

Em 1990, deu-se o fim do unipartidarismo e a criação, pelo Soviete Supremo, do cargo de Presidente da URSS, cujo primeiro ocupante foi Gorbachev (os subseqüentes seriam eleitos). Boris Yeltsin⁷⁷, por sua vez, foi eleito presidente do Soviete Supremo em maio do mesmo ano, dando início à oposição entre a República Russa e o governo central da URSS. Com o caos em que a URSS se encontrava, na primeira metade de 1990, os reformistas radicais – ou restauracionistas - que exigiam uma volta ao capitalismo, foram mais ofensivos politicamente. Isso significava uma mudança em seu discurso inicial, por ocasião da instauração da *perestroika*, quando preconizavam ser ela uma reforma do socialismo. Nem mesmo uma economia mista já lhes servia, dado o estado das coisas.

Em 1990, não só os economistas reformistas radicais, mas muitos dirigentes das repúblicas já falavam abertamente em reintroduzir um mercado livre e esperavam milagres de um processo agressivo de privatização e das reformas financeiras de orientação monetarista sugeridas pelo FMI, com quem os

⁷⁵ Segundo as novas regras da *perestroika*, o povo não mais elegeria diretamente os 1.400 membros do Soviete Supremo e, sim, um Congresso de Deputados do Povo, que elegeria os componentes do Soviete Supremo.

⁷⁶ RODRIGUES, 2006, op. cit., p.237.

⁷⁷ Membro do PCUS de 1961 até julho de 1990, começou a trabalhar na administração do Partido em 1968. Durante grande parte de sua carreira, foi um dos protegidos de Gorbachev, que acreditou ter em Yeltsin um aliado.

governos deveriam se associar, escutando seus assessores e acatando suas orientações.⁷⁸

Em julho de 1990, realizou-se o XXVIII Congresso do Partido Comunista, no qual, além dos apoiadores de Gorbachev, apareceram também outras linhas políticas: a *Unidade*, que pregava uma volta à luta de classes; a *Plataforma Marxista*, que preconizava a manutenção da burocracia e do elitismo no PCUS; e a *Plataforma Democrática*, que queria que o PCUS se transformasse em um partido social-democrata, em moldes ocidentais, e defendia uma volta ao capitalismo.⁷⁹ A relevância do XXVIII Congresso se deve ao fato de ele marcar o fortalecimento do poder pessoal de Gorbachev em detrimento da influência do PCUS. Foi também nesse Congresso que Yeltsin anunciou que se retiraria do partido.

Em outubro de 1990, a República Russa aprovou o Plano Shatalin (ou Plano de 500 dias), que propunha uma transição para a economia de mercado em um prazo de 500 dias. Sua principal característica era a privatização em larga escala. Isso aumentou ainda mais o atrito entre a Rússia e o governo central, que não aprovava o plano, desejando uma mudança mais gradual. Não havia consenso na cúpula soviética sobre como fazer as reformas, especialmente em relação à reconversão à propriedade privada, à liberação dos preços, e ao medo da volta do desemprego em massa.

Essa diferença quanto aos ritmos e à estratégia final das reformas, das quais Gorbachev perdeu o controle em 1989-90, aparentemente explica seu giro em direção aos conservadores no final de 1990 e que tenha nomeado uma equipe da qual boa parte dos membros irá estar na cabeça da tentativa de golpe conservador em 1991.⁸⁰

Enquanto Gorbachev vivia seu “inferno astral”, o presidente eleito da República Russa, em junho de 1991, Boris Yeltsin, não poderia estar passando por um momento melhor. Seus discursos radicais contra o velho sistema e o Partido Comunista, ao contrário de Gorbachev, entusiasmavam a população. Esse desgaste entre as duas figuras veio a calhar para os reformistas, que puderam acelerar o ritmo das mudanças.

Outro agravante eram as variadas disputas travadas entre as quinze repúblicas soviéticas, que “(...) se recusavam a colaborar como antes. O sistema econômico integrado se desarticulava à medida que as diversas regiões passavam a agir independentemente na cadeia produtiva (...)”.⁸¹ O governo central decidiu, então, negociar, propondo um novo

⁷⁸ RODRIGUES, 2006, op. cit., p.239.

⁷⁹ Veja-se: SEGRILLO, 2000a, op. cit., p. 45.

⁸⁰ RODRIGUES, 2006, op. cit., pp. 245-46.

⁸¹ SEGRILLO, 2000a, op. cit., p. 53.

Tratado da União, dando amplos poderes às repúblicas, com apenas algumas funções essenciais mantidas no centro. Porém, antes que o acordo pudesse ser assinado, em agosto de 1991, Gorbachev sofreria uma tentativa de golpe.

Com efeito, em 19 de agosto de 1991, enquanto Gorbachev estava de férias na Criméia, os meios de comunicação anunciaram que o vice-presidente da URSS, Gennady Yanayev, assumiria o governo, uma vez que o presidente estaria acometido por “problemas de saúde”. Entre os apoiadores do golpe, encontravam-se pessoas muito próximas a Gorbachev, como o primeiro-ministro, Valentin Pavlov, e o chefe da KGB, Vladimir Kryuchkov. Os golpistas afirmavam não ser contra as reformas econômicas básicas, mas, sim, contra a assinatura do Tratado da União, que consideravam precipitada. Foram anunciadas algumas medidas populares, como o combate ao crime, instituindo-se, por outro lado, a censura aos meios de comunicação.

Em Moscou, Yeltsin se postou no Parlamento russo, juntamente com seus partidários, posicionando-se contra o golpe. A condenação internacional não demorou a vir, com líderes ocidentais demandando saber o que ocorria. Assim, em função da represália interna e externa, do repúdio popular, e da falta de objetivos claros, o golpe terminou em seu terceiro dia.

Apesar de não ter se consumado, a tentativa de golpe serviu para enfraquecer ainda mais Gorbachev, ao mesmo tempo em que fortaleceu Yeltsin. Gorbachev se viu forçado a renunciar à sua posição de secretário-geral do PCUS, e a assinar decretos limitando o campo de ação do partido no governo. Adicionalmente, várias das repúblicas soviéticas declarar-se-iam independentes nos dias seguintes, tornando a situação do presidente insustentável. Em 21 de dezembro, todas as repúblicas da URSS (excluindo-se as bálticas e a Geórgia) criaram a Comunidade de Estados Independentes – CEI (*Sodruzhestvo Nezavisimikh Gosudarstv*). Assim, em 25 de dezembro de 1991, Gorbachev renunciou, passando o cargo de presidente da URSS a Boris Yeltsin. No dia 26, o fim da URSS foi oficialmente declarado, com votação no Parlamento soviético.

2.4 A Era Yeltsin (1991 – 1999)

No início de seu governo, Yeltsin representava mudança, contando com apoio popular maciço. Ao deixar o cargo, a situação era inversa, uma vez que a Rússia se afundava em

corrupção, problemas sociais e colapso econômico. Ele não teve alternativa senão renunciar em 1999.

Com o fim da URSS, os gargalos econômicos, que antes eram cobertos pela integração, apareceram. Houve, inclusive, interrupções na produção de muitos artigos. Apesar de haver herdado uma situação difícil, Yeltsin seguiu com sua idéia de inserção rápida do país na economia de mercado.

Nesse contexto, vale destacar o papel do ministro das finanças, Yegor Gaidar, principal mentor do programa econômico. Ferrenho defensor da “terapia de choque”, acreditava ser essa a única saída para a Rússia. Assim, em janeiro de 1992, foram liberados os preços, o comércio exterior e a flutuação do rublo. Ao mesmo tempo, foi implementado um regime de austeridade, a fim de controlar a inflação: a taxa de juro foi elevada a níveis altíssimos, com o objetivo de restringir o crédito e a circulação monetária. Do lado fiscal, novos impostos foram criados, enquanto subsídios e gastos com a seguridade social foram cortados.

O resultado é que os russos viram um show de remarcação nas vitrines (...). Os preços subiram, em média, de 3 a 5 vezes (alguns até 30 vezes). Para piorar, não houve uma melhora imediata na oferta de produtos, como seria de esperar numa situação de preços de equilíbrio.⁸²

Obviamente, houve grande descontentamento, tanto do governo quanto da população com a nova política. A alta dos preços dos bens essenciais acabou por esvaziar as poupanças acumuladas durante a era soviética. Seu descontrole também afetou as empresas, que não mais pagavam os impostos nem os empregados. As empresas seguiam acostumadas aos subsídios automáticos oferecidos na época soviética, o que contribuía para postergar sua adaptação à economia de mercado. No início das reformas do governo Yeltsin, esses subsídios permaneceram, fruto das relações entre membros do governo e diretores das empresas. Além do mais, a falta de um sistema tributário claro e compreensível tornava a fiscalização praticamente impossível. Isso só ajudava a aumentar o déficit orçamentário. O Banco Central tampouco ajudava: indo de encontro ao que pregava a terapia de choque, a instituição aumentou a oferta de moeda para atender à demanda dos gerentes das empresas, apesar de a inflação estar na casa dos três dígitos

Em abril de 1992, o Parlamento russo se opôs à liberalização desordenada dos preços, exigindo que Yeltsin nomeasse um primeiro-ministro (função que ele acumulava), e fizesse

⁸² SEGRILLO, 2000a, op. cit., p. 74.

algo a respeito da queda do nível de vida da população. Assim, em junho de 1992, Yeltsin nomeou Yegor Gaidar para o cargo.

2.4.1 *O programa de privatização*

O programa de privatização (*Privatizatsiya*) era organizado pelo Comitê Russo Estatal para a Administração da Propriedade Estatal (GKI), e executado pelo Fundo de Propriedade Russo. Além de Yegor Gaidar, outra figura importante nesse período foi Anatoly Chubais, chefe do GKI. Sua posição era muito similar à de Gaidar, defendendo que as privatizações ocorressem o mais rapidamente possível, e de maneira irreversível.

O programa foi composto por duas fases: (1) distribuição aos cidadãos de cupons no valor de 10 mil rublos (US\$ 40, na época), que poderiam ser trocados por ações de empresas estatais. Não se pode ignorar que a primeira fase de privatização aumentou a popularidade do presidente. A fase da privatização por cupons teve início em agosto de 1992 e durou até julho de 1994; (2) as ações ainda nas mãos do governo foram negociadas com um pequeno número de oligarcas⁸³, em troca de empréstimos para cobrir o orçamento estatal. Essa parte do programa foi muito criticada, pois teria sido voltada para o enriquecimento de poucos.

Até junho de 1993, 60 mil das 200 mil empresas estatais russas tinham sido vendidas, principalmente as pequenas, como restaurantes, lojas, etc. Em 1993 acelerou-se o processo de venda das grandes empresas através da troca por ações dos 144 milhões de cupons distribuídos à população. (...) Quando a etapa da “privatização por cupons” foi encerrada em julho de 1994, 70% de todas as empresas industriais da Rússia tinham sido privatizadas e mais de 40 milhões de russos possuíam ações.⁸⁴

Como se vê, o processo de privatização não ocorreu sem sobressaltos: a inflação corroía o valor dos cupons, que eram revendidos pela população por valores irrisórios. Isso permitiu que fundos de investimento – locais e estrangeiros – adquirissem participações majoritárias nas empresas por custo baixíssimo.

⁸³ De acordo com Segrillo, “o termo “oligarquia” refere-se ao fato de que as privatizações na Rússia foram realizadas com a prioridade de serem rápidas e irreversíveis e não necessariamente do modo mais liso e honesto possível. Num contexto de país em transformações algo anárquicas, com estruturas criminais fortes, regime legal totalmente ultrapassado e inadaptado para a nova economia de mercado, os leilões “arranjados”, os “insider deals” e a utilização de dinheiro público para fins privados foram muito comuns. Os “mais fortes” sobreviveram e passaram a acumular pedaços cada vez maiores do “bolo” das principais empresas privatizadas. (...) Menos de dez “oligarcas” passaram a dominar, direta ou indiretamente, cerca de 80% das principais empresas industriais/financeiras privatizadas do país. (...) São todos ex-burocratas ou empresários iniciantes do período soviético bem posicionados junto ao novo poder de Yeltsin, Gaidar e Chubais”.

(SEGRILLO, 2000a, op. cit., pp. 100-101).

⁸⁴ Ibid, p. 77.

Adicionalmente, o poder outorgado à administração das empresas no processo de privatização por cupons permitiu que ocorressem “arranjos”, que terminavam por deixar as empresas nas mãos de seus gerentes. Como exemplo, há a *Gazprom*, a enorme empresa de gás natural, presidida por Viktor Chernomyrdin (que, depois, se tornou primeiro-ministro). Quem tivesse comprado ações dessa empresa só poderia vendê-las com autorização da diretoria que, dificultando as transações, mantinha os preços artificialmente baixos. A administração tinha prioridade na compra dessas ações.⁸⁵

Muitas vezes, os coletivos de trabalhadores não conseguiam fazer valer seus direitos nas desestatizações. Além disso, o país se tornou uma “terra de ninguém”, com empresários sendo assassinados por conta de disputas comerciais e tendo que pagar por proteção, que chegava até mesmo a ser contabilizada nos balanços.

Como nota Padma Desai,

O programa de privatização foi bem-sucedido ao transferir basicamente toda a economia russa antes nas mãos do Estado para o controle do setor privado. Porém, o programa de reformas econômicas de Yeltsin não possuía nenhum componente que levasse em conta os perdedores. Por exemplo, talvez uma fração do dinheiro recebido dos oligarcas poderia ter sido destinado a pagamentos de seguridade social para os pobres ou de aposentadorias para os idosos. (...) Ações como essa não foram tomadas e, até a saída da equipe de Yeltsin do governo em agosto de 1998, os reformistas tiveram que enfrentar a oposição comunista na Duma e a queda do apoio público.⁸⁶

2.4.2 *Conjuntura econômica e política (1992-1999)*

Como visto anteriormente, a liberação dos preços teve efeitos nefastos na economia russa, em 1992. Como bem analisa Segrillo:

a política de abertura do comércio avassalava o mercado interno com mercadorias importadas, freqüentemente de qualidade superior às russas, mas, em compensação, as indústrias do país sofreriam uma queda brutal devido à concorrência estrangeira, à queda do poder aquisitivo da população, etc. (...), em 1992 o Produto Interno Bruto da Rússia *decreceu* em 19% (uma taxa semelhante às destruições de grandes guerras!)⁸⁷

Assim, em dezembro de 1992, Yeltsin demitiu Gaidar, nomeando para seu lugar Viktor Chernomyrdin, que era visto como um representante da indústria nacional russa,

⁸⁵ SEGRILLO, 2000a, op. cit., p. 78.

⁸⁶ DESAI, P. Russian retrospectives on reforms from Yeltsin to Putin. *Journal of Economic Perspectives*, Vol.19, Nr. 1, 2005, p. 87–106, p. 96. (Tradução nossa - D.A.C.) Disponível em: <<http://www.atypon-link.com/AEAP/doi/pdf/10.1257/0895330053147903?cookieSet=1>>. Acesso em: 27 jul. 2008.

⁸⁷ SEGRILLO, 2000a, op. cit., p. 81.

pronto a defendê-la do avanço estrangeiro. Chernomyrdin representava os interesses das antigas empresas e daquelas que permaneciam sob controle estatal, e que, com a abertura, estavam tendo dificuldades em se adaptar e fornecer matérias-primas a preços acessíveis.

Grande parte do Parlamento se voltou contra Yeltsin, tendo em vista a maneira como foi conduzido o processo de liberalização de preços e as privatizações. Em 1993, Yeltsin chegaria a sobreviver a uma tentativa de *impeachment* e a um referendo sobre a confiança do povo em seu governo. O *impeachment* foi arquitetado pelo Soviete Supremo, que se opunha à maneira pela qual estavam sendo feitas as reformas. O fato detonador da tentativa de derrubá-lo foi sua aparição em rede nacional para informar à nação de assumiria poderes especiais, de modo a permitir que as reformas fossem implementadas. “*Os oponentes de Yeltsin conseguiram mais de 600 votos a favor do impeachment, mas, mesmo assim, faltaram 72 para que a maioria de dois-terços fosse obtida.*”⁸⁸

Yeltsin declarou então que governaria por decreto, até que um novo Parlamento fosse eleito e que um referendo sobre a nova constituição ocorresse. A Carta causou outra revolta da oposição, uma vez que propunha um Poder Executivo bastante forte e um Parlamento fraco, apesar da relativa independência mantida na Câmara Baixa, a *Duma*, eleita por voto popular direto. E, com a renúncia de Gaidar ao cargo de vice-primeiro-ministro, Chernomyrdin se fortaleceu ainda mais.

Os reformadores eram, em grande parte, indiferentes à aceitação pública do programa e ao impacto distributivo sobre os perdedores. Talvez alguma dor por conta da transformação dos arranjos soviéticos fosse inevitável. Porém, não houve nenhum tipo de articulação para minimizar os custos para os grupos mais vulneráveis quando do desenho das políticas e de sua implementação.⁸⁹

Em dezembro de 1994, a popularidade de Yeltsin (e também da Rússia) foi colocada à prova com a invasão militar da Chechênia. A Rússia queria manter sua influência na república separatista, situada no sul do país, em uma região rica em petróleo e ponto de ligação entre os mares Cáspio e Negro. Finalmente, após quase dois anos de ocupação, as tropas russas se retiraram da região, que obteve autonomia, mas não independência.

Em meados de 1993, a fim de receber apoio do Fundo Monetário Internacional (FMI) para conseguir financiar seu déficit fiscal, a Rússia começou a utilizar a âncora cambial. Para isso, o Banco Central Russo (CBR, em inglês) apertou a política monetária, e um orçamento

⁸⁸GUSEV, D. *Russian Presidential Elections* – 96. 1996. (Tradução nossa - D.A.C.) Disponível em: <<http://www.acs.brockport.edu/~dgusev/Russian/bybio.html>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

⁸⁹DESAI, 2005, op. cit., p. 81. (Tradução nossa - D.A.C.)

“não inflacionário” foi estruturado. Seguindo o receituário do organismo internacional, o país não se preocupou em reformar as instituições, tal como o regime tributário e/ou o *modus operandi* do Banco Central, mas em controlar rapidamente a inflação e em permitir que os capitais se movimentassem livremente.

Assim, o FMI apoiava uma política de aperto monetário que mantinha a taxa de desconto do banco central em 25% ou mais. Essa política foi combinada com um rublo desproporcionalmente forte. Finalmente, foi permitido aos estrangeiros que comprassem títulos de curto prazo do governo, a fim de que o déficit orçamentário, da ordem de 7% do PIB, entre 1995-1998, pudesse ser contido.⁹⁰

Os resultados dessa política não decepcionaram. A inflação caiu com o tempo e uma relativa estabilidade de preços foi alcançada, mas não sem custos.

Entretanto, os juros elevadíssimos e a competição de mercadorias estrangeiras, que entravam no país com tarifas de importação baixas, impediam o setor industrial russo de retomar o crescimento. Ao contrário, na maior parte da década, a economia decresceu (!) a cada ano.⁹¹

É importante ressaltar que, com a baixa arrecadação, o governo russo não tinha como remunerar os títulos de curto prazo (GKO), o que obrigava o CBR a emitir mais títulos. Para tornar os papéis mais atrativos e manter o rublo valorizado, a taxa de juros foi elevada à casa de dois dígitos, provocando, em contrapartida, maior elevação do déficit orçamentário e uma invasão de capital especulativo de curto prazo, que se aproveitava da política de mobilidade de capital e dos retornos da ordem de 20%.

Cabe lembrar que, em julho de 1996, foram realizadas eleições presidenciais na Rússia. O maior concorrente de Yeltsin era Gennady Zyuganov, candidato do Partido Comunista, que tinha se saído bem nas eleições parlamentares do ano anterior. Chubais e toda a influência por ele obtida com o programa de privatização foram instrumentais na vitória do presidente no segundo turno, com pouco mais da metade dos votos.

No campo econômico, os fatos cruciais que levaram à deterioração da situação russa ocorreram em 1997. O primeiro foi a queda generalizada dos preços das *commodities*. Como a economia do país era baseada, em grande parte, na exportação desses produtos, em especial do petróleo e do gás, nem mesmo um aumento nos volumes exportados foi capaz de compensar a queda dos preços mundiais. O segundo foi a eclosão da crise econômica da Ásia, que atingiria na Rússia posteriormente.

⁹⁰ DESAI apud DESAI, 2005, op. cit., p. 100. (Tradução nossa - D.A.C.)

⁹¹ SEGRILLO, 2000a, op. cit., p. 81.

A crise da Ásia de 1997, assim como a da Rússia no ano seguinte, teve, no setor financeiro, a maior fonte de pressão. Posteriormente, a crise propagou-se por outros setores da economia. É preciso lembrar que, nos anos de 1990, as economias emergentes asiáticas se encontravam em crescimento, grande parte dele patrocinado por investidores estrangeiros. O grande influxo de capital na região acabou por provocar “bolhas” nos preços de certos ativos. Isto, combinado com a valorização das moedas asiáticas frente ao dólar, pouco a pouco, fez que os agentes - grandes investidores institucionais, bancos, Estados - passassem a duvidar de que seria possível permanecer nesse patamar. Assim, iniciou-se uma crise especulativa, aumentando consideravelmente a possibilidade de um ataque especulativo. Foi exatamente o que ocorreu com as economias asiáticas, notadamente a Tailândia. Houve fuga de capitais, e a confusão se instalou, dando, então, início a uma crise sistêmica. Os governos foram obrigados a elevar as taxas de juros e a intervir no mercado cambial – que tinha a desvantagem de diminuir as reservas externas. Quando isso se mostrou insuficiente, a ligação com o dólar foi abandonada, o que fez que as taxas de câmbio se desvalorizassem.

Em 1998, a crise contaminaria a Rússia. Grandes bancos tinham dificuldades para honrar seus compromissos, e a taxa de câmbio em relação ao dólar, no mercado paralelo, se encontrava absurdamente valorizada. Enquanto o dólar ficava mais escasso, com maior demanda dos russos pela moeda, o capital estrangeiro deixava o país. O governo tentou, em vão, conter a depreciação do rublo. A taxa de juro chegou a ser elevada ao patamar de 139,7%, em setembro daquele ano.⁹²

Partindo da impossibilidade de refinarciari seu déficit público a Rússia recorreu à monetização da dívida, levando, junto a crescente desvalorização do Rublo, aos preços elevados dos importados e o pagamento de salários e pensões atrasados, a pressões inflacionárias que se manifestaram já nas primeiras semanas de setembro de 1998.⁹³

Hoje, sabe-se que a abertura rápida do mercado de capitais foi um dos grandes erros que acabaram por levar o país à moratória e ao colapso do rublo e da economia em agosto de 1998. De acordo com Montes e Popov, a crise seria resultante de equívoco das autoridades:

Primeiramente, o estopim da crise foi um choque externo inesperado que gerou uma queda nos termos de troca do país. Além disso, a prevalência de títulos de dívida doméstica de curto prazo deixava o governo russo dependente das decisões dos investidores para rolar a dívida. As autoridades

⁹² RICARDO, J. *Crises Financeiras em Economias de Mercado Emergente: Origens, Ajustamento e Lições de Política*. 19 dez.2003. Disponível em:

<http://www.ordemeconomistas.pt/files/Concursos/JVE/jve2004_economia.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2008.

⁹³ PINTO, B. et al. *A Crise Financeira Russa*. 2005. p. 6. Disponível em: <<http://129.3.20.41/eps/if/papers/0504/0504003.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2008.

russas acreditavam inicialmente que o problema era gerado por falta de liquidez. Por esse motivo fazia-se necessário obter financiamento externo. Foi pedido, então, ajuda ao FMI.⁹⁴

A crise constituiu o estopim para o colapso do governo Yeltsin. A precária situação em que se encontravam a economia e a população tornou a situação do presidente insustentável. Em maio de 1999, ele ainda sobreviveria a mais uma tentativa de *impeachment*, dessa vez levada a cabo pela oposição na Duma. Ainda em agosto do mesmo ano, Yeltsin demitiu seu primeiro-ministro, Sergei Stepashin, além de todo o gabinete, nomeando o então desconhecido Vladimir Putin para o posto.

Finalmente, em dezembro de 1999, em declaração que surpreendeu o mundo, Yeltsin anunciou sua renúncia e a ascensão de Vladimir Putin como presidente interino. As eleições foram marcadas para março do ano seguinte. Porém, ainda em 1999, a economia russa começaria a mostrar sinais de recuperação, apoiada nas exportações de petróleo e no rublo desvalorizado, abrindo espaço para mudanças no próximo governo.

⁹⁴ MONTES & POPOV apud PINTO et al, 2005, op. cit., p. 12.

CAPÍTULO III

A ERA PUTIN

Desde a ascensão de Vladimir Putin ⁹⁵, em 1999, o desequilíbrio econômico na Rússia parece estar em processo de reversão. Este capítulo procurará analisar as características da economia russa na era Putin, além de seu arcabouço político. Também será dado espaço para a questão da importância do país no cenário político e econômico mundial, e seu papel no mundo atual. O capítulo está dividido em três partes: a primeira trata do primeiro governo de Putin, período em que a Rússia iniciou sua recuperação econômica após a crise de 1998. A segunda parte aborda o segundo governo Putin, destacando-se a escalada da importância do petróleo como principal fonte de receita do país. Finalmente, a terceira parte do capítulo procura analisar o papel da Rússia hoje, levantando-se algumas questões a propósito dos efeitos que a atual crise do capitalismo poderão provocar em sua economia.

3.1 O Primeiro Governo Putin (2000 – 2004)

O cenário político russo, ao final de 1999, se apresentava, segundo Lenina Pomeranz, marcado por

uma mudança importante na postura da população em relação ao governo; pesquisas de opinião, realizadas por diferentes institutos especializados indicam descontentamento com a deterioração das condições de vida, desencanto com o resultado das reformas empreendidas e com base nas quais se prometia uma melhoria de vida, vergonha e revolta diante da onda de escândalos que envolveram de muito perto o presidente Ieltsin e seus auxiliares e assessores, inclusive membros da oligarquia financeira – a chamada “família” - e que, de certa forma, deterioraram a imagem do país no exterior. Como corolário, o sentimento era de cansaço e apatia à política por um lado, e o desejo de uma mão forte para “pôr ordem” no país e restabelecer o orgulho nacional, por outro lado; daí a difusão do nacionalismo, que na campanha eleitoral para o Parlamento, deixa de ser

⁹⁵ Vladimir Spiridonovich Putin é um ex-agente da KGB, cuja carreira política foi em grande parte construída em São Petersburgo. Durante a década de 1980, trabalhou como agente de inteligência da KGB em Dresden, na Alemanha Oriental. No início dos anos de 1990, passou a maior parte do tempo em São Petersburgo. Em março de 1997, tornou-se Chefe de Pessoal da Presidência, cargo em que permaneceu até maio de 1998. De maio até junho do mesmo ano, ocupou a Diretoria Principal de Controle do Departamento Presidencial de Gerenciamento de Propriedades. Em 15 de julho de 1998, tornou-se Chefe da Comissão para a preparação de acordos acerca da delimitação de poder das regiões e do centro federal, ligado ao presidente. Em 25 de julho de 1998, Yeltsin nomeou Putin como chefe da FSB, uma das agências sucessoras da KGB. Putin ficou no posto até agosto de 1999, quando foi promovido a primeiro-ministro. Em 16 de agosto, a Duma aprovou sua nomeação por 233 votos (era necessária uma maioria simples de 226). Putin também foi designado futuro candidato presidencial do Kremlin. (HERNANDÉZ, J. *Who rules Russia today? An analysis of Vladimir Putin and his Political Project*. Outubro de 2003, pp. 3-11. (Tradução nossa – D.A.C.) Disponível em: <http://eprints.ucm.es/6371/1/UNISCI_DP_3_-_Morales.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2008.

bandeira exclusiva da facção nacional-patriótica, para impregnar os demais partidos concorrentes.⁹⁶

Além desse desencanto e da falta de perspectivas, verificava-se o acirramento das tensões com os rebeldes islâmicos chechenos. Assim, em setembro de 1999, a Rússia foi vítima de atentados a bomba, que deixaram cerca de trezentos mortos. Tal fato desencadeou uma dura reação por parte do governo russo liderado por Putin, e que consistiu, primeiramente, na destruição aérea da infra-estrutura chechena, seguindo-se a invasão por terra. A reação militar russa foi bem sucedida e a popularidade do então desconhecido Putin foi às alturas.

No início de dezembro de 1999, foram realizadas eleições para a Câmara Baixa, a Duma. Os candidatos estavam divididos nos seguintes partidos ou blocos: o *Comunista*; a *Unidade*, baseado em lideranças regionais e formado para apoiar o governo no parlamento; o *Pátria - Toda a Rússia*, encabeçado por Yevgeny Primakov⁹⁷ e Yuri Luzhkov⁹⁸, e maior opositor do governo; a *União das Forças de Direita*, constituído por democratas radicais e liderado pelos ex-primeiros-ministros Yegor Gaidar e Sergei Kirienko; e os liberais-esquerdistas da *Yabloko*. Como se pode ver na tabela abaixo, o *Partido Comunista* obteve a maioria dos assentos na Duma. Porém, foi seguido de perto pela *Unidade* que, juntamente com a *União das Forças de Direita*, tinha cadeiras suficientes para fazer frente aos comunistas.

Tabela 5: Número de assentos na Duma, por Bloco Partidário

Partido/ bloco	Assentos		
	p/ lista partidária	p/ circunscção eleitoral total	total
Comunista	67	46	113
Unidade	54	8	72
Pátria- Toda a Rússia	36	30	66
União das Forças de Direita	24	5	29
Yabloko	17	4	21
Jirinowsky	17	-	17

Fonte: POMERANZ (2000, p. 3)

⁹⁶ POMERANZ, L. Eleições na Rússia: O Fenômeno Putin. *Sociedades em transformação*, Ano VI, Nº4, Junho de 2000, p. 2. Disponível em: <<http://ftp.unb.br/pub/download/ipr/rel/sociedades/2000/140revista.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2008.

⁹⁷ Ex-general da KGB, foi ministro de relações externas (janeiro de 1996 – setembro 1998) e primeiro-ministro da Rússia (setembro de 1998 - maio de 1999). Uma de suas principais características era a defesa do multilateralismo frente à hegemonia americana e dos interesses russos. (Veja-se: SEGRILLO, 2000a, op. cit., p. 118).

⁹⁸ Prefeito de Moscou desde 1992 e um dos fundadores do Pátria – Toda a Rússia. (Ibid, p. 119)

Também deve-se destacar a derrota da *Pátria – Toda a Rússia*, que acabou por inviabilizar a candidatura do ex-primeiro-ministro Primakov à Presidência. Dessa forma, fica claro que Putin havia começado a construir sua rede de apoio já nas eleições parlamentares, saindo do pleito como grande vencedor, o que assegurou a Yeltsin a possibilidade de renúncia sem que fosse criado um vácuo de poder. Vale também mencionar o uso dos meios de comunicação e da máquina estatal durante a campanha, em que o bloco de Primakov e Luzhkov era abertamente hostilizado. Segrillo também destaca que

a guerra da Chechênia foi fundamental para explicar o crescimento vertiginoso da popularidade dos até então desconhecidos Vladimir Putin e o bloco Unidade. Ao contrário da impopular e ineficaz primeira campanha contra a Chechênia em 1994-96, esta foi iniciada após uma série de atentados terroristas a bomba dentro da Rússia. A indignação levou as massas russas a apoiarem as ações terroristas naquela região. (...) Mesmo o canal ‘independente’ privado NTV, que na primeira guerra havia mostrado um pouco do lado ‘checheno’ do conflito e cenas dos mortos e feridos russos, desta vez fez coro com as outras estações.⁹⁹

Putin demonstrou habilidade política ao articular (mesmo que extra-oficialmente) acordos entre a *Unidade* e os comunistas para a indicação do presidente e do vice-presidente da Duma, bem como para a distribuição das comissões. Assim, os comunistas ficaram com a presidência, uma vice-presidência e com o maior número de cadeiras (cerca de nove). A *Unidade* ficou com outra vice-presidência e seis comissões. O sentido da coalizão de Putin com os comunistas era impedir que Primakov se tornasse presidente da Duma, o que poderia ter levado ao questionamento do *status* do presidente interino. Também melhorou a percepção do povo em relação aos comunistas, antes vistos como ferrenhos opositores do Kremlin.

A saída antecipada de Yeltsin, em 31 de dezembro de 1999, em meio a fortes acusações de corrupção contra ele e sua família, fez que as eleições, antes programadas para maio do ano seguinte, fossem antecipadas para 26 de março de 2000. Isso permitiu que Putin tirasse proveito da enorme popularidade de que gozava naquele momento. Quando da saída de Yeltsin, o primeiro decreto assinado por Putin garantia imunidade ao antigo presidente da Rússia e a membros de sua família contra quaisquer acusações de corrupção. Em 2001, a lei foi revista para abranger todos os outros ex-presidentes. Segundo Vicki Hesli,

(...) a plataforma de governo de Putin, como enunciada em sua ‘Carta Aberta aos Eleitores Russos’, de fevereiro de 2000, era mais pragmática do que ideológica. Ela consistia de um plano para a revitalização econômica; a continuidade de reformas liberais; o reforço da autoridade estatal e da lei; e a

⁹⁹ SEGRILLO, 2000a, op. cit., p.134.

supressão de qualquer sentimento secessionista dentro da Federação Russa.¹⁰⁰

O maior opositor de Putin era Gennady Zyuganov, do Partido Comunista. Também se opunham a ele: Grigory Yavlinsky (Yabloko), Amangeldy Tuleyev, Vladimir Zhirinovskiy (PLDR) e Konstantin Titov. De acordo com Lenina Pomeranz:

Sem dúvida, o fator de destaque nas eleições realizadas na Rússia é a formidável ascensão e vitória de Vladimir Putin, já no primeiro turno. Os poucos 2% de eleitores dispostos a sufragar o seu nome para a presidência do país em agosto de 1999 elevaram-se a 58% em janeiro de 2000, dando-lhe finalmente 52,64% dos votos nas urnas, segundo as apurações realizadas em 95,5% delas.¹⁰¹

Putin assumiu o governo em 7 de maio de 2000. Mikhail Kasyanov, aliado de Yeltsin, foi nomeado primeiro-ministro, apesar das denúncias de seu envolvimento com corrupção. Logo após a vitória, o novo presidente mostrou sua intenção de verticalizar o poder no país, que contemplaria, entre outros: a diminuição do número de partidos de tamanho relevante, para cerca de dois ou três; e a redução do poder regional, com centralização no governo federal. Ainda segundo Hesli:

(...) os resultados da eleição presidencial de março de 2000 têm importância crucial para o futuro da Rússia. Os resultados não representaram a imposição de um novo regime, mas facilitaram a primeira transferência de poder na Rússia por meio do processo eleitoral. (...) A presidência russa herdada por Putin é um cargo formidável, com extensos poderes e prerrogativas constitucionais. Os artigos 80 a 92 da Constituição da Federação Russa dão ao presidente controle sobre as forças armadas, a política externa e a doutrina militar, além do poder de dissolver a Duma (sob condições restritas), convocar referendos, assinar leis federais e expedir decretos e diretivas.¹⁰²

Pomeranz destaca ainda a empreitada de Putin para neutralizar o poder político dos oligarcas e para restringir os meios de comunicação independentes, muito críticos em relação à sua maneira de governar o país, em especial quanto à condução do conflito na Chechênia. Putin queria que a influência dos empresários que controlavam as comunicações se concentrasse apenas no campo econômico.¹⁰³

¹⁰⁰ HESLI, V. In HESLI, V & REISINGER, W. (Org.). *The 1999-2000 Elections in Russia: Their Impact and Legacy*. Cambridge University Press, 2003. p. 5. (Tradução nossa – D.A.C.)

¹⁰¹ POMERANZ, 2000, op. cit., p. 2.

¹⁰² HESLI, 2003, op. cit., pp. 6-7. (Tradução nossa – D.A.C.)

¹⁰³ Veja-se: POMERANZ, L. A nova Rússia: resultados da transformação sistêmica. *Seminário N° 29/2004 – FEA/USP*, novembro de 2004, p. 9. Disponível em: <<http://www.econ.fea.usp.br/seminarios/artigos2/anovarussia.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2008.

É interessante notar a mudança de posição de Putin ante alguns dos oligarcas que anteriormente o haviam apoiado, e também em relação a Yeltsin. Porém, isso não significa que o presidente havia iniciado uma “cruzada” contra a oligarquia como um todo, mas apenas contra aqueles cujos interesses colidiam com os seus. De acordo com Jim Riordan,

(...) quando Vladimir Putin sucedeu a Yeltsin na presidência da Rússia, em 1999, alguns dos ‘empresários violentos’ converteram-se em oligarcas ‘legais’ a operarem dentro dos limites estabelecidos pelo regime. Os oligarcas são tolerados e apoiados pelo presidente russo, que funciona não exatamente como um ‘padrinho’, mas mais como um ditador neo-autoritário. Desde que não ameacem o poder do presidente, os oligarcas são autorizados a coexistirem com o regime. Porém, se o fizerem, arriscam-se (...) a ver-se obrigados a pedir asilo político no estrangeiro.¹⁰⁴

Entre seus primeiros alvos estavam alguns dos homens mais ricos do país, tais como: Boris Berezosvky (dono da empresa de aviões *Aeroflot*), Vladimir Gusinsky (barão da mídia, dono do canal de televisão *NTV* e do jornal *Segodnya*) e Mikhail Khodorkovsky (controlador da petrolífera *Yukos*). Dessa forma, o governo passou a acusá-los dos mais diversos crimes, a grande maioria financeiros, o que culminou na prisão de alguns e no exílio de outros.¹⁰⁵ Conforme ressaltou Lenina Pomeranz,

A técnica para fazer isso foi a utilização de elementos de natureza econômica, como a fraude do fisco ou a existência de dívida insolúvel (caso da tomada do *Most Bank* e do canal de TV pertencentes a Gusinsky, neste último caso utilizando a garantia de empréstimos a ele feitos pela *Gazprom*, e não honrados).¹⁰⁶

Cabe lembrar que, naquela época, não era incomum os oligarcas terem dívidas com o Estado (e pouca ou nenhuma disposição de pagá-las). Na verdade, negócios privados e públicos se misturavam. O sistema funcionava daquela maneira desde sua concepção. Para Lilia Shevtsova, a mudança de posição do Kremlin se deu pelo que Putin percebia como “traição” e como possível fonte de problemas futuros. Segundo a autora,

(...) a mídia impressa e, especialmente, a mídia eletrônica independente representavam um sério obstáculo à construção do autoritarismo pragmático de Putin. (...) Ele considerava os críticos e insubordinados como inimigos do Estado e, por consequência, seus inimigos, uma vez que identificava o Estado com o presidente – ou seja, consigo mesmo.¹⁰⁷

¹⁰⁴ RIORDAN, J. Entrar no jogo: pela Rússia, pelo dinheiro e pelo poder. *Análise Social*, 2006, no.179, p.477-498. pp. 477-478. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aso/n179/n179a08.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2008.

¹⁰⁵ Veja-se: POMERANZ, 2004, op. cit..

¹⁰⁶ Ibid, p. 36.

¹⁰⁷ SHEVTSOVA, L. *Putin's Russia*. Washington, D.C.: Carnegie Endowment, 2003, pp. 104 -106. (Tradução nossa – D.A.C.)

Putin tampouco acreditava haver algum problema na utilização do aparato estatal para atingir seus objetivos. Assim, muitos órgãos governamentais serviram de base para as perseguições aos oligarcas, com destaque para a Procuradoria e os tribunais. Democratas russos, defensores dos direitos humanos e a comunidade internacional não tardaram a questionar a legitimidade das prisões, mas o presidente parecia determinado a demonstrar que os dias de imunidade tinham acabado.

Do ponto de vista econômico, Putin mostrou conhecer as deficiências e problemas da Rússia, especialmente a grande dependência das exportações de petróleo e gás e os gargalos no setor industrial, que impediam que o país passasse de exportador de matérias-primas a exportador de tecnologia e produtos de alto valor agregado.

É preciso assinalar que, já no final de 1999, a economia russa mostrava sinais de recuperação da crise financeira vivida pelo país a partir da segunda metade de 1998. Essa rápida recuperação pode ser atribuída a dois fatores principais: cotações elevadas do petróleo e do gás natural no mercado internacional e uma taxa de câmbio depreciada. Os altos preços dessas *commodities* fizeram que as exportações russas desses produtos aumentassem significativamente. Os impostos arrecadados com tais vendas aliviaram problemas fiscais, melhorando o cenário para investimentos. De maneira similar, o enfraquecimento do rublo ante o dólar aumentou a competitividade dos produtos russos em relação a similares estrangeiros. Conforme assinalam Fernando Ferrari Filho e Luiz Fernando de Paula,

(...) um dos principais fatores que corroborou para o crescimento médio anual de 6,8% do PIB russo, entre 1999 e 2004, foi a elevação do preço do barril do petróleo no mercado internacional: em 1999, o preço médio do petróleo no mercado internacional era US\$ 17,9, ao passo que em 2004 o preço medido da referida commodity foi US\$ 38,0. Portanto, o crescimento do País tem sido puxado, em parte, pelo crescimento do preço do petróleo, que é o principal item na pauta de exportações da Rússia.¹⁰⁸

Quando da recuperação da economia, poucos acreditavam que fosse possível ao país crescer por um longo período, tendo em vista seus problemas estruturais. Imaginava-se que o crescimento pararia tão logo o rublo voltasse a se apreciar. Assim, é crucial o entendimento dos fatores que permitiram ao país seguir crescendo durante todo o primeiro governo Putin. A Rússia é um dos maiores exemplos de crescimento de uma economia baseada em recursos naturais, ao menos no curto prazo. Porém, esse tipo de economia torna-se mais vulnerável a

¹⁰⁸ FERRARI-FILHO, F. & PAULA, L.F. *Liberalização financeira e performance econômica: a experiência recente dos BRIC*, 2006, p. 11. Disponível em: <http://www.corecon-rj.org.br/pdf/ced_bric_sep.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2008.

choques externos, além da maior probabilidade da ocorrência da “doença holandesa”¹⁰⁹. Esse é um tópico que suscita grande controvérsia, especialmente no que tange ao momento exato em que se pode dizer que uma economia sofre de doença holandesa.

Durante o período compreendido entre 1999-2003, o PIB russo cresceu em média 6,5% ao ano, com taxas variando entre 4,7 e 10% (ver tabela 6). Não obstante a importância das exportações para o crescimento, cabe notar que, assim que os efeitos da crise se dissiparam, em meados de 1999, a demanda interna rapidamente substituiu a externa como principal força de expansão, como mostram os gráficos a seguir.

Outro fator que deve ser mencionado é o declínio da taxa de crescimento populacional russo que, de 1998 a 2003, passou de 0,22% ao ano para -0,49% ao ano. Esse fenômeno, combinado com o envelhecimento da população, deve, futuramente, tornar-se fonte de problemas, devido à incapacidade de renovação da mão-de-obra e do alto nível de rejeição aos imigrantes.

Como se pode ver na tabela abaixo, o país mostrou considerável acúmulo de reservas em moeda estrangeira (ouro e papel-moeda), que passou de US\$ 12,2 bilhões de dólares, em 1998, para US\$ 97 bilhões, em 2003. Até 1999, as reservas eram suficientes para cobrir cerca de 25% do total de importações. Em 2003, elas já ultrapassavam o valor das importações em 1,15 vezes. A melhora apresentada pela conta corrente é um dos fatores que possibilitaram à Rússia acumular reservas brutas em moeda estrangeira.

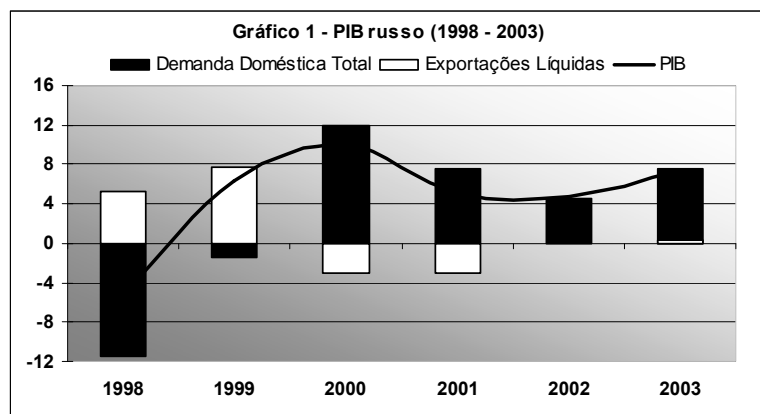
¹⁰⁹ De acordo com Maria Auxiliadora de Carvalho e César Roberto Leite da Silva, “a expressão ‘doença holandesa’ foi cunhada para expressar a perda relativa de competitividade da indústria holandesa devida à apreciação do florim que se seguiu à descoberta e exploração de grandes jazidas do gás natural na década de 1960. A mudança dos preços relativos levou a Holanda a passar por uma etapa de desindustrialização, processo também designado maldição dos recursos naturais.” (CARVALHO, M. A. de & SILVA, C. R. L. da. Mudanças na pauta das exportações agrícolas brasileiras. *Rev. Econ. Sociol. Rural*, Jan./Mar. 2008, vol.46, no.1, p.53-73, pp. 54-55. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/resr/v46n1/a03v46n1.pdf>>. Acesso em: 17 set. 08. Joseph Stiglitz completa: “a Holanda, depois de sua descoberta de gás e petróleo, viu-se vitimada por crescente desemprego e incapacitação da força-de-trabalho (...). Quando o câmbio dispara, devido a uma explosão no crescimento dos recursos naturais, os países não conseguem exportar artigos de sua indústria de transformação ou mercadorias agrícolas, e os produtores domésticos não podem competir com a enxurrada de importações.” (STIGLITZ, J. A maldição dos recursos naturais. *Valor Econômico*, São Paulo, 12 ago. 2004. Caderno A, p 12. Disponível em: <<http://www.amazonia.org.br/ef/opiniaio/print.cfm?id=119932>>. Acesso em: 17 set.08.

Tabela 6: Rússia - Indicadores Econômicos Básicos, 1998-2003

	1998	1999	2000	2001	2002	2003
PIB (US\$ bilhões, pela taxa de câmbio oficial)	271,038	195,907	259,702	306,583	345,486	431,429
Crescimento Real do PIB	-5,3	6,4	10	5,1	4,7	7,3
Crescimento da Formação Bruta de Capital Fixo	16,15	14,39	16,86	18,89	17,92	18,37
Inflação (Índice de Preços ao Consumidor)	84,40	36,50	20,20	18,60	15,10	12,00
Taxa de juros de longo prazo (% a.a.)	41,80	39,70	24,40	17,90	15,70	13,00
CDI (% a.a.)	50,60	14,80	7,10	10,10	8,20	3,80
Média da taxa de câmbio (rublo/dólar)	9,71	24,62	28,13	29,17	31,35	30,69
População (milhões)	148,34	147,93	147,42	146,83	146,16	145,44
Crescimento da População	-0,22	-0,28	-0,34	-0,40	-0,46	-0,49
Desemprego	13,30	13,00	10,60	9,00	7,90	8,20
Exportações (US\$ bilhões)	84,65	81,95	112,66	112,09	120,32	149,88
Importações (US\$ bilhões)	60,17	43,64	50,15	62,46	69,67	84,47
Conta Corrente (US\$ bilhões)	0,21	24,62	46,84	33,93	29,12	35,91
Conta Corrente (% do PIB)	0,1	12,6	18,1	11,1	8,4	8,2
Balanço Orçamentário (% do PIB)	-5,3	-0,5	3,5	3,1	0	1
Reservas brutas em moeda estrangeira (US\$ bilhões)	12,2	12,5	28	36,6	47,8	96,9

Fontes: CBR (2008), FMI (2008), FSSS (2008) e OECD (2008)

Por outro lado, o drástico aumento das importações fez que a contribuição das exportações líquidas para o crescimento fosse negativa ou irrelevante desde metade de 2000, como pode ser visto no Gráfico 1.

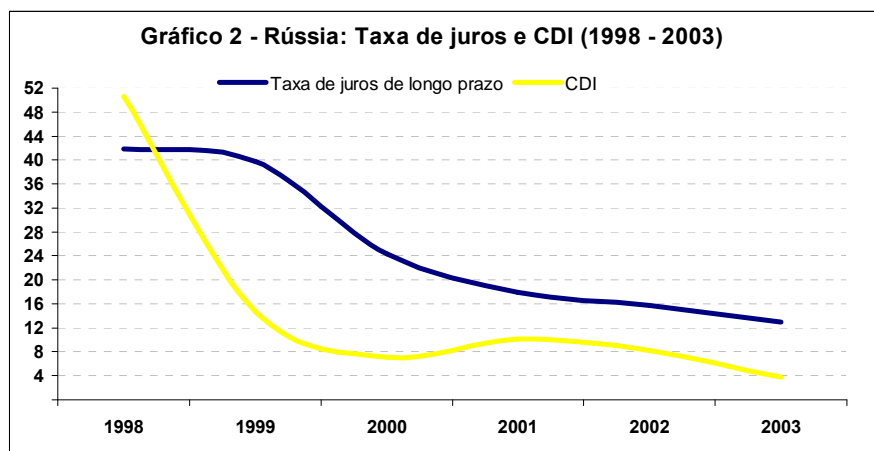


Fonte: OECD (2008)

Todavia, isso não quer dizer que o papel dos setores voltados para a exportação diminuiu. Pelo contrário: esses setores continuaram a ser os que mais contribuíram para o crescimento da produção industrial. O papel da produção doméstica no mercado interno vem caindo desde 1999, sendo que, desde 2002, o aumento dessa demanda interna foi satisfeito por mais importações. Assim, enquanto a rápida elevação das importações fez que a contribuição das exportações líquidas para o crescimento se tornasse negativa, o crescimento econômico provavelmente teria sido fraco, não fosse pela força das exportações.

Do lado da demanda, é importante notar que o crescimento tem sido impulsionado pela elevação do consumo privado, que aumentou, em média, mais de 8% ao ano, desde 2000. Esse consumo, por sua vez, é apoiado pela ampliação do poder real de compra das famílias, resultante de maior renda disponível e da apreciação da taxa de câmbio. Os salários reais aumentaram 82%, entre 1999 e 2003 e, neste último ano, estavam em um nível 28% mais alto do que aquele verificado antes da crise no início de 2004. Até o fim de 2003, a melhoria na produtividade era suficiente para contrabalançar os efeitos negativos das altas salariais e da taxa de câmbio na competitividade do país.¹¹⁰ A queda nas taxas de juros também contribuiu para o crescimento do PIB, uma vez que o crédito ficou mais barato, fomentando a demanda interna.

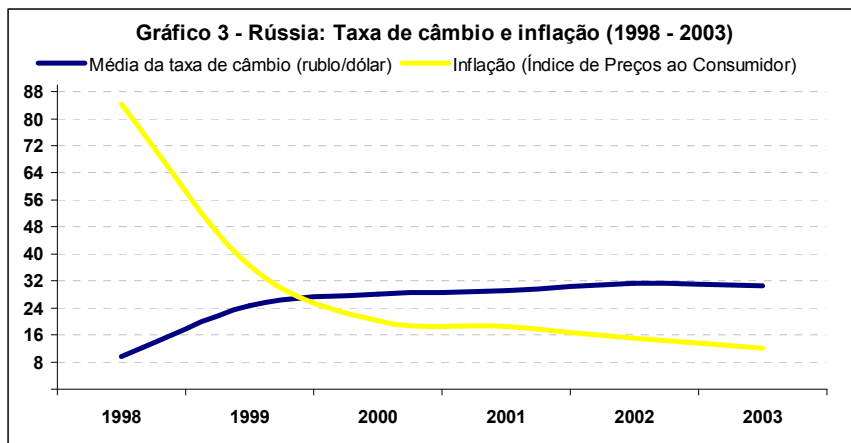
¹¹⁰ Veja-se: OECD, 2007, op. cit.



Fonte: FMI (2008)

A política fiscal mais prudente foi, certamente, um dos fatores que mais contribuíram para a sustentação do crescimento russo no período analisado. Os gastos do governo foram reduzidos em cerca de 10% após a crise, enquanto a relação receita/PIB permaneceu nos mesmos níveis pré-crise. A partir de 2000, os orçamentos federais foram feitos com estimativas conservadoras para os preços de petróleo. Isso fez que os orçamentos apresentassem superávits consideráveis. Assim, caso os preços do petróleo caíssem, poderiam compensar déficits. As receitas aumentaram em função das boas condições do comércio e do crescimento. O governo utilizou esse excedente para quitar parte da dívida, além de acumular reservas, que foram colocadas em um fundo de estabilização. Os esforços fiscais acabaram por reavivar também os investimentos privados, já que aumentaram a confiança do empresariado. A reforma fiscal permitiu simplificar a cobrança de impostos, ao mesmo tempo em que diminuiu as distorções. Certos tributos foram reduzidos, enquanto algumas bases de contribuição foram aumentadas. O sistema também procurou obter maior contribuição dos lucros dos setores de recursos naturais, especialmente de petróleo e gás.

A política monetária, durante o primeiro governo Putin, não foi muito rígida. O intuito era a redução gradual da inflação enquanto se tentava evitar a rápida apreciação real do rublo, a fim de não se limitar a competitividade do país. Assim, o CBR começou a realizar intervenções no mercado cambial. Porém, a falta de uma política concreta levou ao acúmulo de reservas e à expansão monetária. A inflação mostrou arrefecimento, tendo sido beneficiada pela apreciação real da taxa de câmbio, apesar de ainda ter permanecido em patamar elevado (Gráfico 3).



Fontes: CBR (2008) e FMI (2008)

O regime cambial russo foi relativamente flexível no período, com a taxa nominal sofrendo forte desvalorização, ao mesmo tempo em que a taxa real se apreciava, em função da queda da inflação. O país fazia uso do câmbio flutuante administrado, com conversibilidade parcial da conta de capital.

Do ponto de vista dos fluxos de capitais, os fluxos de curto prazo somente em 2003 se tornaram positivos, já que os fluxos de saída de capitais mais que compensavam os empréstimos externos feitos pelos bancos e setor corporativo russo. O investimento direto estrangeiro permanece pequeno, devido em parte à dificuldade do ambiente de negócios no País e, também, em função da predominância de transações *'offshore'* para grandes investimentos.¹¹¹

Assim, a economia russa, ao final do primeiro governo de Vladimir Putin, já se mostrava totalmente recuperada da crise de 1998. Apesar de grande parte da melhora apresentada se dever a fatores externos, como o crescimento mundial generalizado e os altos preços das *commodities*, é inquestionável que o país foi beneficiado. De qualquer forma, no início do segundo governo de Putin, um dos maiores desafios a serem enfrentados era a redução dos riscos associados a uma economia baseada na produção e na exportação de recursos naturais, combinando-a com uma reforma estrutural das instituições.

¹¹¹ FERRARI-FILHO & PAULA, 2006, op. cit., p. 13.

3.2 O Segundo Governo Putin (2004 – 2008)

Em 14 de março de 2004, foram realizadas eleições presidenciais na Rússia, pela terceira vez desde a queda da URSS, em 1991. Assim como em 2000, a escolha do presidente ocorreu logo após a eleição da Duma, em dezembro de 2003. A configuração da Câmara Baixa sofreu grande mudança, pois a *Unidade* assegurou 2/3 dos assentos, impulsionada pela aliança com o presidente. A oposição, por sua vez, viu sua força drasticamente diminuída, reduzindo-se, conseqüentemente, sua influência no cenário político russo. Assim, os candidatos à eleição presidencial acabaram por personificar essa fraqueza, já que eram, em sua grande maioria, desconhecidos nacionalmente e com baixo apoio da opinião pública.

Em 24 de fevereiro de 2004, em mais um movimento para consolidação de seu poder em detrimento da oligarquia, Putin demitiu todo o gabinete de governo. A medida visava atingir o então primeiro-ministro, Mikhail Kasyanov, remanescente dos tempos de Yeltsin e forte aliado dos oligarcas. A Constituição não permitia a demissão do primeiro-ministro sem que todo o gabinete fosse removido. A ação acabou por incrementar a visão da população de que Putin estava totalmente comprometido com o corte de laços com a administração anterior. A grande aprovação popular se refletiu nas urnas, como mostra a tabela abaixo. Putin reelegeu-se com vitória maciça e elevado índice de comparecimento às urnas.

Tabela 7: Resultado das eleições presidenciais russas - 2004

Candidato	Partido	Número de Votos	%
Vladimir Putin	Nenhum, mas apoiado pela Unidade	49.565.238	71,31
Nikolay Kharitonov	Agrário da Rússia/Comunista	9.513.313	13,69
Sergey Glazyev	Nenhum, mas apoiado pelo Rodina	2.850.063	4,10
Irina Hakamada	-	2.671.313	3,84
Oleg Malyshkin	Liberal Democrático	1.405.315	2,02
Sergey Mironov	Partido Russo da Vida	524.324	0,75
Contra Todos		2.396.219	3,45
TOTAL		68.925.785	

Fonte: OSCE (2004, p. 26)

Cabe aqui destacar a opção “contra todos”, que gerou grande controvérsia. Segundo estudo conjunto da *Organization for Security and Co-operation in Europe* e do *Office for Democratic Institutions and Human Rights* (OSCE/ODIHR),

(...) uma vez que eleições tratam de representação, é difícil reconciliar a opção ‘contra todos’ com a definição comum de democracia representativa – ‘contra todos’ deixa implícito que os eleitores podem escolher não ser

representados. A opção de não participar na eleição, ou o voto nulo, já deveriam ser consideradas indicações suficientes do descontentamento dos eleitores com os candidatos. A metodologia utilizada para a contagem dos votos ‘contra todos’ e determinar o resultado do pleito podem ser considerados controversos. No momento de determinação do número de votantes, os votos ‘contra todos’ têm o mesmo status dos outros. Porém, no momento de apuração do vencedor, os votos ‘contra todos’ são considerados inválidos, podendo influenciar os resultados apenas se se sobrepuserem em relação a cada um dos outros candidatos. Eleitores que fazem tal escolha podem não ter certeza do impacto potencial que sua opção pode ter.¹¹²

No campo econômico, o governo russo optou por manter as mesmas diretrizes do mandato anterior, o que implicava a manutenção de grande dependência das exportações de recursos naturais e, conseqüentemente, das cotações internacionais. Um cenário externo favorável combinado à continuidade do aumento da demanda interna permitiu que a economia russa seguisse apresentando taxas robustas de crescimento, como evidenciado na tabela 8.

Tabela 8: Rússia - Indicadores Econômicos Básicos, 2003-2007

	2003	2004	2005	2006	2007
PIB (US\$ bilhões, pela taxa de câmbio oficial)	431,429	591,861	764,227	988,671	1.289,582
Inflação (Índice de Preços ao Consumidor)	15,10	11,70	10,90	9,00	11,90
População (milhões)	145,44	144,70	143,95	143,22	142,10
Crescimento da População	-0,49	-0,51	-0,51	-0,51	-0,78
Taxa de juros de longo prazo (% a.a.)	13,0	11,4	10,7	10,4	10,0
CDI (% a.a.)	3,8	3,3	2,7	3,4	4,4
Média da taxa de câmbio (rublo/dólar)	30,68	28,81	28,78	27,18	25,57
Exportações (US\$ bilhões)	122,76	202,23	266,21	332,48	354,40
Importações (US\$ bilhões)	84,47	108,87	137,45	182,47	223,49
Conta Corrente (US\$ bilhões)	35,91	59,51	84,44	94,36	76,16
Conta Corrente (% do PIB)	8,2	10,1	11,1	9,7	5,1
Reservas brutas em moeda estrangeira (US\$ bilhões)	96,9	124,5	182,2	303	474

Fontes: CBR (2008), FMI (2008), FSSS (2008) e OECD (2008)

A maior demanda interna se apoiou na elevação dos salários, que aumentaram 32% ao ano (14% de crescimento real) entre 2000 e 2007, e na expansão do crédito (média de

¹¹² OFFICE FOR DEMOCRATIC INSTITUTIONS AND HUMAN RIGHTS (OSCE/ ODIHR), Russian Federation Presidential Election, 14 March 2004, *OSCE/ODIHR Election Observation Mission Report*. pp. 11-12. (Tradução nossa – D.A.C.) Disponível em: <http://www.osce.org/documents/odihr/2004/06/3033_en.pdf>. Acesso em: 09 out. 2008.

crescimento anual de 47% desde 1999) que, em 2007, correspondia a cerca de 40% do PIB.¹¹³

Como explicitado por Anna Dorbec:

O rápido crescimento da economia russa é inteiramente baseado na demanda doméstica: a contribuição das exportações líquidas tem sido negativa desde 2004, devido à pouca competitividade do setor manufatureiro e do comportamento ruim das indústrias extrativas em termos de volume. O crescimento vem sendo liderado pela explosão do consumo (média de 12% ao ano desde 2004) e, desde 2007, pelo rápido aumento dos investimentos (20,8% em 2007, 14% nos sete primeiros meses de 2008, na comparação ano a ano). Os setores de serviços e de construção são os que crescem mais rapidamente, enquanto a indústria tem apresentado comportamento mais modesto (alta de 5,4% nos primeiros sete meses de 2008, na comparação ano a ano): a estagnação nas indústrias extrativas (alta de apenas 0,2% nesse período) é apenas parcialmente compensada pelo forte crescimento do setor manufatureiro (7,8%).¹¹⁴

Desse modo, a questão que se levanta, então, refere-se ao plano de ação a ser adotado para que taxas altas de crescimento possam ser obtidas no médio e longo prazos. Rudiger Ahrend argumenta que, para que a economia siga crescendo, é necessário que as exportações aumentem mais rapidamente do que as importações. No caso russo, as importações consistem, em grande parte, de bens de consumo que não têm similar nacional ou que estes não sejam competitivos. Como as importações tendem a crescer de acordo com a renda disponível – a qual vem aumentando fortemente –, seria então necessário que as exportações crescessem, no mínimo, na mesma velocidade.¹¹⁵

A título de exemplo, explicita-se, na tabela abaixo, a dependência russa das exportações de petróleo, além do aumento das cotações do produto durante os dois governos de Putin. Em 2002, por exemplo, as exportações de petróleo (valor em US\$ do petróleo tipo *Ural*) respondiam por 24% do total de exportações do país. Em 2005, já haviam elevado sua participação para 31% do total.

¹¹³ Veja-se: DORBEC, A. *Overheating in Russia: towards a soft landing?* Ago/Set. 2008. pp. 3-4. Disponível em: <[http://economicresearch.bnpparibas.com/applis/www/RechEco.nsf/Conjoncture%20By%20DateEN/E72265B29D18C47EC12574CE0028AD89/\\$File/C0809_A1.pdf?OpenElement](http://economicresearch.bnpparibas.com/applis/www/RechEco.nsf/Conjoncture%20By%20DateEN/E72265B29D18C47EC12574CE0028AD89/$File/C0809_A1.pdf?OpenElement)>. Acesso em: 28 out. 2008.

¹¹⁴ Ibid, p. 1. (Tradução nossa – D.A.C.)

¹¹⁵ Veja-se: AHREND, R., *How to Sustain Growth in a Resource Based Economy?: The Main Concepts and their Application to the Russian Case*, 2006, *OECD Economics Department Working Papers*, No. 478, OECD Publishing. doi:10.1787/622880627053, pp. 20-21. Disponível em: <<http://www.unece.org/ead/sem/sem2005/papers/Ahrend.pdf>>. Acesso em: 14 abr.2008.

Tabela 9: Rússia - Exportações de Petróleo, 2000-07

	Exportações		Taxas de crescimento		Média de preço de exportação, US\$/baril		
	Total		Total		Total	dos quais	
	Volume, mln. tons	Valor, mln. US\$	Volume	Valor		com países não-membros da CEI*	com países da CEI
2000	144,4	25.271,9	107	178,5	23,94	24,58	19,12
2001	164,5	24.990,3	113,9	98,9	20,78	21,39	17,14
2002	189,5	29.113,1	115,2	116,5	21,02	22,24	15,21
2003	228	39.679,0	120,3	136,3	23,81	24,88	18,31
2004	260,3	59.044,8	114,2	148,8	31,02	31,78	26,88
2005	252,5	83.438,0	97	141,3	45,21	47,1	34,58
2006	248,4	102.282,9	98,4	122,6	56,32	58,79	42,31
2007	258,6	121.502,8	104,1	118,8	64,28	66,4	51,71

*CEI – Comunidade dos Estados Independentes.

Fonte: CBR (2008)

Assim, se o país desejar depender menos dos produtos de baixo valor agregado, é necessário o aumento de investimentos em bens de capital e modernização do parque industrial. A representatividade dos manufaturados na pauta de exportação russa deverá permanecer modesta no curto prazo, até que haja maturação dos investimentos já realizados e ampliação da capacidade produtiva.

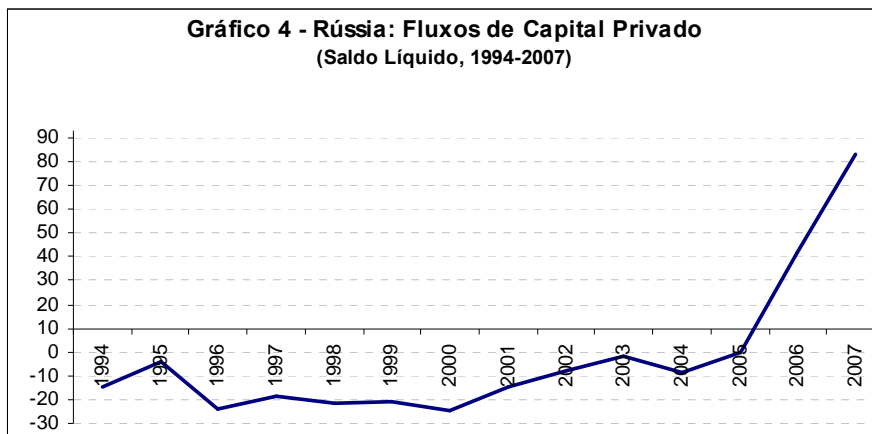
Os fluxos de capital na Rússia aumentaram consideravelmente desde o primeiro governo de Putin, como mostram a tabela e o gráfico a seguir. O crescimento das entradas pode ser atribuído à liquidez global e de suas taxas de juros mais elevadas do que a média mundial no período. Porém, desde o início da crise no mercado hipotecário americano, na segunda metade de 2007, as entradas de capital mostraram forte desaceleração, sendo suplantadas pelas saídas em US\$ 9,4 bilhões no terceiro trimestre.

Tabela 10: Rússia - Fluxos de Capital Privado, 1994-2007 (US\$ bilhões)

	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Saídas	-15,4	-5,4	-28,4	-31,1	-20,5	-14,4	-18,4	-11,4	-19,6	-25,6	-41,3	-63,3	-71,2	-99,1
Entradas	2,2	10,7	12,3	21,6	8,3	2,1	3,2	6,4	17,9	33,4	38,8	71,6	103,9	180,2
Saldo Líquido	-14,4	-3,9	-23,8	-18,2	-21,7	-20,8	-24,8	-15	-8,1	-1,9	-8,9	0,1	41,8	83,1
Saldo como % da conta corrente	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Saldo como % do PIB	184,6	-55,4	-220,4	-18,2	-21,7	-84,6	-53	-44,3	-27,8	-5,4	-15	0,1	41,7	120,6
	-5,2	-1,2	-6,1	-4,5	-8	-10,6	-9,6	-4,9	-2,3	-0,4	-1,5	0	6,4	7,8

Nota: As saídas e entradas de capital foram calculadas excluindo-se o movimento de capital ilegal. O saldo considerou o movimento líquido de capital ilegal. Assim, os valores das saídas e entradas não coincidem com o do saldo líquido.

Fonte: CBR (2008)



Fonte: CBR (2008)

Esse movimento precipitou uma elevação nas taxas de juros para pessoas jurídicas, prejudicando sobremaneira as empresas, acostumadas a se recapitalizar por meio de empréstimos a custo quase nulo. Dados do CBR mostram uma situação preocupante em relação à dívida externa privada, que vem crescendo desde 2002. No primeiro semestre de 2007, ela aumentou 31,4%, atingindo US\$ 343 bilhões. Mais alarmante ainda é a participação da dívida privada na dívida externa russa, que passou de 20,9% do total em 2002 para impressionantes 89,1% em 2007.

Assim como no primeiro mandato, a presença do Estado continuou crescendo. O aparato federal aumentou de 377 mil funcionários para 593 mil no período compreendido entre 2001 e 2005, e mais 8% em 2006.¹¹⁶ Porém, em vez de aumentar a regulação e supervisão econômica, o crescimento do funcionalismo público parece ter servido somente para estimular ainda mais a burocracia e a corrupção, endêmicas no Estado russo. Ações arbitrárias do governo, em especial no que tange aos tributos, fizeram que o ambiente de negócios sofresse sérios reveses.

Desde meados de 2003, a companhia de petróleo Yukos, que foi privatizada, se tornou centro de uma campanha política e legal liderada pelo Estado contra seus acionistas. (...) Investidas similares foram feitas contra outras empresas, nos planos regional e federal. Os resultados da deterioração do ambiente de negócios foram logo sentidos. Enquanto o crescimento do PIB foi de 7,1% em 2004, reduziu-se ao longo do ano, à medida que os investimentos e a extração de petróleo se desaceleraram e a fuga de capitais

¹¹⁶ Veja-se: FMI, 2008, op. cit..

aumentou fortemente. Tudo isso apesar de um estímulo fiscal significativo e de melhor resultado da balança comercial.¹¹⁷

A presença estatal é fundamental para o crescimento econômico de um país, mas quando essa presença torna-se muito forte, com elevado grau de burocracia, acaba por reprimir a inovação e os investimentos privados, também cruciais para o crescimento. No caso russo, o tópico é ainda mais relevante em função do histórico de autoritarismo no país. É impossível que o país avance sem que haja diminuição nos níveis de corrupção e maior transparência no ambiente de negócios. Outro ponto central para a economia russa ao final do segundo governo de Putin diz respeito à capacidade (e interesse) do governo em articular um modelo de desenvolvimento sustentável e que seja capaz de suplantar os ciclos políticos, e não apenas se adequar a eles.

3.3 Balanço e Perspectivas

Em março de 2008, foram realizadas eleições presidenciais. O pleito foi facilmente vencido por Dmitri Medvedev, candidato do Kremlin, que obteve cerca de 70% dos votos. Porém, mais importante do que a eleição em si, foi a nomeação de Vladimir Putin para o cargo de primeiro-ministro.

Com os desenvolvimentos vistos até agora, o que se percebe é que Putin não mais detém o cargo de presidente, embora continue a, de fato, governar a Rússia. Dessa forma, o país tem mantido as mesmas diretrizes que deram o tom durante seus dois mandatos como presidente, especialmente no que tange à força de sua figura.

Entre os fatos mais marcantes da presidência de Medvedev, destacam-se a entrada do país em novo conflito militar, desta vez contra a vizinha Geórgia, e a atual crise, ao mesmo tempo sistêmica e cíclica do capitalismo, que assola o mundo.

Esta crise originou-se, em grande medida, no mercado imobiliário americano, espalhando-se posteriormente pelo mundo. O longo período de baixas taxas de juros praticadas pelos Estados Unidos nos anos 2000 – como maneira de estimular o crescimento – serviu como combustível ao setor imobiliário, em crescimento desde a década de 1990.

Assim, pouco a pouco, as exigências para a obtenção de crédito foram reduzidas, e pessoas que normalmente não se qualificariam a um empréstimo, puderam obter

¹¹⁷ AHREND, 2006, op. cit., pp. 222-23. (Tradução nossa – D.A.C.)

financiamento. O volume dessa categoria de empréstimos (“*subprime*”, ou de segunda linha) foi gradualmente aumentando, e instituições financeiras começaram a negociar garantias desses pagamentos entre si, partindo do pressuposto de que os preços dos imóveis subiriam indefinidamente. Foram criados produtos derivados dessas hipotecas, que proporcionavam elevados ganhos, já que o risco era maior. Instituições ao redor do mundo começaram a negociar esses títulos, aumentando o tamanho e a interligação dessa cadeia. A baixa regulamentação do setor, combinada à política econômica vigente de não-intervenção estatal, contribuíram para aumentar o problema.

O estopim da crise ocorreu em agosto de 2007, quando o banco francês *BNP Paribas* congelou o saque de alguns de seus fundos que aplicavam no segmento *subprime*, alegando ser impossível contabilizar as perdas reais desses fundos. No início de 2008, o governo americano interveio para impedir a quebra de bancos e agências hipotecárias com problemas de liquidez, adiando uma crise que é sistêmica. Porém, em setembro, nada foi feito para impedir a quebra do banco *Lehman Brothers*, que acabou por levar à deflagração da crise, com a quebra de confiança no sistema. A esse respeito, Luiz Gonzaga Belluzzo e Júlio César Gomes de Almeida, afirmam que:

A ruptura no estado de confiança, o abandono das convenções que vinham regendo um certo estado da economia, significa que os produtores privados não podem mais continuar tomando decisões sem levar em conta a incerteza radical em que estão mergulhados. (...) a avaliação da riqueza (expectativas de longo prazo) e a incerteza radical (não o risco) paralisam e negam os novos fluxos de investimento, a produção corrente e o emprego, ainda que os efeitos-riqueza possam estar presentes.¹¹⁸

Desde então, houve uma forte redução da liquidez nos mercados internacionais, com aversão ao risco, e instalou-se a crise de confiança, além de haver aumento das taxas interbancárias e dos *spreads*. Apesar de esforços conjuntos dos dirigentes das principais economias mundiais para a estabilização do sistema, este ainda se mostra bastante volátil.

(...), não existe qualquer mecanismo de segurança capaz de cobrir o risco do conjunto do sistema, em face de uma tendência de avaliação de risco que vá numa única direção (baixista). Quando os agentes decidem realizar as mesmas posições ao mesmo tempo, o mercado quebra. Assim, as operações de cobertura de risco - eficazes aos agentes tomados isoladamente - podem, devido à concentração de ordens em momentos de instabilidade, constituir

¹¹⁸ BELLUZZO, L.G. & ANDRADE, J.C.G. de. Enriquecimento e Produção: Keynes e a Dupla Natureza do Capitalismo. In LIMA, G. T. *et al* (Org.). *Macroeconomia Moderna: Keynes e a Economia Contemporânea*. Rio de Janeiro: Campus, 1999. pp. 255-256.

um fator suplementar de desestabilização e de perda de liquidez, já que reforçam a unanimidade. A necessidade de obter recursos monetários para liquidar posições pode transmitir a vulnerabilidade ao resto do sistema.¹¹⁹

Obviamente, a Rússia não foi poupada dos efeitos da crise. Na verdade, o país foi um dos mais afetados. De janeiro até outubro de 2008, os índices de suas duas bolsas, a MICEX (denominada em rublo) e a RTS (denominada em dólar), acumulam perdas de 61,49% e 66,88%, respectivamente, tendo que ser fechadas diversas vezes devido às fortes oscilações. Os fluxos de capitais registraram saídas de US\$ 18 bilhões apenas nas duas primeiras semanas de outubro.

Entre os desdobramentos da crise, é evidente que o mundo entrará em um período de baixo crescimento, senão de depressão, a partir de 2009. Relatório de novembro de 2008 do FMI relata que:

As perspectivas para o crescimento global deterioraram-se no último mês, com a continuidade da desalavancagem do setor financeiro e queda na confiança dos consumidores e produtores. Desse modo, a projeção de expansão do produto mundial em 2009 foi reduzida em $\frac{3}{4}$ pontos percentuais, para 2,2%. Nas economias avançadas, a projeção é de contração de 0,25% na base anual, primeiro recuo no período pós-guerra. Nas economias emergentes, a projeção é de crescimento mais vagaroso, mas ainda assim alcançando 5% em 2009.¹²⁰

No caso específico da Rússia, o Fundo também revisou suas projeções. Para 2008, a estimativa é de crescimento de 6,8%, ante os 7% projetados anteriormente. Para 2009, a projeção é de crescimento de 3,5%, queda de 2% em relação ao estimado anteriormente. Em relação ao preço médio do petróleo (dos tipos *Brent*, *Dubai* e *West Texas Intermediate*), o FMI estima que, em 2009, este cairá 31,8% em relação ao preço médio de US\$ 71,13 apresentado em 2007.¹²¹

As economias centrais enfrentarão, no mínimo, uma recessão. O menor crescimento projetado já derrubou os preços das principais matérias-primas (o WTI passou de US\$ 117, em julho de 2008, para US\$ 70,43 em outubro). As exportações russas serão fortemente afetadas pela queda desses preços e, conseqüentemente, seu crescimento será reduzido.

¹¹⁹ FARHI, M. *O Futuro no presente: um estudo dos mercados de derivativos financeiros*. Campinas, 1997. Tese (doutoramento). Instituto de Economia, Unicamp. p. 272. Disponível em: <<http://www.eco.unicamp.br:8888/seer/ojs/include/getdoc.php?id=213&article=163&mode=pdf>>. Acesso em: 28 out. 2008.

¹²⁰ FMI. Rapidly Weakening Prospects Call for New Policy Stimulus. *World Economic Outlook Update*, 6. nov. 2008, p. 1. (Tradução nossa – D.A.C) Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2008/update/03/pdf/1108.pdf>>. Acesso em: 6 nov. 2008.

¹²¹ Idem, 2008, op. cit., p. 5.

Alguns autores analisaram profundamente as crises do capitalismo. Seus estudos permitem melhor compreensão dos eventos que tomam conta do mundo atualmente. Primeiramente, destaca-se a contribuição de Paul Sweezy para a discussão. Para ele, as crises são inerentes ao modo de produção capitalista.

Pela natureza mesma do processo de circulação, todo capitalista individual é continuamente chamado a escolher entre duas atitudes: ou lança seu capital de volta à circulação, ou o conserva na forma de dinheiro. A longo prazo, é certo, essas alternativas não existem; se ele quiser continuar como capitalista, mais cedo ou mais tarde terá de reinvestir seu capital. (...) É princípio geralmente aceito o de que, se a taxa de lucro cai abaixo daquele nível em todas, ou quase todas, as indústrias ao mesmo tempo, nada se poderá ganhar pelo deslocamento de uma para outra. Quando isso ocorre, os capitalistas não têm obrigação de continuar a reinvestir dentro do que consideram como condições desfavoráveis; podem adiar o reinvestimento até que as condições sejam novamente favoráveis, ou melhor, até que a taxa de lucro volte ao habitual ou se tenham reconciliado com uma nova forma de taxa mais reduzida. Nesse meio tempo, o adiamento do reinvestimento terá interrompido o processo de circulação e provocado uma crise e a superprodução. A crise e a produção subsequente são, de fato, parte do mecanismo pelo qual a taxa de lucro é restabelecida, completa ou parcialmente, em seu nível anterior. Não é exato, portanto, que a taxa de lucro deva desaparecer ou se tornar negativa, a fim de produzir uma crise. É necessário apenas induzir os capitalistas a começar a reter seu capital em forma de dinheiro, à espera da volta de condições mais favoráveis. Dessa forma, a continuidade do processo de circulação é interrompida, e a crise se precipita.¹²²

Interessante notar que Belluzzo, apesar de ser defensor das idéias de Keynes, tem visão similar à de Sweezy, contribuindo assim para o enriquecimento da discussão e para o fortalecimento da tese de ciclicidade do modo de produção capitalista.

Hoje, prevalecendo a confiança no bom andamento dos negócios, o dinheiro que se gasta ou se ‘aplica’ parece fácil de ser recuperado amanhã. Mas amanhã os resultados previstos ontem podem parecer decepcionantes. A confiança é, então, subitamente substituída pelo medo e pelo desejo de proteção. Nesta perspectiva, a história do capitalismo pode ser contada através da alternância entre fases de otimismo e prosperidade, seguidas de desalento e declínio do ritmo de atividade. Essa alternância não raro se apresenta sob a forma exacerbada: períodos de euforia especulativa sucedidos por crises financeiras. Este comportamento cíclico tem assumido, no entanto, diversas configurações e diferentes graus de severidade, de acordo com as regras e instituições que presidem cada uma das etapas da economia capitalista.¹²³

¹²² SWEEZY, P. *Teoria do desenvolvimento capitalista*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. pp. 172-173.

¹²³ BELLUZZO, L.G. Dinheiro e as transfigurações da riqueza in TAVARES, M. da C. & FIORI, J.L. (Org.). *Poder e dinheiro: Uma economia política da globalização*. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. pp. 151-152.

John Kenneth Galbraith¹²⁴ também analisou o tema, enfatizando a Grande Depressão da década de 1930. Para ele, as recessões e crises originam-se de um “choque de especulação”, que se transformam em crises de confiança. Ele ressalta que a importância está no fato de surgirem questionamentos acerca do sistema, e não no primeiro fato que os provoca. Em 1936, Keynes escreveu:

Num dos maiores mercados de investimento do mundo, a saber, o de New York, a influência da especulação é enorme. Mesmo fora do campo das finanças, a tendência dos americanos é atribuir um interesse excessivo na descoberta do que a opinião julga ser a opinião média e esse pendor nacional encontra seu castigo na Bolsa de Valores. (...) Os especuladores podem não causar dano quando são apenas bolhas num fluxo constante de empreendimento, mas a situação torna-se séria quando o empreendimento se converte em bolhas no turbilhão especulativo. Quando o desenvolvimento do capital em um país se converte em subproduto das atividades de um *cassino*, o trabalho tende a ser malfeito.¹²⁵

No caso da Rússia, além das incertezas no campo econômico, o conflito com a Geórgia fragilizou o país politicamente. Os russos invadiram a Geórgia após esta ter atacado a região separatista da Ossétia do Sul (oficialmente território georgiano), cuja maioria da população é, majoritariamente, de origem russa. Segundo Pomeranz, a guerra opôs, de um lado, os interesses russos e, do outro, os interesses americanos, dos quais a Geórgia é aliada.

A questão de fundo no confronto de interesses não é ideológica, tampouco tem a ver com a defesa messiânica da democracia, decantada pelos EUA de Bush. Em minha opinião, trata-se, por um lado, de uma luta pelo poder hegemônico mundial dos EUA e da manutenção do espaço da antiga URSS como área regional de influência geopolítica da Rússia; e, por outro lado, dos esforços – especialmente europeus – de redução da dependência energética (petróleo e gás) da Rússia. Poder e petróleo são, a meu ver, as coordenadas da equação geopolítica internacional que envolve a Rússia e o Ocidente.¹²⁶

Até o momento, o confronto ainda não foi totalmente solucionado. As tropas russas iniciaram desocupação das regiões invadidas, porém, a tensão e instabilidade permanecem. Assim, as turbulências atualmente verificadas no mundo impedem que qualquer projeção seja feita em relação à economia russa e a seu papel político no futuro.

¹²⁴ Veja-se: GALBRAITH, J.K., *A Era da Incerteza*. São Paulo: Pioneira, 1979.

¹²⁵ KEYNES, J. M.. A teoria geral do emprego, do juro e da moeda. *Os Economistas*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 116.

¹²⁶ POMERANZ, L. *Questões para discussão sobre a guerra da Geórgia*. Setembro de 2008. p. 16. Disponível em: <http://www.fipe.org.br/publicacoes/downloads/bif/2008/9_16-18-pomer.pdf>. Acesso em: 28 out. 2008.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi a de elucidar as especificidades do capitalismo praticado na Rússia durante a era Putin. O tema é vasto e suscita diferentes interpretações, daí a impossibilidade de esgotá-lo nestas páginas. A seguir, os principais pontos abordados serão sintetizados.

A discussão foi iniciada com uma análise dos fatores que suscitaram a necessidade de reformas políticas e econômicas na URSS, ao final dos anos 1980. Retornou-se a 1945, quando do final da II Guerra Mundial e da emergência de duas superpotências mundiais, a URSS e os EUA, dando início ao período conhecido como Guerra Fria. Essa fase foi caracterizada pela tensão entre as duas potências, e marcada pela corrida armamentista e pela ameaça de novo conflito bélico de grandes proporções. Como consequência, os gastos militares aumentaram significativamente, impulsionando o desenvolvimento da indústria bélica.

Desde a década de 1970, porém, a URSS mostrou dificuldades em manter o ritmo de produção das décadas anteriores, o que acabou por provocar uma desaceleração econômica que se aprofundaria nas décadas seguintes. A baixa produtividade do trabalho e do capital, combinada à elevada burocracia da máquina estatal contribuíram para que, pouco a pouco, a produção soviética perdesse competitividade no mercado internacional e se tornasse obsoleta. Juntem-se a esses fatores a Revolução Científico-Técnica e as novas exigências que ela trazia consigo e às quais a URSS não aderiu prontamente. O país passou, então, a depender cada vez mais das exportações de matérias-primas, ao mesmo tempo em que aumentava a importação de produtos de alto valor agregado.

A tentativa de implementar mudanças está no cerne das reformas implantadas no país a partir dos anos de 1980. A URSS encontrava cada vez mais dificuldades em sustentar sua economia, especialmente quando o padrão de acumulação do excedente passou do capital produtivo para o financeiro. A estagnação soviética foi ficando cada vez mais patente, até chegar a um nível impossível de ser contornado. A queda de barreiras era incompatível com o modelo representado pela URSS. Daí a importância das tentativas de liberalização capitaneadas por Gorbachev, que culminariam na queda do socialismo e na implementação da economia de mercado.

Uma das principais características que diferencia o capitalismo hoje praticado na Rússia está na forma como foi feita a transição de uma economia controlada pelo Estado para

uma de mercado. Destaca-se aí a privatização em larga escala, processo levado a cabo de maneira questionável, pois levantou graves suspeitas de favorecimento e de ilegalidades. A ruptura da URSS foi apenas a face mais visível de um sistema cuja ruína havia sido iniciada décadas antes.

As reformas levaram a Rússia a uma longa e profunda recessão e o país perdeu muito da sua relevância no cenário internacional. A importância da Rússia só seria recuperada, parcialmente, ao final da década de 1990, conduzida pela figura de Vladimir Putin. O cenário externo de elevada liquidez, baixas taxas de juros e valorização das cotações das matérias-primas permitiram que a economia russa se recuperasse rapidamente.

É inegável que a queda da URSS foi um divisor de águas na História Contemporânea, já que eliminou um dos dois grandes pólos de influência internacional. O mundo ficou, então, à mercê de uma só potência, os Estados Unidos. Como dito anteriormente, as causas que levaram ao esfacelamento do império soviético foram, em grande parte, internas, tendo sido ocasionadas pelo imobilismo dos setores dirigentes, pela impossibilidade de se modernizar e pelo elevado grau de burocracia. Apesar de terem ocorrido mudanças desde a queda a URSS, a Rússia de hoje guarda muitos traços daquele período, tais como: a presença de um líder forte, que personifica os ideais russos de grandeza, o autoritarismo, e a dependência de importações de produtos manufaturados.

A crise que assola o mundo atualmente impede que se trace um panorama confiável para a economia russa no futuro. Desde setembro de 2008, os preços dos principais produtos da pauta de exportação do país caíram fortemente, o que certamente afetará negativamente a situação econômica do país. Adicionalmente, a Rússia é um dos países que mais têm sofrido com a fuga de capitais, uma vez que, em tempos de crise, os investidores tendem a rumar para os países considerados “seguros”, além da necessidade de cobrir perdas nos países de origem.

Nota-se, então, a necessidade de maior coordenação entre os objetivos políticos e econômicos do país, e não apenas que sejam traçados planos visando a próxima eleição. De qualquer maneira, é impossível negar a importância mundial do país, seja por sua extensão territorial, por sua capacidade militar, por seus recursos naturais ou por sua força política.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AHREND, R. How to Sustain Growth in a Resource Based Economy?: The Main Concepts and their Application to the Russian Case, *OECD Economics Department Working Papers*, No. 478, OECD Publishing. doi:10.1787/622880627053, 2006. Disponível em: <<http://www.unece.org/ead/sem/sem2005/papers/Ahrend.pdf>>. Acesso em: 14 abr.2008.
- BARAN, P. & SWEEZY, P. *Capitalismo monopolista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.
- BELLUZO, L.G. Dinheiro e as transfigurações da riqueza. In: TAVARES, M. da C. & FIORI, J.L. (Org.). *Poder e dinheiro: Uma economia política da globalização*. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- _____ & ANDRADE, J.C.G. de. Enriquecimento e Produção: Keynes e a Dupla Natureza do Capitalismo. In: LIMA, G. T. *et al* (Org.). *Macroeconomia Moderna: Keynes e a Economia Contemporânea*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- BIAGI, O.L. O Imaginário da Guerra Fria. *Revista de História Regional* 6(1): 61-111, 2001, p. 62. Disponível em: <<http://www.uepg.br/rhr/v6n1/Biagi.pdf>>. Acesso em: 14 abr.2008.
- BOCCARA, P. (Org.) *Le Capitalisme Monopoliste d'État. Économie et société*. Paris: Sociales, 1974.
- BOTTOMORE, T. (Org.) *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- CARDOSO, C. F. & BRIGNOLI, H. P. A evolução recente da ciência histórica. In: _____. *Os Métodos da História*. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1975.
- CARVALHO, M. A. de & SILVA, C. R. L. da. Mudanças na pauta das exportações agrícolas brasileiras. *Rev. Econ. Sociol. Rural*, Jan./Mar. 2008, vol.46, no.1, pp.53-73. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/resr/v46n1/a03v46n1.pdf>>. Acesso em: 17 set.08.
- CENTRAL BANK OF THE RUSSIAN FEDERATION (CBR), *Credit Statistics*, 2008. Disponível em: <http://www.cbr.ru/eng/statistics/credit_statistics/print.asp?file=inter_res_98_e.htm>.. Acesso em: 17 set. 08.
- CHESSNAIS, F. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996.

DESAI, P. Russian retrospectives on reforms from Yeltsin to Putin. *Journal of Economic Perspectives*, Vol.19, Nr. 1, 2005, p. 87–106. Disponível em: <<http://www.atypon-link.com/AEAP/doi/pdf/10.1257/0895330053147903?cookieSet=1>>. Acesso em: 27 jul. 2008.

DORBEC, A. *Overheating in Russia: towards a soft landing?* Ago/Set. 2008. Disponível em: <[http://economicresearch.bnpparibas.com/applis/www/RechEco.nsf/Conjoncture%20By%20DateEN/E72265B29D18C47EC12574CE0028AD89/\\$File/C0809_A1.pdf?OpenElement](http://economicresearch.bnpparibas.com/applis/www/RechEco.nsf/Conjoncture%20By%20DateEN/E72265B29D18C47EC12574CE0028AD89/$File/C0809_A1.pdf?OpenElement)>. Acesso em: 28 out. 2008.

FARHI, M. *O Futuro no presente: um estudo dos mercados de derivativos financeiros*. Campinas, 1997. Tese (doutoramento). Instituto de Economia, Unicamp. Disponível em: <<http://www.eco.unicamp.br:8888/seer/ojs/include/getdoc.php?id=213&article=163&mode=pdf>>. Acesso em: 28 out. 2008.

FEDERAL STATE STATISTICS SERVICE (FSSS). *Main indicators of System of National Accounts*, 2008. Disponível em: <http://www.gks.ru/bgd/free/b00_25/IssWWW.exe/Stg/dvvp/i000331r.htm>. Acesso em: 18 ago.2008.

FERRARI-FILHO, F. & PAULA, L.F. *Liberalização financeira e performance econômica: a experiência recente dos BRIC*, 2006. Disponível em: <http://www.corecon-rj.org.br/pdf/ced_bric_sep.pdf>. Acesso em: 18 ago.2008.

FISCHER, S. Russia and the Soviet Union Then and Now. *NBER (National Bureau of Economic Research) Working Paper, Cambridge-MA, No. 4077*, Maio/1992. Disponível em: <<http://www.nber.org/papers/w4077>>. Acesso em: 20 fev. 2008.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL (FMI). *International Financial Statistics*, 2008. Disponível em: <<http://www.imfstatistics.org/imf/>>. Acesso em: 17 set. 08.

_____. Rapidly Weakening Prospects Call for New Policy Stimulus. *World Economic Outlook Update*, 6 nov. 2008. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2008/update/03/pdf/1108.pdf>>. Acesso em: 6 nov. 2008.

GADDIS, J. *História da Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. p. 24.

GADDY & ICKES apud WEINSTEIN, N. Why Capitalism Founders in Russia. *Socialist Action*, Out. 1999. Disponível em: <<http://www.socialistaction.org/news/199910/russia.html>>. Acesso em: 12 dez 2007.

GALBRAITH, J.K., *A Era da Incerteza*. São Paulo: Pioneira, 1979.

GREIDER, W. *O mundo na corda bamba: como entender o crash global*. São Paulo: Geração Editorial, 1998.

GUSEV, D. *Russian Presidential Elections* – 96. 1996. Disponível em: <<http://www.acs.brockport.edu/~dgusev/Russian/bybio.html>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

HEIN, L. *Uma Nova Ordem Internacional*, s.d. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/nec/pggfria.htm>>. Acesso em: 14 abr. 2008.

HERNANDÉZ, J., *Who rules Russia today? An analysis of Vladimir Putin and his Political Project*. Out. 2003, pp. 3-11. Disponível em: <http://eprints.ucm.es/6371/1/UNISCI_DP_3_-_Morales.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2008.

HESLI, V. In: _____ & REISINGER, W. (Org.). *The 1999-2000 Elections in Russia: Their Impact and Legacy*. Cambridge University Press, 2003.

HOBBSAWM, E. *A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª ed., 1995.

JESSOP, B. *The Capitalist State*. New York: New York University Press, 1982.

KEYNES, J. M.. A teoria geral do emprego, do juro e da moeda. *Os Economistas*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

LÖWY, M. Leon Trotsky, profeta da Revolução de Outubro. *Revista Outubro*. 3 ed. Out/2005. Disponível em: <http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/03/out3_05.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2008.

MANDEL, E. *A Crise do Capital: os fatos e sua interpretação marxista*. Campinas: Ensaio/ Editora Universidade de Campinas, 1990.

_____. *Além da Perestroika*. São Paulo: Busca Vida, 1989, vol. 1.

_____. *O Capitalismo Tardio*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MENDONÇA, M. G. Impasses e desafios do processo contemporâneo de globalização. *Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo*. ANPUH/SP – UNESP/ Assis, 24-28 de julho de 2006. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XVIII/pdf/ORDEM%20ALFAB%20C9TICA/Marina%20Gusm%20de%20Mendon%20E7a.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

NISSANI, M. *Lives in the Balance: the Cold War and American Politics, 1945-1991*. (Online Version), 1992. Disponível em: <<http://www.is.wayne.edu/mnissani/PAGEPUB/lives.htm>>. Acesso em: 4 abr.2008.

OFFICE FOR DEMOCRATIC INSTITUTIONS AND HUMAN RIGHTS (OSCE/ ODIHR), Russian Federation Presidential Election, 14 March 2004, *OSCE/ODIHR Election Observation Mission Report*. Disponível em: <http://www.osce.org/documents/odihr/2004/06/3033_en.pdf>. Acesso em: 09 out. 2008.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OECD), *Russian Statistics*, 2008. Disponível em: <<http://stats.oecd.org/wbos/viewhtml.aspx?queryname=492&querytype=view&lang=em>>.. Acesso em: 17 set. 08.

PINTO, B. et al. *A Crise Financeira Russa*. 2005. Disponível em: <<http://129.3.20.41/eps/if/papers/0504/0504003.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2008.

PIRES, H. F. “Ethos” e mitos do pensamento único globaltotalitário. *Terra Livre*. São Paulo, n. 16, p. 153-168, 1o semestre/2001. Disponível em: <<http://www.charlespennaforte.pro.br/Hindenburgo%20Pires.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2008.

POMERANZ, L. A nova Rússia: resultados da transformação sistêmica. *Seminário N° 29/2004* – FEA/USP, Nov. 2004. Disponível em: <<http://www.econ.fea.usp.br/seminarios/artigos2/anovarussia.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2008.

_____. Eleições na Rússia: O Fenômeno Putin. *Sociedades em transformação*, Ano VI, N°4, Junho de 2000. Disponível em: <<http://ftp.unb.br/pub/download/ipr/rel/sociedades/2000/140revista.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2008.

_____. *Questões para discussão sobre a guerra da Geórgia*. Setembro de 2008. Disponível em: <http://www.fipe.org.br/publicacoes/downloads/bif/2008/9_16-18-pomer.pdf>. Acesso em: 28 out. 2008.

PORTER, M. *A Vantagem Competitiva das Nações*. Rio Janeiro: Campus, 1989.

RICARDO, J. *Crises Financeiras em Economias de Mercado Emergente: Origens, Ajustamento e Lições de Política*. 19 dez.2003. Disponível em: <http://www.ordemeconomistas.pt/files/Concursos/JVE/jve2004_economia.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2008.

RIORDAN, J. Entrar no jogo: pela Rússia, pelo dinheiro e pelo poder. *Análise Social*, 2006, no.179, p.477-498. pp. 477-478. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aso/n179/n179a08.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2008.

RODRIGUES, R.P. *O colapso da URSS: um estudo das causas*. Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo – USP. p.228, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-11072007-112541/>>. Acesso em: 18 fev. 2008.

SATO, E. A Agenda Internacional depois da Guerra Fria: Novos Temas e Novas Percepções. *Revista Brasileira de Política Internacional*, ano/ vol. 43, número 001, Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, p. 138-169, 2000. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/358/35843107.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2008.

| SEGRILLO, A. *O Declínio da URSS: um estudo das causas*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Excluído: .

| _____. *O Fim da URSS e a Nova Rússia: de Gorbachev ao pós-Yeltsin*. Petrópolis: Vozes, 2000a.

Excluído: .

SHEVTSOVA, L. *Putin's Russia*. Washington, D.C.: Carnegie Endowment, 2003.

STIGLITZ, J. A maldição dos recursos naturais. *Valor Econômico*, São Paulo, 12 ago. 2004. Caderno A, p. 12. Disponível em: <<http://www.amazonia.org.br/ef/opiniao/print.cfm?id=119932>>. Acesso em: 17 set. 08.

SWEEZY, P. *Teoria do desenvolvimento capitalista*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

WALLERSTEIN, I. *2008: a globalização neoliberal passou à história*. Disponível em: <<http://www.binghamton.edu/fbc/226pr.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2008.